

ESGOTOS E DRENAGEM DAS ÁGUAS DE LISBOA

APU impedida de discutir financiamento estrangeiro

«Não podemos admitir que sejamos afastados das negociações com o capitalismo internacional. Foi por esse motivo que ontem votámos contra uma proposta em que está contido um estudo para a criação de infra-estruturas de drenagem e tratamento de águas residuais da cidade de Lisboa» — afirmou-nos, esta manhã, o vereador Silva Graça, da APU, referindo-se à proposta, recusada pela Aliança Povo Unido, apresentada pelo presidente do Município, de um valor superior a 500 mil contos, proposta que tem como eventual financiador o Banco Mundial.

Silva Graça, reconhecendo embora a importância da obra, que não só beneficiará Lisboa, como ainda Loures, Oeiras e os concelhos da margem sul, declarou, no entanto, que se tratava de uma questão de princípio de que a Aliança Povo Unido não podia abdicar.

Declarou que por despacho do presidente Aquilino Ribeiro Machado, datado de 1977, ele era o vereador responsável (a tempo inteiro) por todas as obras que se venham a efectuar em Lisboa.



Silva Graça: «Como responsável pelo pelouro das obras de Lisboa, não posso ser afastado da discussão sobre empréstimos concedidos pelo capitalismo...»

«Sou o vereador — disse — que deve superintender quer na construção de um simples chafariz, quer na obra grandiosa ontem apresentada, em proposta, na reunião do Município».

Adiantou ainda Silva Graça que os negociadores do

Continua na pág. 20

DEPOIS DE APROVADO O OGE

Novo acordo com o FMI

«Parece incontroversa a necessidade de o País ser dotado de um Orçamento. Parece igualmente incontroversa a necessidade de se tentar progressivamente diminuir os défices, designadamente os défices correntes do Orçamento. Parece incontroverso que a proposta agora apresentada não ignore as críticas e sugestões relevantes que esta Assembleia achou por bem tecer sobre a anterior proposta. A esta Assembleia cabe decidir sobre a proposta em discussão».

Com a Assembleia da República relativamente concorde, estas palavras de Jacinto Nunes foram recebidas sem surpresa. O Governo acabava, nestes termos, de apresentar a Lei do Orçamento Geral do Estado. O ministro das Finanças e do Plano indicara previa-

mente que apenas iria debruçar-se sobre as alterações introduzidas desde a re-provação em 29 de Março da primeira proposta do OGE, e assim 30 minutos foram suficientes.

Ponto importante da sua intervenção diz respeito ao novo acordo com o FMI, que pode ser celebrado imediatamente após a votação do Orçamento. Este novo acordo prevê uma redução de 2 por cento na taxa de juro, uma diminuição da taxa de desvalorização do escudo que passará de 1 por cento ao mês para 0,75 e um crédito ajustado à evolução da economia. Nas palavras de Jacinto Nunes, o acordo a celebrar com o FMI destina-se a combater a inflação, a ajudar o relançamento da economia e a minorar o desemprego.

Quanto à proposta de Lei do

OGE, o ministro das Finanças e do Plano referiu o défice corrente globalmente aumentado em 8,4 milhões de contos, o que provocará um maior recurso ao crédito externo e uma maior pressão sobre a dívida pública. Embora o défice global tenha aumentado em 7 por cento, esse aumento corresponde a uma redução em termos reais, segundo o Governo.

Jacinto Nunes referiu-se, nesta primeira parte da discussão na generalidade do OGE, que a aplicação combinada da Lei das Finanças Locais com o imposto extraordinário sobre o 13.º mês e a diminuição das despesas correntes permitirá uma melhor distribuição da carga fiscal, que fica melhorada em relação

Continua na pág. 20

EXTREMISTAS NÃO DESARMAM EM ESPANHA



Suarez
apresenta hoje
plano
antiterrorista

Crónica do nosso
correspondente
em Madrid
na pág. 20

Pentágono prepara "força de intervenção" de cem mil homens para o Médio Oriente

Pág. 13



Hoje há «Exclusivo»

O Congresso do PSOE que, segundo o jornal «Le Monde», foi um travão à viragem a direita de Felipe Gonzalez, bem como a primeira parte de um artigo de Jorge Luna sobre a revolução de Granada. «Um novo amanhecer nas Caraíbas», constituem dois dos assuntos principais do «Exclusivo» de hoje. Artigos sobre o Brasil, Venezuela, Estados Unidos, África Austral, etc., valorizam este suplemento, além das secções habituais.



Açores? Cada vez há menos...

Açores? Cada vez há menos.

O mar vai sempre corroendo a costa das ilhas, indifente às exelentes paisagens que circulam em postais.

O Governo Regional por sua vez, vai apostando em (aero)portos, em energia geotérmica, em turismo de qualidade. E quer uma imagem retocada para o seu perfil, maculado que está por acusações diversas.

Açores, cada vez há menos. Os seus habitantes esgotam-se desde há séculos num movimento de dentro para fora, respondendo ao perfume dos dólares e maravedia, que afinal encontram nas «américas», e fugindo às dificuldades acrescidas da vida insular.

Deixam para trás, as multicores das hortênsias e das coniteiras, os odores perfetitos das criptomérias, faias e incensos, os penoramas excitantes das crateras, furnas e verdes cerrados.

Mas o leitor, potencial, turista, tire daí o sentido. A vida está cara e o Governo Regional defende o turismo de qualidade, fugindo a sete pés do viajante de menos recursos.

HOJE NAS PÁGS 10 e 11, A PRIMEIRA
DE UMA SÉRIE DE QUATRO REPORTAGENS

CONCURSO DL

HOJE 17.º CUPÃO

NO CADERNO ESPECIAL

- A morte de CHE GUEVARA
- Encontro de Jorge Amado e de Ferreira de Castro
- Um desenho de Dias Coelho
- Uma entrevista com Carlos Paredes
- O monumento a Jaime Cortesão, em Ançã

CONCORRA!

COMUNICAÇÃO SOCIAL

NO "DIÁRIO POPULAR"

Um redactor suspenso

● Melina Mercouri não pôde cantar de vermelho

António Rego Chaves coordenador da secção do Estrangeiro do Diário Popular, foi suspenso desde ontem e alvo de processo disciplinar com intenção expressa de despedimento. A nota de culpa do Conselho de Gerência reporta-se a uma intervenção daquele redactor proferida durante um colóquio em Oeiras e reproduzido pelo «Jornal de Sesimbra». Foi um crime de lesa-Conselho de gerência porque, segundo refere a nota de culpa, foi violado «o dever de respeitar o tratar com urbanidade e lealdade a entidade patronal, os superiores hierárquicos, os companheiros de trabalho e as demais pessoas que estejam ou entrem em relações com a empresa e bem assim do dever de obedecer à entidade patronal em tudo o que respeite à execução e disciplina do trabalho».

A violação de Rego Chaves resulta de dizer verdades em público, de denunciar a ofensiva antidemocrática contra os órgãos de Comunicação Social em geral e o «DP» em particular sob o consulado proencista.

Afinal quais foram as palavras do nosso camarada do «Diário Popular» cujo Conselho de Gerência «admite» a revolta surda, mas não aceita a crítica aberta, pública? Disse Rego Chaves, em síntese: «Formas brutais e processos subversivos de censura existem hoje como durante o salazarismo e caetanismo; os directores e chefes de redacção da confiança do Poder, cuja missão é menos a de informar do que a de distorcer ou minimizar os acontecimentos ou mesmo de os omitir das colunas dos jornais

que controlam; existem hoje como durante o salazarismo e caetanismo os mecanismos necessários que subjugam a opinião incómoda, que silenciam o adversário de esquerda, que amordaçam o pensamento revolucionário; hoje, como ontem, o Poder dispõe de fiéis serventuários nas redacções dos jornais estatizados». Verdades como punhos, que dizem do jornalista que as profere e evidenciam que tem razão a sociedade quando por elas é suspenso.

Sobre o caso concreto do «Diário Popular», jornal onde trabalha há anos, e onde não ocupa cargos por «imposição» governamental ou outras estranhas à profissão, Rego Chaves disse: «Nós, a esmagadora maioria dos jornalistas do «DP» fomos vencidos pela arbitrariedade de um Conselho de Gerência proencista, ao serviço do anticomunismo, da desinformação e da estabilização antidemocrática; impuseram-nos uma direcção monolítica, incapaz do diálogo, autoritária (...) que impede jornalistas antifascistas de trabalharem determinados temas para nomear para essas tarefas os seus apaniguados; uma direcção que manipula a informação, arredando a atenção dos leitores das lutas dos trabalhadores e da contestação dos governos da burguesia. Para nós a resistência que opusemos à Censura fascista já recomeçou. É a hora de recusarmos, uma vez mais, a mordida imposta pelos senhores do mando».

O Conselho de Gerência do «DP» não pára: se até aqui havia exemplos e provas de Censura interna, a partir de agora ela é

também externa.

E, extrapolando, pode acontecer que um jornalista do «DP», se falar no Sindicato, enquanto sócio, da situação do seu jornal e a Anop, por exemplo, estiver presente e achar de interesse divulgar a notícia, pode ser suspenso.

Os redactores do «DP» agitam-se perante esta afronta à liberdade de expressão, esta pressão sobre cidadãos na plenitude dos seus direitos entre os quais se inclui o inalienável de liberdade de expressão. Assim, ainda ontem, os delegados sindicais avistaram-se com o Conselho de Gerência para denunciarem a ilegitimidade do processo, visto as alegadas violações terem sido cometidas fora do âmbito da empresa.

Na sexta-feira, em princípio, haverá uma assembleia da redacção.

Mas as palavras de Rego Chaves se lhe deram um processo disciplinar, não impediram que a Censura se mantivesse no seu jornal.

Ainda ontem, por exemplo, foram censurados (só!) dois títulos: «Melina Mercouri, de vermelho, cantou a Internacional». Foi cortado o «vermelho». Segundo exemplo: «Reformados comparam as suas pensões com as dos fascistas». Foi substituído pelo título «Manifestação de reformados».

E a lista continua. O «Diário Popular» que desde o 25 de Abril se tinha pontuado como um dos jornais mais independentes que se publicavam em Portugal, vê os seus redactores serem suspensos só porque ainda têm a coragem de dizer a verdade.

Sindicato das Telecomunicações

(maioritário na RDP e na RTP)

contra minoria deturpadora da Informação

O Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, maioritário na RDP e na RTP, afirma que a actual Comissão Administrativa da Radiotelevisão Portuguesa, «à revelia de tudo quanto é lei e processo democrático, continua a procurar enxovalhar a honra, o zelo e a dignidade profissionais dos trabalhadores da Rádio».

Aquele sindicato lembra uma vez mais que as «ordens de serviço da CA são nítidos insultos aos trabalhadores da empresa, a todos os trabalhadores da Rádio, ao conjunto dos trabalhadores da Comunicação Social, bem como, e principalmente, aos milhares de desempregados deste país». Esclarece o STT que a CA «admite para novos postos de trabalho da RDP quem tem outros empregos, alguns até mais de dois, sem contudo exigirem a imprescindível formação radiofónica». Um exemplo: «Os recrutados no «Expresso», na «RTP», e no Teatro são contratados, nalguns casos, por remuneração muito superiores às da tabela em vigor para as suas categorias».

Sublinha o STT que as ordens

de serviço da CA «são violentadoras da mais elementar deontologia profissional, quando, por exemplo, nomeiam para coordenar uma secção quem não passava ainda de simples estagiário do 1.º ano no «Jornal Novo». Para além disso, essas ordens de serviço «incorrem declaradamente na infracção da lei ao subverterem o Regulamento da Carteira Profissional para a Radiodifusão, aprovado pela classe, reconhecido pelo Ministério do Trabalho e constante de despacho expresso no «Diário da República», quando atribuem funções e tempos de antena para «realizar» a quem não está responsabilizado como tal, mas tão-só como locutor».

Acresce ainda o facto de as ordens de serviço desrespeitarem «os compromissos assumidos pela entidade jurídica que é a CA/RDP, de que são ainda responsáveis os actuais membros, quando deixam de pagar ajustes salariais retro-activos, devidamente aprovados do anterior Ministério das Finanças e quando aumenta quase para o triplo o preço das refeições».

da República», quando atribuem funções e tempos de antena para «realizar» a quem não está responsabilizado como tal, mas tão-só como locutor».

Acresce ainda o facto de as ordens de serviço desrespeitarem «os compromissos assumidos pela entidade jurídica que é a CA/RDP, de que são ainda responsáveis os actuais membros, quando deixam de pagar ajustes salariais retro-activos, devidamente aprovados do anterior Ministério das Finanças e quando aumenta quase para o triplo o preço das refeições».

Acresce ainda o facto de as ordens de serviço desrespeitarem «os compromissos assumidos pela entidade jurídica que é a CA/RDP, de que são ainda responsáveis os actuais membros, quando deixam de pagar ajustes salariais retro-activos, devidamente aprovados do anterior Ministério das Finanças e quando aumenta quase para o triplo o preço das refeições».

Depois de outros pormenores, que reservaremos para outra altura, o STT declara que, com os outros sindicatos do sector e a Comissão de Trabalhadores da RDP, prosseguirá, «com redobrado empenho», acção que tenda ao levantamento «do autêntico estado de sítio que se vive na Comunicação Social estatizada».

Químicos da Portucel apoiam Antónia Palla

Os trabalhadores químicos da Portucel (Setúbal), reunidos em plenário, aprovaram uma moção por unanimidade protestando contra o julgamento de Maria Antónia Palla.

Aqueles trabalhadores manifestaram o seu «caloroso apoio e

solidariedade» à jornalista, e exigem a sua absolvição.

Acentua-se na moção o apoio incondicional à «luta pela livre contracção e aborto gratuito», o qual deverá ser praticado «nas melhores condições de higiene e segurança em todos os hospitais e centros de saúde do País».

● Publicamos hoje o décimo sétimo cupão da 2.ª série, referente a 1967 e que tem o n.º 17. O leitor deve recortá-lo e, com os novos 29 cupões mais o boletim de identificação ficará com uma colecção completa.

● Esta 2.ª série, também terá 30 cupões, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais pode completar a sua colecção da 1.ª série no caso de ainda lhe faltar algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos jornais seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

● Poderá, assim, completar duas colecções e ficar com o dobro de possibilidades no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um tempo já próximo - 1951 a 1979 - que serão publicados no decurso da 2.ª série.

● O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês, e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual, e remetá-lo para DL/CONCURSO - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 LISBOA

Diário de Lisboa



CONCURSO

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

"Cicerone"

«Cicerone» é um guia semanal de espectáculos e tempos livres, cujo primeiro número virá a público no próximo dia 1 de Junho, passando a sair às sextas-feiras.

Lançado pela empresa pública constituída pelos jornais «Diário de Notícias» e «A Capital», a nova publicação terá como director Rodolfo Iriarte, director-adjunto de «A Capital», contando entre os seus colaboradores regulares com José Vaz Pereira (cinema) e Tomás Ribas (Teatro).

Prevê-se, por outro lado, que «TV Guia», lançado há poucos meses sob a direcção interna de Nuno Vasco, sofra uma remodelação com o ingresso de Carlos Cruz como director.

"Ciências Sociais"

Encontra-se já à venda o número 2 do ano corrente da revista «Ciências Sociais», compreendendo uma série de artigos subordinados ao tema «A filosofia e os problemas conceptuais da ciência contemporânea». Eis alguns dos artigos: «As revoluções nas ciências da natureza (aspectos filosóficos)», «A dialéctica materialista e o relativismo» e «A filosofia marxista-leninista e os métodos das ciências sociais».

Noutro sector da problemática social, salientam-se os artigos «A Revolução Cubana e o internacionalismo proletário», «O nacionalismo da elite governante dos bantustões da África do Sul», «O neocolonialismo económico na etapa actual», bem como um debate panorâmico sobre «O desemprego no mundo capitalista».

CICLO PREPARATÓRIO

(2.º Ano do Liceu)

Para homens e senhoras residentes em Lisboa ou em qualquer ponto do País, entre os 14 e 65 anos de idade. Preparámos por correspondência, propomos e apresentamos a exame.

Preço, incluindo todas as despesas: oito mil e duzentos escudos. O pagamento é, naturalmente, adiantado, mas facilitamo-lo em duas fracções mensais de Esc. 4100\$00.

Dirija-se, pelo correio ou pessoalmente, ao prof. Simões Neves - Rua do Poço dos Negros, 23-4.º (ao Conde Barão), 1200 Lisboa, Telefone 604110.

JOÃO JOSÉ PEDROSO MONTEIRO

UNOP, SCARL, cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento do seu mui querido Director-Tesoureiro.

JOÃO JOSÉ PEDROSO MONTEIRO

Colegas da UNOP, dolorosamente prestam sentida e última homenagem ao companheiro e querido amigo João Monteiro, falecido em 25 do corrente, solidarizando-se com a dor da sua família e amigos.

ponto a ponto



A cinco dias depois de ter celebrado missa na Igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, João Paulo II recebeu ontem uma mensagem do Presidente Ramalho Eanes que lhe foi entregue pelo embaixador Calvet de Magalhães, acompanhada de uma colecção de três medalhas com o perfil do Papa Alexandre III.



Encontra-se em Lisboa o ministro da Cultura do Sri Lanka que vem colher elementos históricos sobre a passagem dos portugueses no antigo Ceilão. O ministro terá em Lisboa vários contactos entre os quais um encontro com o secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira.



Representantes da Comissão Organizadora das Comemorações do 5.º Aniversário do 25 de Abril na República Popular de Angola vão entregar ao Presidente da República um abaixo-assinado em que se exige o termo das actividades antiangolanas em Portugal. O documento, subscrito por 1102 pessoas, pede ainda que sejam desenvolvidas acções que visem a aproximação entre Portugal e Angola.



O Primeiro-Ministro recebeu ontem o ministro marroquino do Turismo, Abdeslam Znined. O ministro marroquino chefiava uma delegação à primeira reunião da Comissão Mista Luso-Marroquina de Turismo, criada pelo acordo bilateral assinado em 1978.



Já regressou a Lisboa o chefe de Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, que participou em Veneza numa reunião internacional em que se discutiram problemas relacionados com a Lei do Mar, segurança da navegação, autoridade marítima e controlo da poluição. Estiveram presentes cerca de 20 países com especial destaque para os da orla mediterrânica.

JOSE AUGUSTO FRANCA

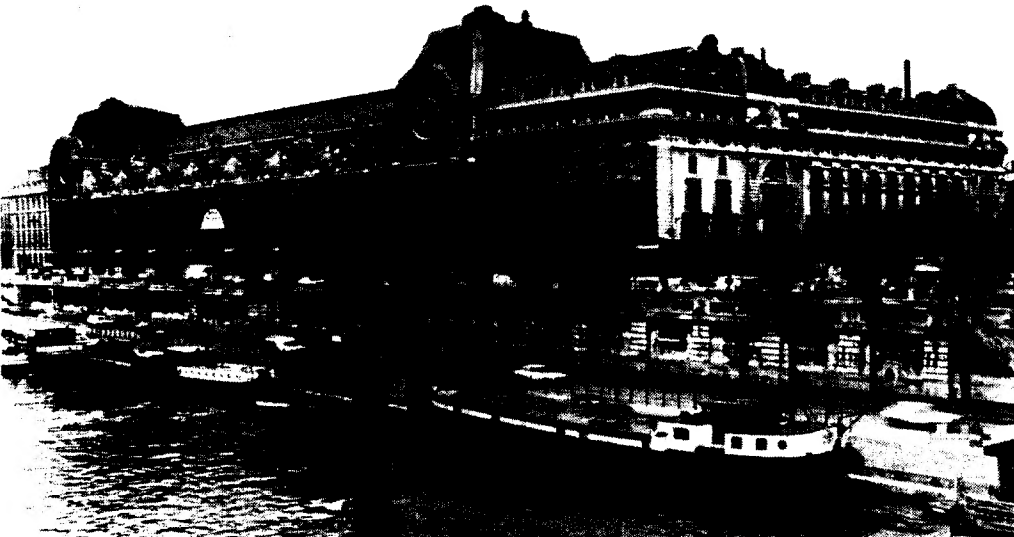
UM MUSEU DO SÉCULO XIX

Não em Lisboa, bem entendido (ou seja por mau entendimento que continua a haver destas coisas, em Portugal), mas em Paris, programou-se um novo museu consagrado à arte do século XIX.

Iniciativa do presidente Giscard d'Estaing em Outubro de 1977, ela corresponde àquela que o presidente anterior, da mesma República Francesa, Georges Pompidou, tivera, em relação ao século XX, e que resultou o centro de Beaubourg, do qual várias vezes aqui falei, desde o concurso dos projectos e do seu programa até à inauguração há cerca de dois anos. Se, neste caso se tratou de recuperar o nosso século para a França cujas artes, mais exactamente parisienses, em grande parte o dominaram até aos anos 60, e que agora sofrem concorrência de outros centros produtores, no caso do século passado, trata-se de mais simplesmente e sem contestações, verificar o papel nele representado por este país, que foi de David, de Delacroix e de Ingres de Rude e de Carpeaux de Barbizon e de Coubert, dos impressionistas de Gustave Moreau e de Puvion de Chavannes, e também de Haussmann, de Garnier e de Viollet-le-Duc, e de Baltard e de Eiffel.

Século XIX, há-o no Louvre e na sua secção dos Impressionistas no Jeu de Paume, com reservas cheias de pintura e de escultura que não têm espaço de exposição, e existem milhares de objectos e de desenhos e planos de arquitectura espalhados à direita e à esquerda. A iniciativa de agora visa a regularizar esta situação, numa sistematização que novas exigências culturais impõem, pelo seu lado científico tanto quanto pelas suas responsabilidades de comunicação pedagógica. Apenas se torna necessário programar as balizas imediatamente cronológicas da empresa. E escolher o local da sua realização.

O museu do século XX exigia, depois da adopção em 1974 do palácio de Tóquio, erigido para a grande exposição de 1937, um novo edifício que definisse uma opção formal capaz de assumir a imagem do próprio século no seu quarto final; pretendeu ser isso o centro construído no sítio parisiense de Beaubourg, com o seu sistema de alusões estilísticas a



A gare d'Orsay

uma tecnologia que só ilusoriamente poderá significar o nosso tempo. O museu do século XIX, pelo contrário, exige uma relação cultural e prática com estruturas arquitectónicas do próprio século — e com possível aproveitamento de edifícios existentes. Assim se fez, ou vai fazer, tendo-se escolhido, para o efeito, a estação ferroviária de Orsay, no centro da cidade, beira do Sena e virada para o Louvre, do outro lado do rio.

Desafectada há muito, esta «gare» terminada em 1900 para a grande exposição universal desse ano, é devida ao arquitecto Victor Laloux e acrescenta-se que trabalhou no seu projecto o arquitecto português Ventura Terra, que na sua prática formou um gosto eclético e cosmopolita que interviria na Lisboa dos princípios de Novecentos. E ainda foi discípulo de Laloux o arquitecto Cristino da Silva, recentemente falecido, desse ensino tendo também trazido uma propensão monumentalista que, pelos anos finais de 1930, se manifestou na arquitectura portuguesa, após o surto modernista.

A Gare d'Orsay é um dos grandes monumentos parisienses do extremo fim do século, e sucede às outras «gares» da cidade, construídas pelos anos 40 e alargadas ao fim de oitocentos ou já antes, como a Gare do

Norte, de Hittorff, reconstruída de 1859 a 66, obra grande do Segundo Império. As estações apresentam, assim, um programa arquitectónico de extrema importância na sociedade libero-capitalista de Oitocentos, a partir de seus meados — e ainda recentemente uma grande exposição, de informação internacional (e minimamente portuguesa) o revelou em Paris. Trata-se na realidade social, de novos templos — como os Teatros ou os Bancos, em que o progresso na visão oitocentista foi devidamente honrado, em luxos monumentais.

Outro progresso ou outra forma dele, tem feito desafectar as «gares», como é o caso da de Orsay, e, num princípio que começa finalmente a ser entendido, aos monumentos desafectados pretende dar-se nova utilização social. Já a Gare d'Orsay abriga um teatro provisório de J.L. Barrault-M. Renaud e uma sala famosa de leilões de obra de arte; ambos vão sair, como desapareceu o luxuoso hotel ligado à estação, e no enorme espaço devoluto, vai ser instalado o museu do século XIX.

Como — é coisa que se está a saber, através dum concurso de projectos. Um convite do governo francês fez-me ir recentemente a Paris a ter encontro com o Sr. J.6Ph. Lachenaud, presidente do conselho de administração criado para o efeito.

Uma visita aos projectos e maquetes fez parte da entrevista e pude dar-me conta da variada inteligência (e fantasia) com que os problemas postos foram abordados pelos seis arquitectos convidados a participar no concurso. Um respeito básico pela estrutura da gare, com sua armadura de ferro e suas circulações, permitiu ou levou a criar várias hipóteses de espaços museológicos, com diferentes fins — já que o museu em questão será um museu global, que nos deverá dar uma imagem global da criação oitocentista, nos diversos aspectos, da pintura, da escultura, da arquitectura, da arte e da indústria e da decoração, com seus objectos e seus envoltórios. A esse título a actual exposição da arte do «Segundo Império» no Grand Palais pode ser considerada como um excelente antecessor do programa a realizar mais largamente.

Programa que, por outro lado, foi balizado por M. Lacroix, conservador do Louvre a partir do nascimento do impressionismo e da exposição de 1855, deixando de fora, para referências em «flash-back», períodos anteriores, e logo o romantismo de Delacroix ou de Huet. Programa discutível como todos os programas, ele apresenta porém uma linha coerente que nos garante para 1982 o primeiro grande museu do século XIX no mundo, e no devido sítio.

Recusa pela África do Sul de maior frota de pesca a Portugal — ou o pretexto para uma pressão política

MIGUEL SOUSA SOARES

Deram alguns jornais, no último fim-de-semana, um tal relevo aos resultados das recentes negociações com a República da África do Sul (RAS) sobre pesca, que dá para pensar...

O que aconteceu, na realidade, segundo as informações recebidas, foi que a África do Sul recusou, parcialmente, a satisfação dos pedidos portugueses para aumento da frota de pesca na sua área exclusiva, visando essa recusa, em particular, a frota da pesca.

Se, como afirma o director-geral das Pescas, os motivos dessa recusa foram de natureza meramente política, e não técnica, parece evidente que é a RAS que vem juntar, ao seu já larguíssimo rol de violações do Direito Internacional, mais uma: a de não atribuir, de modo arbitrário, a participação na exploração dos recursos biológicos disponíveis na sua zona aos pescadores de outros estados interessados, em especial aos que lá pescam tradicionalmente, como Portugal. Trata-se para além disso de um acto de típica chantagem: a República da África do Sul pretende utilizar uma medida unilateral, de ordem económica, para pressionar o Governo português a inverter as atitudes que tem vindo a assumir no quadro da sua política externa face ao regime racista da RAS em especial quando da discussão da questão da independência da Namíbia na ONU.

Mas, por mais estranho que pareça, não foi nestes termos que a notícia nos chegou. Muito pelo contrário: a parte portuguesa, representada nestas negociações, pelo Director-Geral das Pescas, comandante Esteves Cardoso, aceita a posição da República da África do Sul, manifesta a sua compreensão, quase se assume como porta-voz do governo da RAS. Em lugar de criticar, ou pelo menos lamentar, a atitude sul-africana, diz «haver todo o interesse para Lisboa em não hostilizar aquele país, como tem sucedido, trocando-

se o patriotismo por interesses ideológicos» (ao «Dia» de 26 de Maio de 1979).

O director-geral das Pescas transmite, deste modo o «recado» do governo da RAS. Permite-se assim usurpar mesmo funções e poderes que não lhe cabem, a ele, funcionário responsável por um domínio técnico especializado. Tudo é «político», sabemos nós. Mas nem tudo é «político», e a política externa, essa compete, constitucionalmente, aos órgãos de soberania, aos quais incumbe a hierarquização dos valores nacionais em jogo neste caso, e, no quadro do Governo, ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Não deixa porém de ser curioso aproveitar a oportunidade que nos é oferecida para notar como a ignorância (ou a demagogia?) é atrevida! Entrando no campo da «doutrina» das relações internacionais aqui pois, o comandante Esteves Cardoso que «os interesses ideológicos» ameaçam pôr em causa a defesa dos interesses económicos nacionais (caso da pesca) ou mesmo sociais (relacionados com a situação dos portugueses residentes naquele território). Sobre este último aspecto, todavia, não cremos que o governo da RAS se tenha debruçado no âmbito das negociações sobre pesca...

Mas será o problema internacional da RAS uma questão de mera «ideologia», comparável à situação de outros regimes, qualificados pelo director-geral das Pescas como «ditatoriais de esquerda»? Será por razões simplesmente ideológicas, que a África do Sul voltou a ser expulsa há dias da Assembleia Geral da ONU? Serão as questões da colonização ilegal da Namíbia e do criminoso regime do «apartheid» imposto pelas autoridades da RAS, tanto no território desta como na Namíbia, um problema de teoria política? Parece esquecer-se que a RAS ocupa colonial, ilegítima e ilegalmente a

PODER LOCAL

Mação: sem Finanças Locais os autarcas não podem mostrar capacidade de realização

«Os problemas do concelho de Mação são de variadíssima ordem, mas podemos situá-los em dois sectores: os que cabem no âmbito da resolução camarária e os que competem à Administração Central» — afirma-nos o presidente da Câmara Municipal de Mação em breve depoimento.

Dos primeiros problemas ressaltam o investimento em obras de saneamento básico na maioria das 140 povoações das oito freguesias que ocupam uma superfície de 405 km²; de uma rede de estradas e caminhos transitáveis de molde a permitir um fácil

acesso a todos os povos com a consequente viabilidade das populações alcançarem um sistema adequado de escoamento e troca de produtos; o ordenamento do território concelhio por forma a serem melhor aproveitados os seus recursos naturais, com especial relevo para a exploração das florestas de pinho que cobrem cerca de dois terços da sua extensão.

«O isolamento deste concelho exige que a curto prazo sejam construídas estradas nacionais em direcção a Castelo Branco e Abrantes. Aqui (acentua o presi-



Inserido no distrito de Santarém (aspecto parcial da região na foto), o Município de Mação, segundo o seu presidente, busca a sua «identidade», pelo que deveria fazer parte do distrito de Castelo Branco em consequência das suas afinidades beirãs...

dente do Município) tem especial relevo a EN n.º 3, cujo arranque foi anunciado em 1978, o que não se verificou...

Ainda constitui sério problema «o facto de estar o concelho inserido no distrito de Santarém,

quando tudo aconselha a sua transferência para o de Castelo Branco, pois as suas afinidades naturais são nitidamente beirãs, estando completamente desligado de quaisquer características ribatejanas».

dos campos contemplados por aquela Lei no valor de cerca de 80 mil contos».

O presidente:

«É nitidamente um plano ambicioso, mas que terá de arrancar para suprir as numerosas carências patentes em todas as freguesias do concelho.»

FINANÇAS LOCAIS

Qual a posição da Câmara perante a aplicação da Lei das Finanças Locais? «E a da generalidade dos Municípios do País, ou seja, a de expectativa pela sua aplicação integral e consciente».

Não se pode, porém, «deixar de lamentar que em meados do ano económico se não tenham apressado as indispensáveis diligências para dotar a administração local dos meios financeiros suficientes à continuação de obras já iniciadas e cujos compromissos acarretam responsabilidades inadiáveis, que a não serem cumpridas ocasionam uma quebra de dignidade dos poderes públicos...».

A não aplicação da Lei das Finanças Locais, «atentas as dificuldades dos dois anos anteriores, vem pôr em cheque o poder de administração dos actuais gestores eleitos por sufrágio directo das populações que nelas depositaram esperanças de uma modificação, para melhor, da sua maneira de viver».

Ainda que sejam usados no futuro modos mais expeditos «no lançamento de todas as actividades cometidas à Administração Local será muito duvidoso poderem os actuais autarcas mostrar a sua capacidade de realização».

Terminando, afirma o dr. Pereira Leitão, presidente do Município eleito pelo PSD:

«A posição desta Câmara perante a aplicação da Lei 1/79 só pode ser a de urgência em toda a sua plenitude.»

PROJECTOS

A falta de regulamentação da delimitação das actuações relativas ao investimento dos sectores da Administração Central e da Administração Local, «a que mais propriamente poderemos chamar de «delimitação de competência dos Municípios», está a ocasionar uma acentuada perturbação no planeamento desta autarquia, pois desconhece-se quais os sectores de actuação futura».

Partindo do princípio que seja aprovada e publicada a proposta de Lei 241/1, «haverá que aguardar que o Governo promova a publicação, por decreto-lei, das disposições necessárias à sua execução».

Nestas circunstâncias, a Câmara «está apetrechada com projectos para obras em varia-

RECUSA PELA ÁFRICA DO SUL

Continuação da pág. 3

Namíbia, explorando as suas riquezas naturais violando de modo flagrante e afrontoso a Carta das Nações Unidas, sucessivas declarações da Assembleia Geral da ONU e as condenações do Conselho de Segurança e do Tribunal Internacional de Justiça. No Conselho, como se sabe, as potências ocidentais têm estado de acordo — ao contrário do que o autodesignado «embaixador português parece julgar — em condenar a actuação da África do Sul, tendo tentado promover a realização de um plano para a realização de eleições livres, sob o controlo das Nações Unidas, com vista à independência da Namíbia, iniciativa que o governo da RAS continua a desafiar. A posição dos países ocidentais, apenas de alguns deles, talvez não seja tão «enfática» na expressão de um antagonismo à política da RAS, como a portuguesa. O que o director-geral das Pescas parece propor, em última análise é a abstenção, ou seja, a posição por vezes assumida pelo governo fascista português, como o próprio Director-Geral reconhece, com certa benevolência (saude dos tempos idos?). E ao pretender transformar a questão num problema ideológico, admite por um lado, os valores éticos em causa, relacionados com as violações dos direitos humanos na África do Sul, e, por outro, o facto de na atitude portuguesa face à RAS contarem, de modo determinante, os seus efeitos nas relações, não é só de amizade como de cooperação e interesse mútuo no plano económico com os países africanos de expressão portuguesa, em particular Angola, sabendo-se que a RAS desempenha um papel preponderante, depois do 25 de Abril, na acção de desestabilização deste País.

A política externa nacional não se «reclama do não-alinhamento», como pensa o comandante Esteves Cardoso, mais uma vez desinformado. Mas o texto do Art.º 7.º da Constituição não deixa margem para dúvidas sobre qual a orientação que deve ser imprimida aquela política. Pensamos no parágrafo 2.º em que se afirma que Portugal «preconiza a abolição de todas as formas de... colonialismo...», assim como no parágrafo 3.º que impõe ao Governo português a obrigação de «manter laços especiais de amizade e cooperação com os países de língua portuguesa».

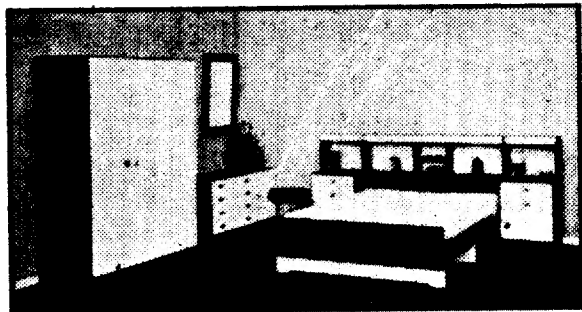
O que nos fere a atenção, neste caso, para além da intervenção ilegítima de um técnico em domínios que ultrapassam o seu mandato e competências, e da confusão (deliberada ou não) de factos e ideias patenteada, é o quase total apagamento do elemento «pescas» no discurso do seu responsável n.º 2. Não se refere, por exemplo, qual o volume de capturas que terá sido prejudicado pela posição da África do Sul. Interessaria conhecer se se justificam tanto alarido, em termos de efeitos na economia portuguesa. E caberia interrogar, para além disso, se os suores gastos nestas negociações não seriam bem melhor empregues no esforço, que parece continuar a escassear de investigação e exploração da nossa zona económica, assim como com vista a criar as bases da celebração dos acordos bilaterais nomeadamente com Angola e Moçambique, antes que seja tarde... Por todas estas razões, preferíamos que tivesse falado mais de pescas e menos de política externa, esclarecendo quais os planos e programas em curso para a plena utilização dos nossos recursos e para a recuperação económica do sector. Preferíamos informações claras e objectivas sobre os problemas das pescas e suas perspectivas a chantagens de natureza política. Muito apreciaríamos de ver cada um assumir o papel que lhe compete na gestão da coisa pública, garantindo uma maior eficácia aos objectivos proclamados e programados sectorialmente, reduzindo os riscos de colisão institucional e assegurando a estabilidade do sistema.

MÓVEIS

ATENÇÃO

Visite os salões de exposição das nossas fábricas

NUNCA COMPRE OS SEUS MÓVEIS SEM NOS VISITAR PRIMEIRO, MESMO POR CURIOSIDADE VEJA A DIFERENÇA: É A FÁBRICA A VENDER-LHE DIRECTAMENTE



Quarto de casal desde 11 950\$00

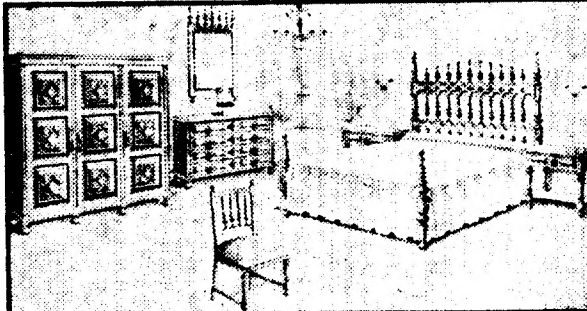


Quarto de criança desde 8 500\$00

GRANDE VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO



Cadeiras 1580\$00 — Mesa 4 950\$00 — Estante 12 850\$00



Quarto século XVII desde 20 850\$00

PREÇOS	ERA	É
Quarto casal moderno	20 850\$00	11 950\$00
Quarto criança moderno	15 850\$00	8 500\$00
Salas modernas c/ cristaleira	13 850\$00	12 500\$00
Jogo de mapas desde	7 000\$00	4 500\$00

PREÇOS	ERA	É
Quartos século XVII em mogno	20 850\$00	20 850\$00
Salas século XVII em mogno	38 850\$00	27 850\$00
Mesas de refeição cromadas lampo vidro	8 850\$00	4 950\$00
Cadeiras cromadas veludo ou napa	2 280\$00	1 580\$00

E AINDA ARCAS, COLCHÕES E MUITOS OUTROS ARTIGOS A PREÇOS NUNCA VISTOS.

ABERTO À HORA DO ALMOÇO E ATÉ ÀS 21 HORAS E AO SÁBADO

De tarde na Av. 25 de Abril, 45 — Almada e Av. 5 de Outubro, 55 — Lisboa

ORGANIZAÇÕES A. S. NUNES

VISITE O 1.º SUPERMERCADO DE MÓVEIS EM PORTUGAL

Av. 25 de Abril, 45 • Telef. 2769001 • ALMADA

SALÕES DE EXPOSIÇÃO: Av. 5 de Outubro, 55 • Telef. 546860 • LISBOA

Rua Luciano Cordeiro, 18-A • Telef. 577521 • LISBOA

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (junto ao Pão de Açúcar) • COVA DA PIEDADE

Feira Popular de Lisboa • Pavilhão de expositores • Telef. 731588

Médicos fixam prazo ao Governo para cumprimento das reivindicações

Os médicos do Norte entrarão em greve por tempo indeterminado, caso o Governo não satisfaça as suas reivindicações no prazo máximo de 15 dias. Esta decisão foi tomada durante a madrugada de hoje, no decorrer de um plenário convocado pela delegação regional do Norte da Ordem dos Médicos.

Os médicos exigem a revogação do Decreto-Lei 124/79 que integra o pessoal da Previdência, médicos incluídos, no funcionalismo público. Segundo dirigentes da Ordem dos Médicos este decreto-lei vem criar ao médico «condições profissionais degradantes e baixos salários» e impor-lhes «os descontos, as deslocações arbitrárias e a ditadura da burocracia, sem ao menos haver contrapartida válida na melhoria dos cuidados da saúde».

O decreto, afirmou Guimarães dos Santos, membro da Ordem dos Médicos, «antes de mais, não é aceite porque foi feito nas costas da Ordem dos Médicos e porque contém matéria contrária ao estatuto médico» aprovado pela respectiva ordem.

A proposta, aprovada por maioria, diz também que o decreto-lei não é mais que a regulamentação do projecto Arnaut sobre o SNS e que cria situações de injustiça.

Durante o plenário, que registou grande participação de médicos, foi afirmado que o Decreto 142/79 é a vanguarda do SNS e que o deputado Arnaut dá a impressão que tem muita pena do povo, quando na realidade, ao pôr em marcha o SNS, está a enganar esse mesmo povo.

SINDICATO DOS MÉDICOS

Os médicos da região Centro vão reunir-se em Coimbra, no próximo dia 7 de Junho, para decidir sobre a «metodologia mais correcta e eficaz» com vista «à constituição de um sindicato da classe».

A comissão promotora considera que no actual contexto da sociedade portuguesa só uma associação de natureza sindical pode defender os interesses profissionais e laborais dos médicos.

Acrescenta que a Ordem dos Médicos está impedida por força dos seus estatutos de assumir quaisquer funções sindicais. Nesse sentido os médicos entendem que problemas «tão graves e imediatos» como a estruturação e as remunerações das carreiras profissionais que se abrem aos médicos mais novos, bem como as condições de segurança social para os mais idosos «são razões bastantes para

a rápida criação de uma estrutura sindical actuante».

Por sua vez as comissões sindicais dos médicos, policlinicos do quinto ano repudiaram hoje a posição da Ordem dos Médicos no que toca à abertura de vagas para os interinos da especialidade.

Um comunicado divulgado acusa a Ordem de se opor ao alargamento do número de vagas hospitalares e de propor «lugares transitórios» para os candidatos excedentários. De acordo com os policlinicos, «a corporativa Ordem dos Médicos» mais não faria do que «despejar 180 médicos para lugares não definidos, a título transitório, numa carreira de que se ignora tudo».

Os médicos manifestaram a disposição de lutar por um número de vagas nas especialidades clássicas correspondentes ao número de candidatos, pois consideram ser essa a «única saída justa e possível de momento».

Anestesiologia pediátrica

Anestesiologia pediátrica foi o tema de uma sessão clínica que os Serviços de Anestesiologia e Reanimação do Centro Hospitalar de Coimbra promoveram no passado sábado, com

a participação de vários especialistas nacionais.

Seguiu-se no Hospital Pediátrico de Celas uma sessão prática de quinze anestésias.

COOPERAÇÃO LUSO-ARGENTINA À vista importantes acordos de pesca

A delegação argentina do sector naval que desde há dias se encontra em Portugal avistase-à com o ministro dos Transportes e Comunicações, Marques da Costa, os secretários de Estado da Marinha Mercante e das Pescas, bem como com outras autoridades portuguesas. Tais audiências nas carreiras marítimas entre os dois países, que poderão ser estabelecidos na sequência desta visita.

Presentemente, recorda-se, não existe qualquer acordo específico de navegação entre Portugal e a Argentina, sendo um facto que a frota pesqueira portuguesa contacta com frequência os bancos de pesca argentinos e os nossos armadores procuram concentrar em Buenos Aires as suas capturas para evitar

tar a dispendiosa viagem dos arrastões até ao nosso país.

Esses possíveis acordos de pesca e de cooperação nas carreiras marítimas a estabelecer entre os dois países permitiriam com que o envio da safra para os portos portugueses fosse feito, em grande parte, pela frota comercial e não pela pesqueira, que poderia continuar as suas actividades sem perder tempo com problemas de transporte.

A delegação do governo do general Videla é constituída pelos contra-almirantes CN Guevara e Garcia Tallada, respectivamente secretário de Estado dos Interesses Marítimos e presidente das empresas marítimas do Estado, que são acompanhados por auxiliares técnicos do ramo.

Crianças da Nazaré comemoram A.I.

A comissão concelhia da Nazaré para o Ano Internacional da Criança promove na próxima sexta-feira, dia 1, um programa para as crianças que consta de uma exposição de trabalhos infantis subordinados ao tema «Um mundo a crescer», no teatro Chaby Pinheiro; e, a partir das 13 e 30, na praia da Nazaré, construções na areia, construção e lançamento de papagaios de papel e actividades lúdicas.

COLÓNIA INFANTIL «O SÉCULO»

A Assembleia Municipal de Cascais recomendou ao execu-

tivo daquele município que desenvolvesse todos os esforços para que a Colónia Balnear Infantil «O

Século» continue a servir os interesses das crianças, nomeadamente a doação do património ao Município, para a prossecução dos mesmos fins.

A recomendação da assembleia municipal deve-se ao facto de estarem em curso medidas para a venda do património da Sociedade Nacional de Tipografia o que poderá ter como consequência a devolução da Colónia aos seus doadores.

Nota oficial da A.R.

Recebemos, da Assembleia da República, a seguinte nota oficial:

«Para os fins convenientes, a seguir se transcreve o aviso da Comissão de Agricultura e Pescas aos trabalhadores rurais e pequenos e médios agricultores:

«Nos termos e para os efeitos do artigo 104.º da Constituição (participação na Reforma Agrária), avisam-se todas as organizações próprias dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores, bem como as cooperativas e outras formas de exploração colectiva dos trabalhadores, de que se encontra para

apreciação, no prazo indicado, o seguinte diploma:

— Projecto de Lei n.º 267/1 (alteração de algumas disposições da Lei n.º 77/77, de 29 de Setembro — lei de bases gerais da Reforma Agrária), de 23 de Maio a 4 de Junho de 1979.

As sugestões e pareceres deverão ser enviados, até à data limite acima indicada, em carta dirigida à Comissão de Agricultura e Pescas, Assembleia da República, Palácio de S. Bento, 1926, Lisboa Codex.

Pub



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DA METALURGIA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE SETÚBAL

MOÇÃO

PELA LIBERDADE E UNIDADE SINDICAIS DE TODOS OS TRABALHADORES! NÃO AO PROJECTO DE LEI 230/I

A Assembleia de Delegados Sindicais Metalúrgicos, reunida no Barreiro em 24 de Maio de 1974, com representantes de Comissões de Trabalhadores, para analisarem o Projecto-Lei do PS N.º 230/I, das Associações Sindicais e cujo 1.º subscritor é o ex-ministro do Trabalho (PS) Maldonado Gonet, de triste memória para os trabalhadores e suas organizações sindicais, pelas desavergonhadas tentativas, inseridas na contra-revolução legislativa do PS de dividir e desorganizar o Movimento Sindical Português, numa descarada cederia à reacção e ao imperialismo, considerando que

— Conforme o estabelecido pela Constituição da República Portuguesa, as Associações Sindicais, são independentes do patronato, do Estado, dos Partidos, confissões religiosas e outras associações políticas, deve a lei estabelecer as garantias adequadas dessa independência, fundamento da unidade das classes trabalhadoras;

— A convenção da O. I. T. no seu N.º 2 do artigo 3.º, estabelece que «As autoridades públicas devem abster-se de qualquer intervenção susceptível de limitar esse direito ou de entravar o seu exercício legal»;

— O actual projecto-lei 230/I, tem como objectivo contrariar a liberdade sindical, estimular e organizar na lei a pulverização do Movimento Sindical, eliminando as garantias e direitos contra actos de discriminação sindical;

— Pretende institucionalizar na lei a ilegal U. G. T., assim como legalizar para o Movimento Sindical concepções político-ideológicas, que na prática seria a legislação da conciliação de classes, contrariamente ao universalmente reconhecido;

— O Projecto-Lei 230/I é anticonstitucional e contrário à convenção da O. I. T., pois que a Lei não pode, nem deve permitir que outras organizações, Estado ou patronato se possam imiscuir no Movimento Sindical e ainda menos «regimentar» aquilo que apenas aos trabalhadores diz respeito

Decidem:

1) Repudiar veementemente tal Projecto-Lei, por ser contrário aos interesses de classe, fomentar e institucionalizar a sua divisão, colocá-lo à mercê do patronato e das forças mais reacçãoárias;

2) Responsabilizar o Partido Socialista, por mais este ataque às conquistas e liberdades alcançadas pelos trabalhadores e mais uma vez inserido na sua escalada de legislação antioperária;

3) Tudo fazer para inviabilizar o Projecto-Lei 230/I, que é anticonstitucional, contrário às convenções da O. I. T. e suas recomendações, aos interesses dos trabalhadores, da Democracia e do 25 de Abril

SOBRE A REPRESSÃO NA SOREFAME E COMETNA

CONSIDERANDO:

1. Que através da política levada a cabo pelos últimos Governos e agravada pelo Governo Mota Pinto/PPD, tem-se vindo a degradar a situação social nas empresas maioritariamente participadas pelo Estado, particularmente na Sorefame e Cometna;

2. Que as forças reacçãoárias, actuando dentro das empresas com o apoio dos divisionistas, perseguindo, castigando e despedindo delegados e dirigentes sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores, têm tido a forte oposição dos trabalhadores;

3. Que os processos disciplinares levantados pelas administrações da Sorefame e Cometna e outras são ilegais e infundados e por isso os trabalhadores têm manifestado o seu mais veemente repúdio;

4. Que a actuação reacçãoária das administrações de algumas empresas em relação aos ORTs (caso Sorefame e Cometna) não se enquadram nas transformações operadas pela Revolução de Abril;

5. Que a recuperação económica e financeira das empresas do País, passam pelo respeito dos direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores e não pela imposição de uma política antinacional e antitrabalhadores e por isso, contrária ao espírito da Constituição da República saída da Revolução de Abril

A Assembleia de delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Setúbal, reunida no dia 24/5/79, com representantes de Comissões de Trabalhadores, no Salão do Sindicato dos Ferrovieiros em Barreiro decidem

1. Repudiar a política reacçãoária e antinacional do Governo Mota Pinto/PPD, assim como das administrações de empresas que o seguem;

2. Demonstrar por todas as formas, a solidariedade para com os camaradas das empresas onde se faz sentir a repressão patronal;

3. Dar todo o apoio à luta dos trabalhadores da Sorefame e da Cometna, até à reintegração dos camaradas despedidos na Sorefame e a anulação e arquivo de todos os processos instaurados aos restantes camaradas das duas empresas

— NÃO À REPRESSÃO

— PELA REINTEGRAÇÃO DOS CAMARADAS DESPEDIDOS

— PELA ANULAÇÃO E ARQUIVO DOS PROCESSOS DISCIPLINARES

— FIRMES, UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS

— A LUTA CONTINUA

A DIRECÇÃO

NOTA: NOS PLENÁRIOS DE DELEGADOS SINDICAIS REALIZADOS EM BARREIRO, ALMADA, SEIXAL, SETÚBAL E SINES, BEM COMO NA SOREFAME, O PROJECTO LEI 230/I FOI REJEITADO PELOS TRABALHADORES.

FEIRA DO LIVRO

livro do dia

«Relações Raciais no Império Colonial Português»: 110.00-66.00
(Editora Afrontamento) C.R. Boxer

«A Fábrica de Escândalos»: 200.00-120.00
(Via Editora) Ian Watson

«A TUA SAÚDE»: 190.00-114.00
(Infantil) M. Lazzara Pittoni

STAND 15



distribuidora O SECULO



Assírio e alvim

Stand 74

LIVRO DIA 29

1977/1978 - SINDICALISMO EM PORTUGAL

JOÃO VILANOVA

160.00 - 96.00

«A SOCIEDADE E A ECONOMIA PORTUGUESAS NAS ORIGENS DO SALAZARISMO»

FERNANDO MEDEIROS

320.00 - 190.00



STAND 67

A Regra do Jogo, Edições, Lda.

PUB

FEIRA DO LIVRO 79

LIVROS DO DIA

40% DESCONTO

editorial CAMINHO

Livros do Dia

Preço de Capa

Preço de Feira

29/5 IDEOLOGIA E PRÁTICA	160\$00	100\$00
30/5 OS HOMENS		
DA CORDO SILÊNCIO	100\$00	60\$00
31/5 CAPITÃO DE MÉDIO CURSO	120\$00	75\$00
1/6 BICHOS DE ABRIL	100\$00	60\$00
MOVIMENTO SINDICAL		
DOS PROFESSORES	90\$00	55\$00
2/6 KARPOV KORCHNOI	290\$00	175\$00
3/6 A POLÍT. DA LUTA ARMADA	75\$00	45\$00

edições Avante!

Livros do Dia

Preço de Capa

Preço de Feira

29/5 LENINE		
A REV. DE OUTUBRO	100\$00	60\$00
30/5 DOSSIER H. DELGADO	90\$00	55\$00
31/5 A REVOLUÇÃO PORTUGUESA		
O PASSADO E O FUTURO	100\$00	60\$00
1/6 DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO	180\$00	110\$00
2/6 OBRAS ESCOLHIDAS DE LENINE (1.º e 2.º Vols.)	500\$00	300\$00
3/6 DESENHOS DA PRISÃO	300\$00	240\$00

CDL

Livros do Dia

Preço de Capa

Preço de Feira

29/5 ORIGENS E EVOLUÇÃO DO MOV. DOS CAPITALISTAS	240\$00	145\$00
30/5 A CANÇÃO POLÍTICA	80\$00	50\$00
31/5 S. NICOLAU TARRAFAL		
ANGOLANO	140\$00	85\$00
1/6 VENTO DE INQUISIÇÃO	120\$00	75\$00
2/6 ASCENÇÃO E QUEDA DO MFA (1.º e 2.º vols.)	640\$00	385\$
3/6 CARTAS DE MOSCOVO	120\$00	75\$

NESTES PAVILHÕES DIARIAMENTE UM «BEST-SELLER» COMO LIVRO DO DIA

PERGUNTADO ONTEM NO SEMINÁRIO DO PORTO

"As Associações de Estudantes devem ser destruídas?"

Porto, 29 — As associações de estudantes, tal como têm sido entendidas, devem subsistir ou devem ser destruídas transferindo-se o esforço associativo estudantil para dentro das escolas e dos cursos, em representação dos interesses que aí se põem? Esta ideia foi levantada ontem à noite no decorrer do seminário efectuado na Faculdade de Economia do Porto, integrado na «Semana de Estudos Associativos». A questão era posta naqueles termos pelo dr. Octávio Ribeiro da Cunha, dirigente da Associação Académica de Coimbra durante a crise de 1964/65, na parte do seminário dedicada às perspectivas actuais do Movimento Estudantil, querendo vincar uma realidade que se traduz no desfazimento a que se assiste entre a luta asso-

ciativa pós-25 de Abril e a problemática educativa e universitária. Esta mesma realidade seria depois encarada por outro dos participantes, o dr. Alberto Martins, presidente da AAC em 1969, ao sustentar que o líder estudantil dos nossos dias deve, acima de tudo, «situar-se no terreno pedagógico» perspectivando a realidade do ensino e da Universidade no âmbito dos caminhos que hoje percorrem e fazer aí a sua ligação ao movimento geral da luta das forças progressistas portuguesas. Ainda durante esta última intervenção, foi salientado que depois do 25 de Abril, ao nível do movimento estudantil, não surgiu nenhuma proposta dos estudantes organizada e clarificada em termos de situar tal movimento como «uma componente específica do movimento popular», sem prejuízo, naturalmente, de os estudantes e progressistas se terem reconhecido e militado nas lutas que se seguiram à queda do regime fascista. Por outro lado, afirmou-se ainda que aquilo a que se assistiu, sobretudo com a passagem do ministro Cardia pelo MEIC, foi à reposição da «hierarquia tradicional», ao regresso dos «velhos generais» do sistema educativo português.

O Dr. Carlos Candal, referindo-se precisamente à actualização de Sottomayor Cardia enquanto ministro da Educação afirmou que a sua política pre-

tendeu ser «uma política de antecipação» com o sentido de retirar o campo de manobra à direita, o que foi feito com sucessivas cedências. Carlos Candal, presidente da AAC na crise de 1962, acrescentaria: «dar torções de açúcar à direita era errado e viu-se claramente que o era porque a direita queria sem-

pre mais açúcar...»

Na primeira parte do seminário foi feito um balanço histórico das lutas estudantis contra o fascismo na década de 60 tendo havido também intervenções dos drs Eurico de Figueiredo e Celso Cruzeiro, dirigentes estudantis, respectivamente, em 1962 e 1969.

Ensino Superior Politécnico

Realizou-se, recentemente, um encontro entre representantes da Direcção-Geral do Ensino Superior e representantes da Associação e do Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Norte e Sul.

Na reunião foi divulgado, junto das associações profissionais representadas, o projecto de

lançamento do ensino Superior Politécnico. A reunião realizou-se na sequência de anteriores encontros efectuados com a Associação Nacional de Contabilistas e o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas.

PINTOR DE AUTOMÓVEIS

Precisa-se oficial de 1.ª muito competente por dois meses, ordenado 14.000\$00-Tel. 844725 e 835791.

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS · TURISMO
Para obtenção de
passaportes urgentes

RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 55 68 23
Teleg. BUSTOUR - Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM
MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PUB



Sindicato dos trabalhadores da função pública

R. Rodrigues Sampaio, 138-3º
Telef. 576222-576347-576372-1199 LISBOA CODEX

ASSEMBLEIA GERAL ADIADA

A pedido da Direcção e segundo justificação junta, adio a Assembleia Geral Extraordinária para data a marcar oportunamente.

Pel'Pres. MAG
Carlos Galiza

Considerando que, face à posição até aí mantida pelo Governo, a AG convocada para 3.ª-feira, dia 29/5/79, se destinava a discutir e marcar formas de luta;

Considerando que o Governo apresentou finalmente, no passado dia 23/5/79, uma contraproposta às reivindicações constantes na PRC;

Considerando que a discussão entre a Direcção-Geral da Função Pública (DGFP) e a Comissão Negociadora Sindical (CNS) sobre estas propostas vai ter início na próxima 4.ª-feira, dia 30/5/79, a DIRECÇÃO decidiu pedir ao Pres. MAG o adiamento da AG convocada para 29/5/79, devendo a mesma efectuar-se em data a anunciar oportunamente, depois da conclusão desta fase de negociações e face aos resultados da mesma.

Com o fim de manter os trabalhadores permanentemente mobilizados e informados a Direcção decidiu convocar para a próxima 5.ª-feira, dia 31/5/79, às 18 horas, na sede do Sindicato dos Rodoviários, sita na Av. Visconde Valmor, 34-3.º, uma reunião de Delegados e activistas sindicais, aberto a todos os TFP, na qual será feito o ponto da situação.

Lisboa, 25 de Maio de 1979

A DIRECÇÃO

Cofre de Previdência do Ministério das Finanças

ASSEMBLEIA GERAL

Vai reunir, pelas 21 horas e 30 minutos do dia 28 de Junho p.f., na Casa do Alentejo, Rua das Portas de St.º Antão, n.º 58 — Lisboa, a Assembleia Geral Extraordinária, nos termos do n.º 3 do artigo 86.º dos Estatutos, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações;
- 2 — Apreciação e votação do primeiro orçamento suplementar;
- 3 — Apreciação e votação do regulamento da organização dos Serviços da Instituição, no que concerne à reestruturação dos quadros do pessoal, a que se referem os artigos 111.º e 112.º dos Estatutos.

Lisboa, 24 de Maio de 1979

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Dr. Carlos Alberto Andrade Neves

Anuncie no «DL»

O «DL» atinge diariamente muitas dezenas de milhares de leitores, potenciais compradores e utilizadores de coisas e serviços e tem, actualmente, a maior venda de entre os jornais da tarde. Anuncie no «DL»: as tabelas são moderadas e os resultados serão espectaculares. Experimente!

ONTEM À TARDE, NA PJ

Advogados da família Delgado entregaram queixa contra Santos Junior

Os advogados da família do general Humberto Delgado entregaram ontem na Polícia Judiciária uma queixa contra o antigo ministro do Interior de Salazar, Santos Júnior, acusando-o de encobrimento do crime que vitimou o «general sem medo».

Luís Saias e Abranches Ferrão (José Luís Nunes, também advogado da família Delgado, encontra-se ausente no estrangeiro), consideraram que existiam indícios suficientes para incriminar o antigo ministro do Interior.

A convicção dos dois advogados baseia-se no facto de Silva Pais ter afirmado em tribunal que dera conhecimento ao ministro do Interior da operação prevista pela PIDE para prender e raptar o então líder da oposição democrática, e, mais tarde, dos resultados da actividade da PIDE. Na versão de Silva Pais, que tem sido posta em causa no tribunal que julga os agentes da PIDE já

incriminados, Santos Júnior fora informado, juntamente com Salazar, do assassinato do general Delgado e da secretária. Santos Júnior negou as afirmações de Silva Pais, tendo este comentado que o seu antigo chefe «tinha uma memória muito fraca».

A acusação particular requereu ao tribunal a incriminação do ex-ministro, mas os juizes decidiram que tal só se poderia verificar depois do julgamento.

Para evitar que se verificasse a prescrição do procedimento criminal contra Santos Júnior — o que aconteceria ao fim de 15 anos — a acusação particular decidiu ser ela própria a apresentar queixa.

Ao princípio da tarde de ontem, na Polícia Judiciária e depois de entregar os documentos na secretaria, o dr. Abranches Ferrão afirmaria que «o dia 28 de Maio é um dia muito apropriado para entregar uma queixa contra Santos Júnior».

A LEI DA AMNISTIA

Divulgado o parecer da Comissão Constitucional

O Conselho da Revolução formalizou ontem, em mensagem enviada à Assembleia da República, a sua decisão de não se pronunciar sobre a inconstitucionalidade da Lei da Amnistia. Ao mesmo tempo foi divulgado o parecer da Comissão Constitucional em que se fundamentou a posição do CR. Nesse parecer a comissão considera que é da exclusiva competência da Assembleia da República pronunciar-se sobre amnistias, mesmo que abranjam matéria militar, abordando depois os «pontos quentes» referentes à dimensão disciplinar e estatutária da amnistia. Aqui a Comissão Constitucional salienta que não teria sentido conferir competência para a amnistia à Assembleia se depois esta não pudesse determinar o âmbito dos respectivos efeitos.

Fica deste modo esclarecido o problema suscitado pelos Altos Comandos das Forças Armadas que pretendem, mesmo depois da amnistia, manter afastados das Forças Armadas os militares que politicamente lhes não agradam, no caso aqueles que são acusados de implicação nos acontecimentos do 25 de Novembro ou em factos que lhes são anteriores como os descritos no Retalório das Sevícias.

REUNIÃO NA ARMADA

Entretanto, ontem, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, reuniu-se com os oficiais gerais daquele ramo para debater assuntos de âmbito interno, e nomeadamente as implicações que a amnistia poderá ter naquele ramo das Forças Armadas, caso venha a ser aprovada na Assembleia da República.

De acordo com um informador da Armada, da reunião concluiu-se que a eventual aprovação da Lei da Amnistia poderia «ter consequências importantes na Armada, o que constitui motivo de preocupação».

Não conseguimos, no entanto, apurar que tipo de preocupações e quais os problemas que se suscitam naquele ramo pelo cumprimento de uma decisão legítima de um órgão de soberania, ainda por cima fundamentada na defesa dos Direitos Humanos e em motivos de humanidade, como é a amnistia proposta pelo Partido Socialista.

EANES RECEBE PEDRO CARDOSO

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Pedro Cardoso, transmitirá hoje ou amanhã ao general Ramalho Eanes as «preocupações» do Exército

quanto à eventual aplicação da amnistia político-militar.

As «preocupações» do Exército foram debatidas no decorrer de uma reunião de altos comandos daquele ramo das Forças Armadas no passado dia 24 de Maio.

Um informador militar disse à ANOP que este procedimento se insere na «linha ascendente da Hierarquia» e visa fornecer aos órgãos competentes os «elementos necessários para uma boa decisão».

Entretanto, o general Pedro Cardoso reúne-se depois de amanhã em Coimbra com os comandantes das Regiões Militares do Continente e das Regiões Autónomas.

Esta reunião, segundo o mesmo informador, é de rotina vindo na sequência de outras que mensalmente se realizam nas Regiões Militares. A última ocorrera em princípios deste mês na cidade do Porto.

COMUNICADO CONJUNTO PASOK-UESD

Melina Mercouri deixou hoje Lisboa

Partiu esta manhã para Atenas e artista e deputada grega, Melina Mercouri, que a convite da União da Esquerda Democrática e Socialista (UESD) se tinha deslocado ao nosso País para estabelecer contactos políticos com os dirigentes daquela organização e outras personalidades políticas nacionais.

Durante a sua breve estada em Portugal, apenas três dias, Melina Mercouri e Karolos Papoulias, igualmente deputado do partido a qual Melina Mercouri está ligada, o PASOK, e responsável no Comité Executivo deste partido pelas relações internacionais, tiveram ocasião de debater com a UESD certos problemas que interessam os dois partidos.

No decorrer das conversações havidas, a UESD e o PASOK consideraram em comunicado conjunto que a adesão plena da Grécia e de Portugal à CEE «constitui um factor que agrava a dependência das respectivas economias e do capitalismo, pondo em perigo a luta pela democracia socialista e pela independência nacional».

O PASOK e a UESD têm idênticos pontos de vista no que respeita à necessidade de prosseguir uma estratégia de luta para a Europa Meridional e para toda a bacia mediterrânica «assente no não alinhamento face aos blocos políticos e militares, na desnu-

clearização e na desmilitarização de toda a área do Mediterrâneo».

Paralelamente, as duas organizações estão de acordo em afirmar que uma estratégia da luta pela democracia socialista «é incompatível com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e com a existência de bases militares nos territórios da Grécia e Portugal».

Ainda no âmbito das relações internacionais, o comunicado conjunto do PASOK e da UESD, sublinha o apoio que estas duas organizações acordam à luta dos povos da Namíbia, do Zimbábue e da África do Sul contra o colonialismo, o racismo e o imperialismo, bem como a sua inteira solidariedade para com o povo palestino, OLP (Organização de Libertação da Palestina), povo saharui e Frente Polisário.

A terminar, o comunicado refere, por um lado, a necessidade de se aprofundarem as relações e a cooperação entre as forças progressistas do Sul da Europa e da área do Mediterrâneo e, por outro, a igual necessidade da UESD e do PASOK continuarem a manter os estreitos contactos que entre si vêm mantendo, no sentido do desenvolvimento dos seus «objectivos comuns de construção da Democracia Socialista na Grécia e em Portugal e na perspectiva da luta antifascista, anticolonialista e anti-imperialista à escala mundial».

Nove bancos estrangeiros emprestam 15 milhões

Um empréstimo de 15 milhões de contos ao Governo português, concedido por nove bancos estrangeiros, deverá ser em breve assinado — refere um comunicado do Ministério das Finanças, tornado público ontem.

O crédito, cujas negociações já terminaram, é amortizável em dez anos, com um período de deferimento de cinco anos, e foi já autorizado pela Assembleia da República, que, em recente votação, permitiu ao Governo a ob-

tenção no mercado financeiro internacional de empréstimos até 300 milhões de dólares.

O empréstimo será liderado, em igualdade de circunstâncias, por bancos alemães, franceses, luxemburgueses e suíços, a saber: Bankers of Trust International, Crédit Lyonnais, Dresdner Bank, Gulf International Bank, IBI International, Kreditbank Luxembourg, Lloyd's Bank International, Union Bank of Switzerland e West Deutsche Landsbank Girozentrale.

...e põem-me o carro à porta do hotel, no Porto?
Posso alugar o carro em Faro e deixá-lo em Tomar?
Pode-me dizer quais os carros disponíveis em França?
Têm balcão de aluguer no aeroporto do Funchal?

Telefone-me! Tenho resposta para a sua pergunta... e carro para a sua reserva.



AVIS
ALUGAMOS AUTOMÓVEIS

CENTROS DE RESERVAS

Lisboa 561177 / Porto 315947 / Faro 24538 / Funchal 25495 / Açores 25200

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Ministro da Educação acha que há universidades de mais

Na presença do ministro da Educação — que se manifestou contra — e com a abstenção do PS, o plenário da Assembleia da República aprovou ontem a criação dos Institutos Universitários da Beira Interior e de Trás-os-Montes. Em mais uma manifestação do seu raro tacto político e sentido da oportunidade, Sottomayor Cardia, perante a admiração divertida do hemiciclo, aplaudiu solidariamente as palavras do ministro. Estava este a clamar contra os «perigos que decorrem da proliferação de estabelecimentos de ensino superior» e a dizer que «por este andar caminhamos para o primeiro lugar mundial no que respeita à densidade da malha espacial dos estabelecimentos de ensino universitário».

O ministro Valente de Oliveira chamou a atenção para os «graves problemas» que envolvem a concretização dos projectos e, entre outras coisas extraordinárias, disse que as escolas superiores recentemente criadas só «conseguiram progredir» graças aos docentes regressados de África.

Talvez a esta luz se entendam melhor as considerações que o ministro fez seguidamente a respeito das aspirações regionais, quando afirmou não conhecer nenhum exemplo de desenvolvimento de uma área baseado na atribuição à universidade, do papel de despoletador das acções de fomento. Com efeito, assim aconteceu nas ex-colónias portuguesas, mas isso não quer dizer que tenha acontecido em toda a parte...

Em reforço das palavras do ministro, acorreu a deputada Teresa Ambrósio (PS), a qual, mui judiciosamente, informou não serem os dias de hoje os mais propícios a acções retumbantes no sector educativo, duvidando que «uma solução imediata» das

aspirações das populações como a que propõem os dois projectos (do PSD) seja a solução mais correcta e se a mesma não comprometerá esforços futuros nesse sentido.

Quem ficou um bocado entalado com o discurso de Valente de Oliveira foi o CDS, que anunciara já o seu apoio à transformação dos actuais Institutos Politécnicos de Vila Real e Covilhã em Instituto Universitários, sob proposta do seu parceiro de «convergência».

O centrista Krus Abecassis, que não é homem para se embarracar com contradições, mais uma vez se saiu airoso: anunciou que o seu partido ia votar a favor dos projectos, embora estivesse de acordo «com tudo o que o senhor ministro disse».

E que disse o «senhor ministro»? Que as universidades existentes chegam, sobram e até são de mais, e que os Institutos Universitários de Vila Real e Covilhã «concorreriam com as barra-

O ELEITORALISMO DOS PARTIDOS E A INCAPACIDADE DOS GOVERNOS

Por vezes (quase sempre) o eleitoralismo dos partidos é preferível à incapacidade dos governos. Foi isso, mais ou menos, o que disse o deputado comunista Manuel Gusmão, ao desmascarar o «eleitoralismo pé-pedista» que se encontra por trás dos projectos ontem aprovados, mas afirmando que se justificava «face à necessidade de obviar à incapacidade dos últimos governos, nesta como em outras matérias».

Antes do final da sessão, os deputados independentes ex-PSD requereram a votação pelo plenário, na especialidade, dos projectos de lei do arrendamento rural. Os ex-PSD não têm

assento na comissão onde os projectos são normalmente discutidos na especialidade e o plenário terá de pronunciar-se em relação ao seu requerimento.

Vasco da Gama Fernandes congratulou-se pelo facto de, no seguimento de uma sua passada intervenção, a escritora Maria Archer ter sido transferida de um asilo para um hospital «digno».

Por último, sub-repticiamente, deu entrada na mesa uma proposta de lei do Governo com pedido de urgência. Que era? Ora... Mais um pedido de empréstimo (40 milhões de dólares) ao Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), a juntar aos dois pedidos (350 milhões) já despachados na semana passada. Com efeito, se há área em que este Governo é rápido e eficaz, é na dos empréstimos.

E. S.



Raymond Riffet, da Comissão da CEE

Colóquio sobre a adesão de Portugal à CEE

Está a decorrer num Hotel de Lisboa um colóquio sobre a integração de Portugal na CEE. Organizado pela Fundação Oliveira Martins e pelo Centro Internacional de Formação Europeia (um organismo privado que beneficia de estatuto consultivo perante o Conselho da Europa) o colóquio foi orientado, no início, por Raymond Riffet, encarregado de missão na comissão da CEE.

Segundo Raymond Riffet a adesão de Portugal, Espanha e Grécia ao Mercado Comum não significa apenas a adesão de mais três membros mas «o início da resolução de uma contradição cada vez mais importante entre o carácter transnacional da realidade económica e o carácter essencialmente nacional das realidades políticas». Para Riffet «se a Europa quiser rejeitar as soluções que foram adoptadas no bloco de Leste tem necessidade de demonstrar que são realizáveis alternativas melhores». Nesse sentido aquele

encarregado de missão considerou importantes as eleições para o Parlamento Europeu «como caminho para uma unificação política da Europa».

Entretanto o presidente da Fundação Oliveira Martins, Rui Machete, que também usou da palavra voltou a defender a adesão de Portugal do ponto de vista da manutenção de uma «democracia pluralista».

Carlos Roma Fernandes membro da comissão para a integração da Europa abordou o tema das relações CEE — Portugal — África. Para Roma Fernandes a adesão de Portugal à CEE «vai reforçar as nossas relações sociais e políticas com a África em geral e com as ex-colónias em particular. Contudo sublinhou haver inconvenientes: Portugal terá de assumir os regulamentos que regem as trocas comerciais, nomeadamente a Convenção de Lomé, assim como os acordos específicos, podendo a abertura do mercado português aos produtos agrícolas do Terceiro Mundo vir a trazer dificuldades».

DOMINGO ÚLTIMO, EM FRANÇA

Soldados de nove países debateram os seus direitos

Representantes dos comités de soldados de nove países europeus reuniram domingo passado em Joinville le Pont, perto de Paris, para confrontar as suas experiências e lutas, por iniciativa da organização francesa «Informação para os Direitos do Soldado».

Estiveram presentes representantes de comités de soldados de França, Suécia, Noruega, Finlândia, Dinamarca, Bélgica, Holanda, Alemanha e Espanha. O debate realizado, tendo como tema os direitos democráticos no Exército, registou ainda a participação de organizações sindicais e de juventude.

Segundo refere o comunicado distribuído durante o encontro, «soldados devem ser considerados como cidadãos de uniforme (...) e colocados em pé de igualdade com os civis (...) em cada país, devem ter o direito de criar organizações sindicais legais, capazes de defender os seus interesses» e, finalmente, beneficiar de transportes gratuitos.

«Num sentido amplo — refere ainda o comunicado citado pela France Press — estes problemas e reivindicações são comuns a todos os soldados nos diversos países. É pois natural que os representantes dos soldados colaborem para lá de todas as fronteiras».

a cada um a sua palavra

CONCURSO

DE «o diário»

LISTA COMPLETA DOS 6073 PREMIADOS

DIA 30

Lista de Adultos

DIA 31

Lista Infantil

COMPRE

«o diário»

PUB.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º D. — LISBOA 1

TELEFONES 41751-535547

MOÇÃO

Os Enfermeiros da Zona Sul, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária no dia 25/V/79, na Sala de Conferências do Hospital de D. Estefânia, congratulam-se com a aprovação da lei que consagra o Serviço Nacional de Saúde, cuja aplicação exigem no mais curto espaço de tempo possível, não só por imperativo de consciência profissional, como também pela manifesta necessidade pública de que se reveste.

APROVADO POR UNANIMIDADE

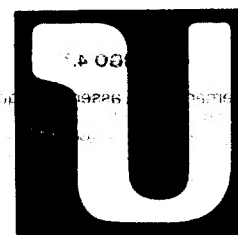
Hospital D. Estefânia, 25/V/79



«Uma análise concisa da crise e extinção do feudalismo, à medida que emerge o novo método de produção, o capitalismo.» DA CRISE DO FEUDALISMO AO NASCIMENTO DO CAPITALISMO Giuliano Conte



BIBLIOTECA DE TEXTO UNIVERSITÁRIOS PAVILHÕES 48 e 49 EDITORIAL PRESENÇA



Afinal o OGE não prevê aumentos das pensões

O movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos repudiou, em comunicado ontem divulgado, «o sacrifício imposto pelo Governo que, a fim de reforçar o Orçamento Geral do Estado, transfere para este, 1 milhão e 800 mil contos que deveriam destinar-se ao aumento de pensões».

O MURPI assinala que as verbas inicialmente destinadas ao aumento de pensões foram desviadas para encargos de diversos Ministérios.

«A injustiça, o crescimento da miséria e da fome que resultará disto, são consequências que não interessam ao Governo, mas que os representantes do Governo não poderão esquecer quando da análise do OGE na Assembleia da República» — comenta o MURPI.

Negando, à partida, o possível objectivo de dividir os reformados, aquela organização repete, depois, as exigências de aumento das pensões rurais e das do regime geral. Ou seja, pretende-se ver cumprido o caderno reivindicativo oportunamente apresentado ao Governo.

UM "NÃO" GENERALIZADO

Projecto sindical do PS "chumba" nos sindicatos

O projecto de Lei Sindical do PS, que será submetido proximamente à apreciação da Assembleia da República, desencadeou um amplo movimento de repúdio por parte das organizações sindicais: aí, pelo menos, «chumbou» sem apelo nem agravo.

Depois do secretariado da CGTP-Intersindical Nacional e das uniões sindicais de Lisboa e Porto, cujas posições já foram por nós divulgadas, outras estruturas sindicais tornaram público o seu protesto por um projecto que, no dizer da União dos Sindicatos de Setúbal, «é o pior de todos quantos já foram presentes à Assembleia da República». E porquê?

Porque é «claramente institucional», constitui «uma séria e perigosa tentativa contra a unidade dos trabalhadores», e visa objectivos que o Movimento Sindical unitário não pode subscrever: «estimular a pulverização e divisão sindicais, legalizar a ilegal UGT bem como os sindicatos paralelos constituídos à margem da lei, criar dificuldades e limitar a capacidade de exercício efectivo dos direitos sindicais».

Este elenco de razões é, em síntese, perfilhado pelas restantes organizações sindicais que nos enviaram documentação sobre o problema. Assim, por exemplo, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte vê nesse projecto uma «aviltante e despujadora violação dos preceitos constitucionais» e da Conven-

ção n.º 87 da OIT, implicando «ingerência e desrespeito de normas e princípios fundamentais que só aos trabalhadores compete decidir».

Ainda de acordo com este Sindicato, o projecto visa a «limitação da actividade sindical» e a «transformação dos sindicatos em meros apêndices de outras organizações». Em idêntico sentido, aliás, se pronuncia o sindicato congénere da zona sul (e ilhas).

Subcrevendo perspectivas semelhantes, os Sindicatos dos Empregados de Escritório e dos Trabalhadores Agrícolas do

Funchal declaram opor-se frontalmente a qualquer revisão da lei sindical vigente desde que não seja para garantir «a independência do Movimento Sindical face ao Estado (...), os princípios comuns do sindicalismo democrático e progressista (...) e a consagração da liberdade sindical e dos direitos dos trabalhadores relativos ao exercício da actividade sindical nos locais de trabalho».

Apenas uma voz discordante, neste vasto movimento de protesto: a da UGT, organização que seria beneficiada com a nova lei, se ela fosse aprovada.

Força da GNR espancou trabalhadores da Uniteca

Uma força da GNR carregou ontem sobre trabalhadores da empresa têxtil Uniteca, de Valongo, que se encontram em greve desde o passado dia 17, lutando pelo pagamento de reativos e pela reintegração de um seu companheiro irregularmente despedido.

A intervenção policial ocorreu durante a tarde, quando piquetes de trabalhadores procediam à fiscalização das entradas e saídas de viaturas junto dos portões da fábrica. Há a assinalar alguns feridos, três dos quais tiveram de receber tratamento hospitalar.

Perante estes acontecimentos, a Federação Sindical dos Têxteis enviou um telegrama ao Presidente da República, manifestando «vivo repúdio face à acção ilegal da GNR» e solicitando o levantamento de «um rigoroso inquérito».

De notar que o controlo de entradas foi decidido pelos trabalhadores como forma de evitar confrontos com homens de mão do patronato. Os incidentes de ontem motivaram um contacto com o Governo Civil do Porto, que teria invocado o facto de a GNR não obedecer às suas determinações.



AO ASSALTO

A secção de Deléas do Sindicato Têxtil de Braga foi assaltada na madrugada de segunda-feira. Os indícios imediatamente verificados pelos responsáveis da secção levam a pensar que os assaltantes estariam mais interessados em causar danos e «ver» do que em recolher verbas, embora tenham tentado o arrombamento de um cofre com salários. Uma máquina eléctrica danificada, uma bandeira do sindicato suja de mercurocromo, papéis e documentos desarrumados — eis o balanço. Entregue o caso às autoridades, a GNR demorou muitas horas a comparecer no local. A PJ do Porto também foi informada da ocorrência.

JOVENS METALÚRGICOS

O Encontro de Jovens Metalúrgicos do Algarve, que durante o fim-de-semana se realizou em Faro, concluiu pela necessidade de uma política de desenvolvimento económico que dê pleno emprego aos milhares de jovens que saem das escolas. O debate envolveu as reivindicações da juventude do sector metalúrgico: desemprego,

ocupação de tempos livres, organização nas empresas e nos sindicatos. No campo das conclusões destaque-se: necessidade de sindicalização dos trabalhadores mais jovens, a promover pelas comissões de juventude, visando que aqueles «se sintam cada vez mais ligados ao Movimento Sindical; recomendação do início de actividades de âmbito distrital e nacional «de molde a ganhar cada vez mais jovens para uma consciência democrática; necessidade de criação de comissões de higiene e segurança.

EM SANTARÉM

Os jovens metalúrgicos do distrito de Santarém realizaram o seu 1.º encontro, no dia 9, no Tramagal. Visam: a mobilização e organização dos jovens metalúrgicos para a luta contra o desemprego e os despedimentos; discussão dos problemas da juventude e formas de luta organizada para a sua resolução; aumento da participação da juventude no sindicato e sua sindicalização.

DO POVO

A Cooperativa Dopovo, constituída em 1975 para salvar o que então restava da Sociedade Industrial da Videla, acaba de obter uma compensação para o seu esforço; o Tribunal de Torres Vedras decidiu entregar-lhe as instalações e maquinaria da empresa que salvou. A proposta apresentada pela Dopovo para aquisição daqueles bens foi a mais elevada que entrou no tribunal.

CERVEJAS

Os trabalhadores cervejeiros estão a debater propostas de novas paralisações que visam pressionar a negociação de contratação colectiva e que ainda não têm direito.

CLUBE DE FUTEBOL UNIDOS DA GLÓRIA

Certifico que, por escritura de 28 de Abril findo, exarada de fl. 26 a fl. 27 vº do livro n.º 48-C de escrituras diversas do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Cascais, a cargo da notária Dr.ª Maria Inês Pita Teles de Melo Meneses e Castro, foi constituída uma associação com o nome em epígrafe, que se regerá pelos estatutos constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO 1.º

A associação tem o nome de Clube de Futebol Unidos da Glória e tem sede provisória na Rua da Conceição da Glória, 67, na freguesia de S. José, no concelho de Lisboa, distrito de Lisboa, fundada em 5 de Outubro de 1978.

§ único. O emblema e a bandeira desta associação serão baseados num motivo desportivo e têm as cores básicas de amarelo e azul e o modelo já consagrado pela associação.

ARTIGO 2.º

Tem por fim a promoção cultural dos sócios, através da educação cultural, física e desportiva, e acção recreativa, visando a sua formação humana integral, encontrando-se aberta a pessoas de ambos os sexos, residentes na freguesia de S. José, em Lisboa.

§ único. Excepcionalmente poderão ser admitidos sócios não residentes na dita freguesia, sendo o critério orientador da sua admissão fixado no regulamento geral interno, cuja aprovação compete à assembleia geral.

ARTIGO 3.º

São órgãos da associação a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal, podendo ser criadas secções para coadjuvar a direcção, funcionando estas sob regulamento próprio, cuja elaboração é da competência da direcção.

ARTIGO 4.º

Internamente a assembleia geral é soberana e perante ela responde a direcção cuja actividade está sujeita permanentemente à inspecção do conselho fiscal.

ARTIGO 5.º

A associação é representada por

toda a direcção, cujo presidente tem função coordenadora, e a ela compete a iniciativa e a superintendência em todas as suas actividades. Nas deliberações da direcção o presidente tem voto de qualidade.

ARTIGO 6.º

Constituem património da associação a receita da quotização mensal dos sócios e das taxas cobradas pelos serviços prestados e, mediante deliberação da assembleia geral, quaisquer bens adquiridos por doação, deixa testamentária ou a título oneroso.

ARTIGO 7.º

A associação durará por tempo indeterminado, mas, no caso de se dissolver pelos motivos constantes da lei, reverterá o seu património a favor de pessoas ou entidades a designar pela assembleia geral que deliberar a sua dissolução.

ARTIGO 8.º

Com observância do estatuto do artigo 2.º, § único, e do que sobre a matéria for fixado no regulamento geral interno, poderá ser admitido como sócio da associação qualquer cidadão residente na freguesia de S. José, Lisboa, cujo proponente se responsabilize pelo seu comportamento moral e cívico. A eliminação por falta de pagamento de quotas será da competência da direcção. A expulsão será da competência da assembleia geral e verificar-se-á após processo disciplinar devidamente organizado.

ARTIGO 9.º

Nos casos omissos nestes estatutos, rege o regulamento geral interno, cuja aprovação compete à assembleia geral e às leis gerais do País.

Está conforme o original e na parte omissa nada há em contrário que amplie, retrinja, modifique, altere ou condicione a parte transcrita.

Secretaria Notarial de Cascais, 4 de Maio de 1979. — A Ajudante, Maria Madalena dos Santos Silva.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO 1.ª PUBLICAÇÃO

O Doutor Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas, Juiz do 2.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

FAZ SABER que pela 2.ª Secção do 2.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uma autos de execução de sentença, registados sob o n.º 183/78, nos quais são exequente António Ferreira e executada FORNEX — FÁBRICA PORTUGUESA DE FORNOS METÁLICOS, LTD., com sede na Rua Afonso de Albuquerque, 12, Cacém — Sintra, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findos os editos e a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos Art.ºs 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 16 de Maio de 1979
O JUIZ
a) Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas
Pel' O ESCRIVÃO
a) João Carlos Rodrigues dos Santos

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA

9.º JUÍZO CIVEL

ANÚNCIO

Faço saber que no dia 7 de Junho de 1979, pelas 10 horas, neste Tribunal, nos autos de Execução Sumária que a Metalúrgica Duarte Ferreira S.A.R.L. move contra Seprol-Sociedade de Estudos, Projectos e Obras Limitada, há-de ser posto em praça pela primeira vez para se arrematar ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo (20.000\$000), o direito ao arrendamento e ao trespasso dos escritórios sitos na Avenida Almirante Gago Coutinho n.º 130 em Lisboa.

Lisboa, 18 de Maio de 1979
O Juiz de Direito

a) José António Lopes Cardoso Bastos
O Escrivão de Direito
a) José Maria Baptista



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS AMADORA RECOLHA DE LIXO

Em cumprimento do Plano de Actividades para 1979, e dando satisfação às reivindicações da população, a Câmara Municipal de Oeiras vai melhorar o serviço de higiene e limpeza em todo o concelho, reforçando os meios humanos e materiais (contentores, viaturas, etc.). Simultaneamente, em parte da Freguesia da Amadora, vai ser posto em funcionamento o horário nocturno de recolha, como abaixo se indica.

Zonas de REBOLEIRA, BAIRRO NOVO, VENTEIRA-CENTRO, MINA E B. JANEIRO

Nesta área, a partir de 1 de Junho, a CMO vai promover a

RECOLHA NOCTURNA DO LIXO
(das 24 às 9 horas)
Em consequência, o lixo deve ser colocado nos contentores
à noite, próximo das 24 horas!

CHAMA-SE A ATENÇÃO PARA O FACTO DE NÃO SE EFECTUAR RECOLHA DE LIXO NOS SÁBADOS À TARDE NEM NOS DOMINGOS.

A melhoria das condições de higiene e saúde pública só será possível com a colaboração activa das organizações populares de base e da população em geral.

Não esqueça:

**DEFENDA A SUA SAÚDE!
MANTENHA O CONTENTOR FECHADO!**

NOTA: Para a parte ocidental do concelho, continuam em estudo novos sistemas de recolha de lixo, que brevemente entrarão em vigor.

Zonas de FALAGUEIRA, VENDA NOVA, BURACA/ALFRAGIDE, DAMAIA E BRANDOIA

Nesta área, manter-se-á o

horário normal de recolha do lixo
(de dia)

Portanto, mantém-se também a recomendação de que o lixo seja colocado nos contentores, **à noite, ou até às 7 da manhã!**

AÇORES: NOVE ESTRELAS

Nove estrelas e um pássaro: é a bandeira oficialmente aprovada pelo PSD açoriano. Com ligeiras diferenças, é também o símbolo da FLA (Frente de Libertação dos Açores) que, com profusão, se vê pelas paredes de Ponta Delgada. Menos, noutras cidades de outras ilhas. Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores que recentemente convidou representantes de quase todos os jornais diários do Continente para conhecerem o arquipélago (falhou «O Diário»...) fala-nos perante a insistência: «Aos jornalistas interessa sempre o exótico...».

Autonomia, mais autonomia, maior autonomia, sempre autonomia, não tenderá para o infinito da independência? — perguntam-lhe. O futuro o dirá, responde, mais coisa menos coisa. Mas, para ele, independência é coisa que não tem resultado em zonas do Globo que dão para os Açores em características semelhantes.

Um pássaro e nove estrelas, de que nos falam como regionalistas até mais não. Cada ilha sua realidade, confirmam-nos mesmo a nível governamental, afinal o povoamento foi feito de formas diversas e com origens igualmente.

O convite a tantos jornalistas continentais?

«Muitas vezes não somos compreendidos por não sermos conhecidos» — reza Mota Amaral no início da conversação.

Uma noite em S. Miguel, de despedida da ilha, afinal o centro da FLA, aí onde se acoitam as maiores contradições de classe, onde os latifundiários locais se distanciam mais dos rendeiros e assalariados, dizem-nos:

— Isto é um barril de pólvora, homem. E sabe quem tem o rastilho na mão? Isso, é o Mota Amaral...

Temos alguma surpresa nos olhos? O homem cofia a barba e confidencia: «Talvez em breve ouça falar disto outra vez. Conhece o dr. Quintas? Aquele a quem incendiaram o carro no outro dia? Pois, em 75 um comunista teve o carro a boiar uma data de dias ali na baía. Talvez a história se repita».

Ainda a autonomia: todos os esforços do Governo vão nesse sentido. E, de Mota Amaral a secretários regionais, há uma certa unanimidade: o salazarismo deu sucessivas machadadas nas pretensões autonomistas açorianas. O 25 de Abril escancarou as portas a esse velho ânimo e permitiu que, quando se dá a mão se tome o pé.

«O PPD aqui está profundamente ligado à reacção» — garante-nos um militante comunista.

«Os comunistas, aqui, estão na clandestinidade, não aparecem porque preferem assim. Mas nós conhecemos muitos deles...» — estas são palavras de um director regional.

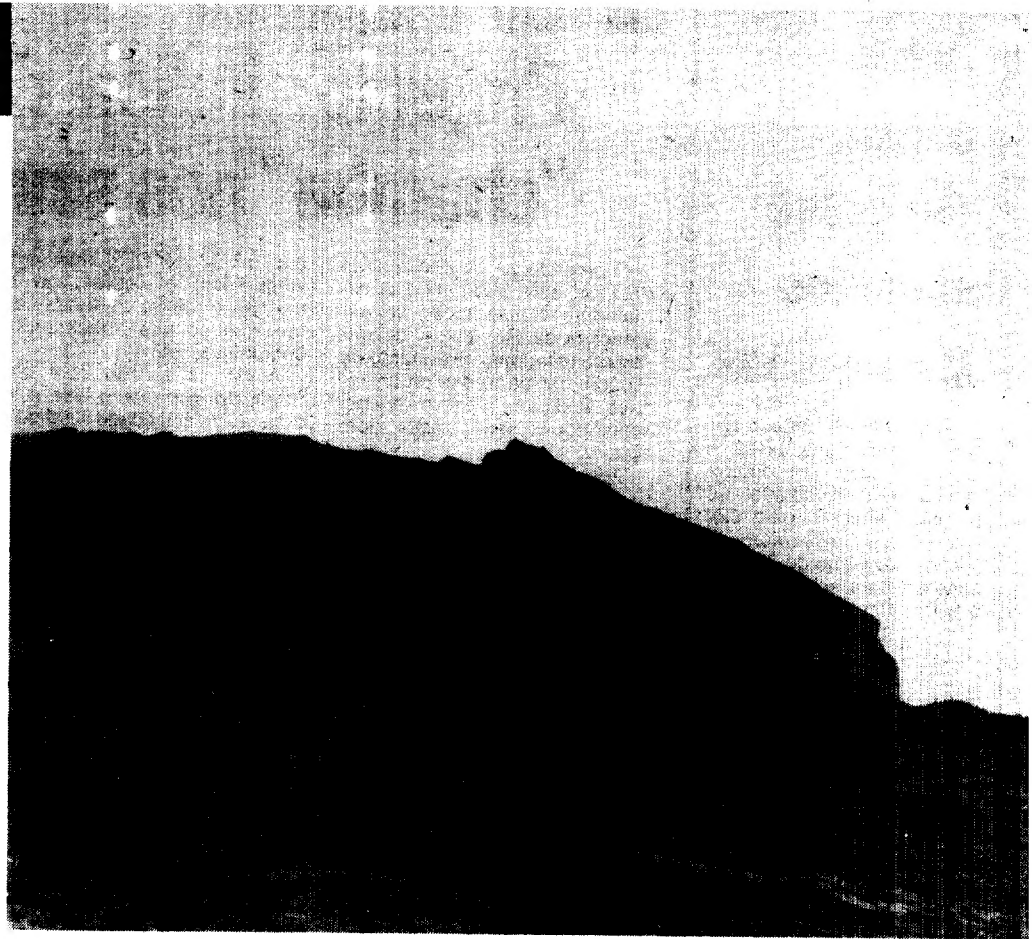
Mas, afinal, tudo se resume hoje a dificuldades de ordem material: não há casas, e quem vai arrendar a um partido que já viu a sede incendiada?

A FLA, garantem-nos, é hoje um grupo que pinta por onde pode, e fica como força de reserva para o que der e vier. Ou seja, o Continente pode virar para aqui e para ali. E, entretanto, particularmente dos sectores mais direitistas, tenta-se confundir a opinião pública: a FLA é do KGB, faz o jogo do «expansionismo soviético». É o velho processo, que também Mota Amaral acarinha, face ao isolamento do grupo terrorista.

AS REALIZAÇÕES DO GRA

Uma preocupação do Governo Regional dos Açores, nesta viagem que sustentou, de tantos jornalistas, foi dar-nos uma visão das suas realizações e do que lhe vai nos propósitos, se o futuro a tanto esticar (há eleições para breve...).

Quais realizações? Autonomia, autonomia, para lidar com os dinheiros, para definir âmbitos de actuação, para decidir nisto e naquilo, para construir portos, cavar aeroportos e arranjar navios e barcos que lhes sulquem as rotas.



O vulcão dos Capelinhos, adiado agora, também faz parte da paisagem. Em 1957 provocou o alarme

Autonomia, independência

apoio à pesca e ligação ao Faial; na Calheta do Pico, será o porto comercial; na Cruz das Ribeiras terão um porto de pesca. No conjunto, 250 mil contos. A preços corrigidos, sobe.

Mas um porto só não seria melhor, um porto que desse para tudo e para todos? Para quê três portos, curiosamente correspondendo a outros tantos concelhos em que a insula se subdivide?

«Há as condições de tempo, tempestades de diversas direcções, um mar terrível» — justifica-nos um director regional.

«É um erro» — sopram-nos doutro lado. É apenas manobra para contentar todos. No Pico, ainda, em vez de um hospital que reúna boas condições para todos, três que satisfaçam as autarquias.

No Pico, uma pista que as Forças Armadas rompem na lava, aquela massa escura, vulcânica até onde a imaginação pode. Do Faial lá, os olhos não se perdem. Em dias lindos o vulcão apagado é uma imagem a recordar. Os aviões teriam tempo de levantar e aterrar. Mas, segredam-nos, o Pico é a ilha do futuro.

Entre portos e aerodutos, outros planos existem, custeados pelas verbas do Orçamento Geral ou contando já com dinheiros que pelas Lajes circulam e não só. E que, havendo uma base nas Flores, esta à francesa, as verbas acordadas (com indexação de preços, vejam o requinte...) destinam-se-ão à construção de um porto.

Tantos (aero)portos? — perguntar-se-á o leitor. Sim, são nove as ilhas, outras tantas as estrelas. Sobre tudo navega um grande açor que a todos deverá contentar. Se a média se mantivesse, veja só o leitor quantos portos. Que realizações. Que esforço.

A TEMPERATURA DA TERRA

Nas Furnas, centro e dragão da ilha de S. Miguel, aquela onde o Governo Regional tem coração e cérebro, é possível fazer um cozido à portuguesa dentro de uma serapielheira que os 90 graus de um vulcão semiadormecido permitem à terra.

Mais ao lado, no bordo Norte da ilha, as brocas rilmam, cavam o furo geotérmico que é local obrigatório para quem quer ver as «realizações do Governo Regional». Daqui nascerá uma central geotérmica-piloto que, se resultar, dará outra a sério. E, assim, a autonomia se consolidará, à custa de milhões de vãos saídos das «furnas» artificiais.

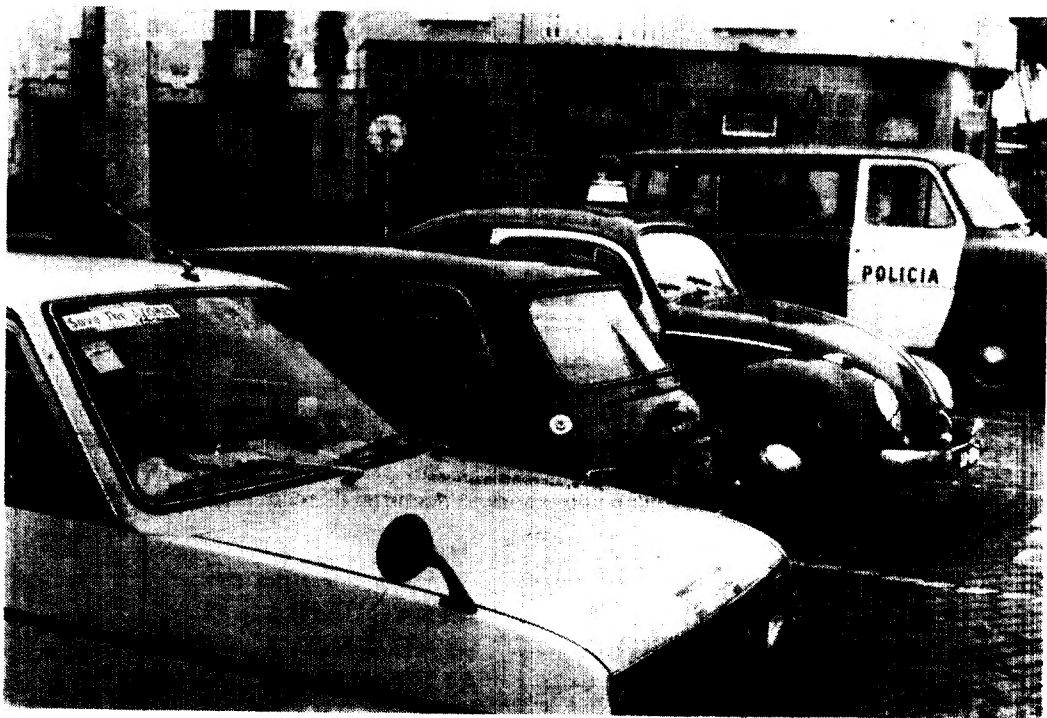
Custos do processo? Fazer os furos já vai em mais de 300 mil, somados estes à central-piloto, temos um milhão. Para ver se resulta. E, aí, benzemo-nos nós!, não vá sair coisa como a de Sines. Bem, na verdade a coisa já tem barbas, funcionam aqui e acolá, japoneses, islandeses,

italianos, americanos, etc., soviéticos, incluídos. Mas pode falhar.

Que mais há, no que foi feito? O Instituto Universitário dos Açores, levam-nos lá para uma ensaboadela de pulgões, lagartas joaninhas, ecologia afinal.

«A criação da Universidade, um acto de autodeterminação cultural» — conversa Mota Amaral. Foi, segundo pensa, a grande realidade no domínio cultural, conquistada com o 25 de Abril. Nunca Salazar abriu o albernoso a coisas tais.

Agora ali está, com intercâmbios vários, bacharéis à vista uma réstia de técnicos que não há, por enquanto, no terreno. Tudo na sequência da tal data



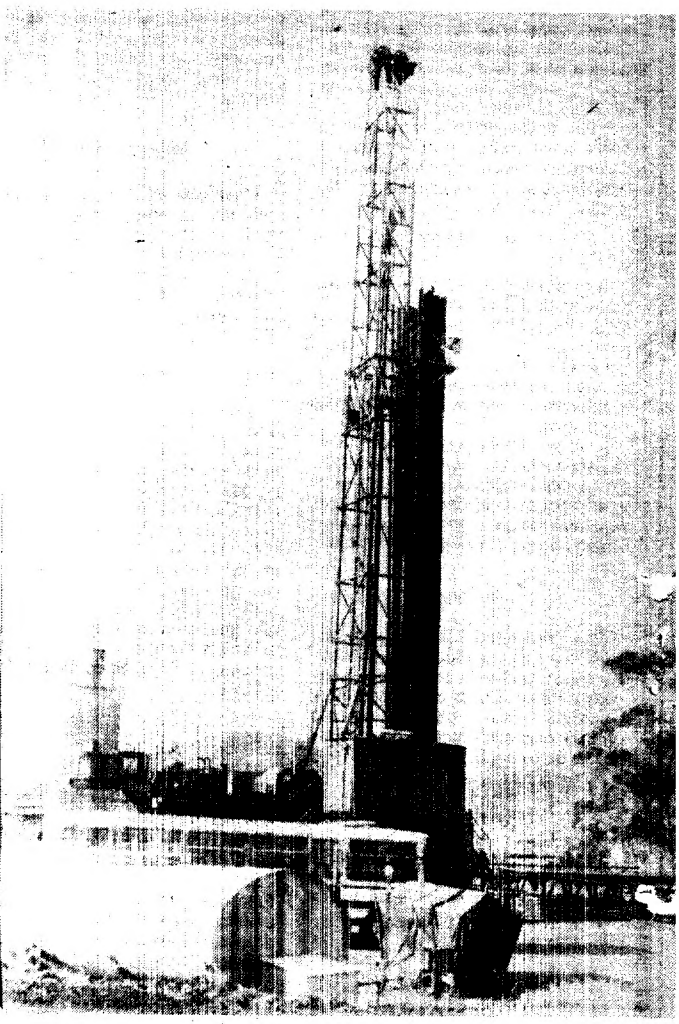
A FLA, nos seus propósitos anticonstitucionais, convive nas ruas, por exemplo, com as forças policiais. A foto foi obtida na cidade da Horta (Faial).

Por exemplo, no capítulo de finanças, é preocupação do respectivo secretário regional ver definida a questão das receitas fiscais que pertencem à região.

«Com a promulgação da Constituição, não se fez um arranjo sobre a legislação anterior, o que resulta em indefinição e incerteza» — diz aquele elemento do Governo Regional.

Finanças para quê? Lá temos os portos e aeroportos, as infra-estruturas que este Governo de maioria PSD em todas as ilhas reclama como indispensáveis. E por isso, mesmo quando lá estávamos era uma lufa-lufa a caminho de Lisboa, talvez tentando sacar deste Governo no fim, mais um avo de autonomia.

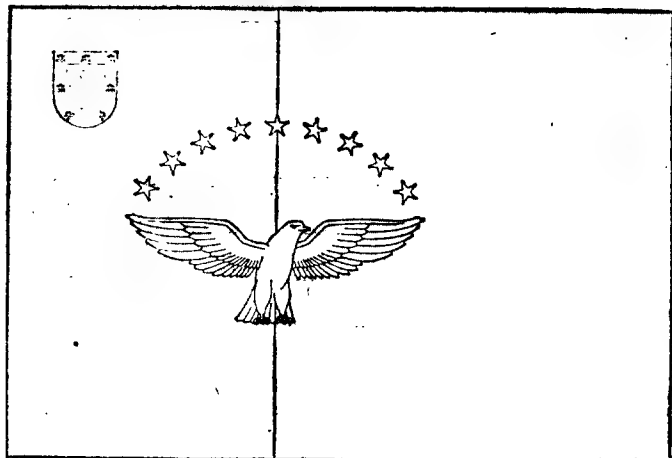
Portos? São vários, em estudo ou já em andamento. Só na ilha do Pico vão três, e dão para diversos gostos: na Madalena



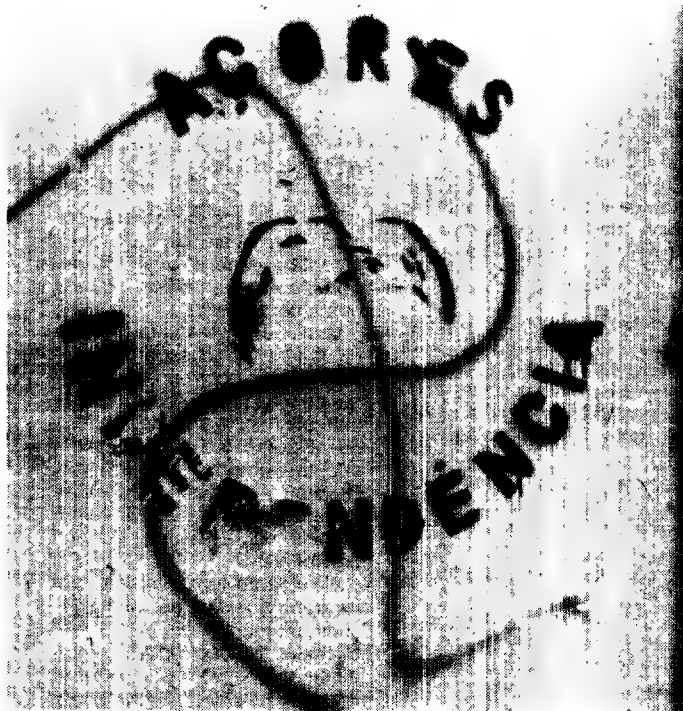
O furo geotérmico, a grande esperança do governo regional. Ou a tentativa de aproveitamento do «fogo» da terra

E UM PÁSSARO — (1)

ROGERIO VIDIGAL



A bandeira açoriana, já oficialmente aprovada e que tanta celeuma provocou. A sua aprovação foi feita sem a participação dos deputados regionais do Partido Socialista.



A FLA pelos olhos dentro, nas ruas de Ponta Delgada. Faltam nesta pichagem as nove estrelinhas que dão o toque de semelhança com a bandeira regional e oficial

ne e o êxodo das populações do Faial.

dência e um barril de pólvora

que tantas cócegas faz e uma «cunha» oportuna que levou ao decreto indispensável no tempo de Vítor Alves.

Instituto Universitário, pois. Livros já publicados, instalações poucas e dispersas por ilhas (é um arquipélago...).

Sobre a cabeça impendem-lhe, entretanto, acusações como a de pouca formação (científica, técnica, cultural) de alguns dos seus docentes. Verdade, mentira, não se pode ter tudo num dia. Mas, tudo o indica, para as ambições insulares, tanto vai bastando ou aliviando, como os vulcões em tempo de furnas por não haver erupções. Até as erupções estão caras, comenta

o turista desalentado, por tanto fumo e tão pouco fogo, enquanto deglute o cozido da terra quente.

FAZER PARA QUÊ? PARA QUEM?

A quem vão servir esses portos, os tais aeroportos, as pistas, a energia do ventre da terra? — pergunta-se qualquer. Sim, qual o grau de utilização, o proveito garantido que o povo açoriano vai tirar através daqueles que são os seus representantes, afinal o seu Governo?

A iniciativa privada continua a ser, para os responsáveis sectoriais, um princípio sagrado e só há que intervir nos circuitos

quando aquela se mostrar incapaz ou totalmente inadequada. Ou seja, o poder público vai salvar aquilo que a iniciativa privada deixou cair por não dar os lucros bastantes.

Por exemplo, com regimes de fixação de preços e dificuldades várias nos abastecimentos de produtos essenciais, muitos comerciantes mudaram de ramo. Da alimentação aos electrodomésticos o seu Governo?

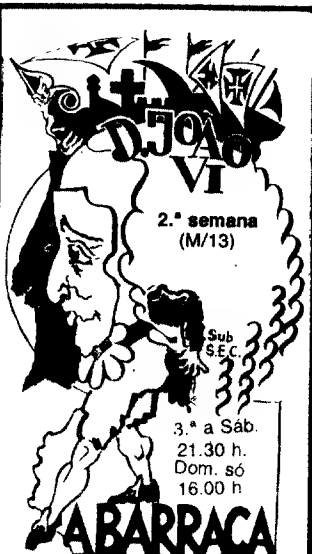
Aos aos electrodomésticos, veja-se, foi um passo. É uma política claro. Ela reflecte-se, inevitavelmente, a diferentes graus e com diversas intensidades. Se a região enfrenta problemas de mão-de-obra, particularmente a nível especializado, o Governo fomenta e subsidia a formação profissional, ainda em proveito sabe-se lá de quem.

Se o tal furo geotérmico der energia mais barata, ou pelo menos sem aumento de preço, como prevêem os optimistas, de quem será o lucro? De quem acende a lâmpada, claro, mas muito de quem tiver maquinaria pesada a render.

A orientação, claro. O turismo é um sector prioritário, garante o responsável do sector. Mas qual turismo? — a pergunta é lúdica.

O de massas não, credo! O turismo que o Governo Regional desenha é o de qualidade, aquele de muitas estrelas destinado a dólares, marcos e escudos-de-perna-às-costas. Aquele que o proleto poderá fazer, em termos insulares, bastar-se-á, pelos vistos, nas Berlengas. E, mais um senão, como vão fazer turismo os ilhéus?

Vai uma resposta? Se é de Santa Maria, veja-se a areia branca; em S. Miguel passe pelas furnas e rememore o passado histórico; na Graciosa tem uma «mina» de enxofre; em S. Jorge leia Nemésio e olhe para o canal; no Pico, dê o dito por não pico; no Faial, dê graças lá para cima porque se safou no canal e vá aos Capelinhos; na Terceira, pode visitar velhas masmorras; Flores e Corvo ficam lá para outra crista atlântica e não vale pensar nisso.



Rua Alexandre Herculano, n.º 70 LISBOA

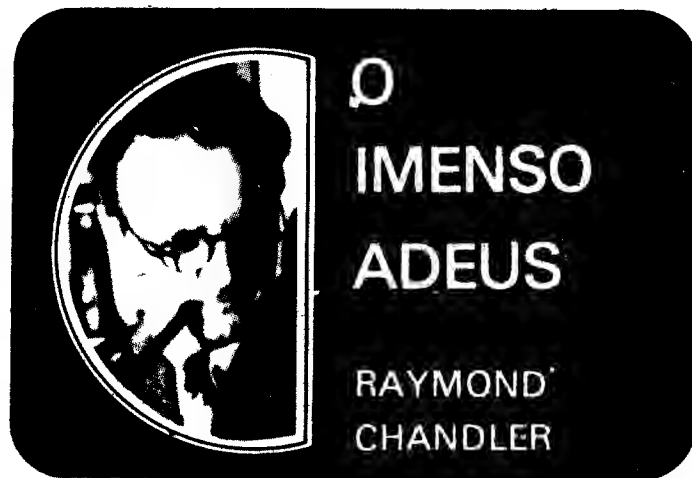
Telef. 68 63 00



- TRÓIA
- MONTECHORO
- AQUAZUL
- AÇOTEIAS
- COSTA BRAVA
- COSTA DEL SOL
- MAIORCA
- MENORCA
- IBIZA
- AÇORES
- MADEIRA

faça férias
Capristanos

Av. Duque de Loulé 47 A - 1000 LISBOA T 560171
R. Mouzinho de Albuquerque 47 8500 PORTIMÃO T 23136/7
R. de Santa Catarina 500 - 4000 PORTO T 20208/24571
Terminal - Centro Comercial do Rossio - Loja 101/2 - 1200 LISBOA T 368164/368134/871605



© - Livros do Brasil/College Trustees

—Ele era seu amigo, sr. Marlowe. A sua opinião tem muito valor. E eu tenho a impressão que você é um homem muito determinado.

Deitei fora o resto do tabaco que tinha dentro do cachimbo e enchi-o de novo. Não me apressei e continuei a olhar para ela enquanto tirava o tabaco da caixa.

—Oíça, sr.ª Wade, a minha opinião não tem interesse. Acontece todos os dias. São os tipos que nós julgamos menos capazes que cometem os crimes mais incríveis. Velhinhas simpáticas envenenam uma família inteira. Rapazes com um ar normal fazem assaltos à mão armada e disparam pistolas. Directores de bancos que durante mais de vinte anos tiveram uma vida limpa acabam por cometer desfalques. E escritores supostamente felizes e cheios de sucesso embebedam-se e atiram com as mulheres para o hospital. Nós pouco sabemos sobre o que leva mesmo um amigo íntimo a perder a cabeça.

Eu pensava que tudo isto lhe faria perder a calma mas a única manifestação foi um cerrar de boca e um alargar dos olhos.

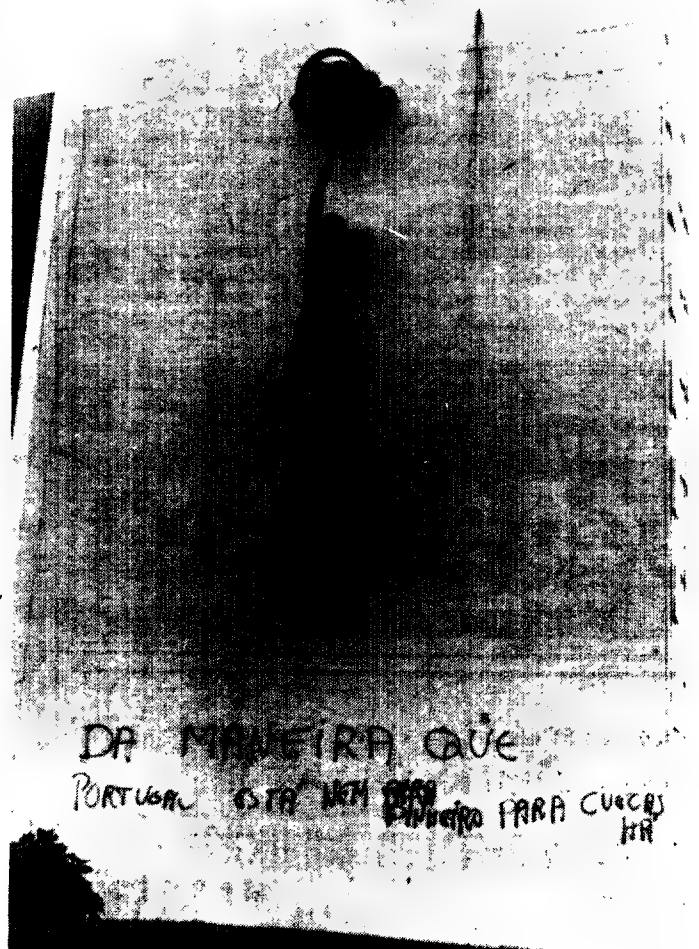
—O Howard Spencer não devia nunca ter-lhe contado tudo isso. A culpa foi minha. Eu nunca devia ter-me dirigido a ele. Aprendi de há uns dias para cá que nunca se deve tentar modificar de repente um homem que bebe demasiado. Mas o senhor sabe isto certamente melhor do que eu.

—Não se consegue por palavras. Se se tem sorte e força consegue-se muitas vezes que ele se não magoe e não magoe os outros. Mas é preciso ter sorte.

Ela levou a mão lentamente à chávina. Tinha umas mãos lindas, tão lindas como todo o resto. As unhas tinham um formato maravilhoso e estavam pulidas mas só muito ligeiramente pintadas.

—O Howard disse-lhe que não tinha conseguido ver o meu marido?

93



Humor tipo FLA num edifício de Ponta Delgada



Este é o nosso cartão de visita. Trabalhamos na vanguarda da técnica. Representamos marcas de prestígio internacional. Os nossos profissionais estão aptos a responder com eficiência à montagem, e assistência técnica de todo o material de comunicação.

Comunique connosco. Trabalhamos para o servir.



CARTIL

Radiotelefonos Fixos, Móveis e Portáteis de VHF e UHF Antenas e Acessórios para Radiocomunicações.

Praça Olegário Mariano, 5 - 2.º Dt.º, Telefone 82 58 00 - 1100 LISBOA



© — Livros do Brasil/College Trustees

— Disse.

Acabou o café e tornou a pôr a chávena no tabuleiro. Durante alguns segundos ficou a brincar com a colher. E depois começou a falar sem olhar para mim.

— Ele não lhe disse a razão porque a não conhecia. Sou bastante amiga do Howard mas ele é bastante mandão, quer resolver todos os problemas. E acha-se muito eficiente.

Eu fiquei à espera, sem dizer nada. Houve outra pausa. Olhou-me com um ar calmo e depois desviou os olhos. E disse com uma voz muito baixa:

— O meu marido desapareceu há três dias. Não sei onde está. Estou aqui para lhe pedir que o procure e o traga para casa. Isto já aconteceu mais vezes. Uma vez consegui guiar o carro até Portland e ficou doente num hotel e teve que chamar um médico e por em estado normal. Nem percebo como consegui chegar até tão longe sem lhe acontecer qualquer coisa. Havia três dias que se não alimentava. De outra vez foi para uns Banhos Turcos em Long Beach. E da última vez foi para um sanatório particular que provavelmente não tem boa reputação. Isto foi há menos de três semanas. Não fui capaz de lhe arrancar o nome ou o local desse sanatório. Ele disse-me simplesmente que tinha lá ido para se curar e que tinha sido bem tratado. Mas veio com um ar terrivelmente pálido e fraco. Consegui ver o homem que o trouxe a casa. Um homem alto, vestido como um vaqueiro de revista. Ele deixou o Roger em frente de casa e foi-se imediatamente embora.

— Pode ter estado numa daquelas herdades para turistas. As mulheres adoram isso. E é para elas que a coisa existe. Ela abriu a carteira e tirou um papel dobrado.

— Trouxe-lhe um cheque no valor de quinhentos dólares, sr. Marlowe. Peço-lhe que o aceite como sinal.

Ela pôs o cheque sobre a mesa. Olhei-o mas não lhe toquei.

94

Admissão de enfermeiros de 2.ª classe

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontram abertas até ao dia 29 do corrente mês, inscrições para enfermeiros de 2.ª classe neste organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos habilitados com o curso de enfermagem geral ou curso de promoção profissional de enfermeiros de 3.ª classe.

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 91 - 2.º Esq. LISBOA, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

EUROPA

Prisão de fascistas em Madrid

A Polícia espanhola reprimiu violentamente uma manifestação de extrema-direita defronte do Café California 47, ontem à noite em Madrid.

Foi a primeira vez que as autoridades entraram em confronto violento com elementos da direita espanhola, que são os tradicionais partidários da Polícia e da ordem.

Forças da Polícia de Choque lançaram bombas de fumo para dispersarem a multidão que bloqueava a Rua Goya, defronte do café onde, na passada sexta-feira, uma bomba matou oito pessoas.

Durante a batalha, que durou uma hora, os manifestantes, na sua grande maioria jovens, tentaram por várias vezes reagrupar-se e montar barricadas, mas sem sucesso.

Finalmente, a Polícia fechou a rua ao tráfego durante um período não determinado, não havendo notícias de feridos ou de grandes prejuízos materiais.

Dezasseis pessoas, identificadas com grupos ultradireitistas, foram detidas na sequência da manifestação.

O Governo Civil de Madrid informou que dos detidos, 13 estão filiados na Frente da Juventude e os restantes na organização ul-

tradireirista Força Nova.

GENERAL ABSOLVIDO

Um conselho de guerra reunido em Valência absolheu ontem o general Juan Atores Pena, do suposto delito de injúrias a um superior.

O incidente, pelo qual o general Atores foi acusado de insubordinação, ocorreu em vésperas de uma tentativa de golpe de mão conhecido pela designação de «Operação Galaxia», e em que um grupo de oficiais das Forças Armadas espanholas pretendia dominar o Governo, reunido na residência do seu presidente.

No entanto, fontes oficiais, que levaram a efeito as investigações, afirmaram que não existe qualquer ligação entre o incidente que envolveu o general Atores e a citada operação.

O procurador do Conselho de Guerra acusou o inculminado de haver chamado mentiroso e «traidor» ao vice-presidente do Governo, general Gutierrez Melado numa reunião entre militares realizada no Quartel de Cartagena, porto localizado no Sudeste de Espanha.

RFA

DC discute candidato a chanceler

As alas liberal e da direita da oposição democrata-cristã na República Federal Alemã iniciaram a batalha pela chefia do partido na eleição geral de 1980.

A União Democrática-Cristã (CDU) apresentou Ernest Albrecht, de 48 anos, primeiro-ministro da Baixa Saxónia, como candidato a chanceler.

No entanto, o partido irmão da CDU na Baviera, a União Social-Cristã (CSU), pretende que Franz Josef Strauss, de 63 anos, dirigente da CSU, oriente a campanha contra o chanceler Helmut Schmidt.

A crise nas cúpulas da oposição regista-se há já algum tempo, mas atingiu o auge, na

quinta-feira, quando Strauss anunciou a sua candidatura ao cargo de chanceler.

O presidente da CDU, Helmut Kohl, de 49 anos, declarou ontem numa sessão da comissão nacional do partido que estava disposto a desistir a favor de Albrecht.

O CSU reagiu, poucas horas depois, reafirmando o seu apoio a Strauss, o primeiro-ministro bávaro e antigo ministro da Defesa.

Strauss mostra-se, desde há muito, impaciente com a chefia da oposição pelo Kohl e a aliança de 27 anos entre os dois partidos irmãos tem sido, por vezes, tempestuosa.

Vance em Itália

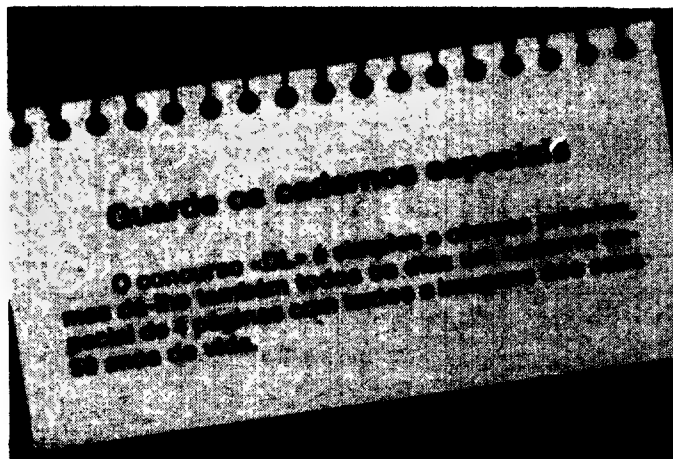
Cyrus Vance, secretário norte-americano de Estado, conferenciou hoje em Roma, com o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Arnaldo Forlani.

Anteriormente, Vance tinha sido recebido pelo presidente Sandro Pertini, a quem pôs ao corrente dos recentes desenvolvimentos da situação do Médio Oriente e do SALT II.

Na sua reunião de três horas

com Forlani foram igualmente abordados estes dois assuntos, assim como um acordo entre os Estados Unidos e a Itália sobre a energia solar e carvão.

● A POLÍCIA ITALIANA PRENDEU hoje uma série de suspeitos terroristas em operações levadas a cabo simultaneamente em Como, Génova, Florença e Roma.



CLIMA DE TENSÃO

O governador civil de Madrid, José Maria Ronson, fez ontem à noite outro apelo à calma dirigido à população da capital na sequência das dezenas de rebates falsos de presença de bombas e dos incidentes ocorridos no bairro da Cafeteria California 47.

Durante todo o dia de ontem, ocorreram temores e ameaças

de colocação de bombas principalmente em hospitais, meios de comunicação e grandes armazéns.

Uns cem internos do Hospital do Exército do Ar foram desalojados à tarde, ante o aviso de que dentro de momentos iria explodir uma bomba.

Os especialistas da Polícia e forças de segurança tiveram que adoptar medidas especiais para atender estes falsos alarmes.

AFRICA

Presidente negro escolhido na Rodésia

Cento e quarenta mortos, em operações de guerra nos últimos três dias, profundas divisões entre os partidos negros que se aliam ao regime racista — eis o pano de fundo em frente do qual a Rodésia se dota de uma aparente legitimidade institucional.

Ontem foi escolhido o presidente da República: Josiah Gumede, um negro de 60 anos, proposto para o cargo pelo partido do bispo Muzorewa. Hoje o novo presidente empossará, por sua vez, o bispo Muzorewa no cargo de primeiro-ministro. E a nova Administração entrará em funções no dia 1 de Junho.

Enquanto prossegue a luta armada, desenrola-se o processo desagregador dos partidos negros que entraram no acordo com Ian Smith. Segundo informações veiculadas pela ANOP, o Partido Nacional Federal Unido, encabeçado por Kayisa Ndiweni, anunciou a sua intenção de passar para a oposi-

ção, acusando o partido de Muzorewa de preterir os interesses do país em favor dos seus interesses partidários. Por seu turno, o partido de Sithola continua a boicotar o Parlamento e a nova Administração. Só se mantém de pé o compromisso entre Muzorewa e Smith.

Enquanto isto, a Grã-Bretanha e os EUA, muito tentados a reconhecer o novo regime rodesiano, mostram certa prudência, parecendo agora aguardar que a nova Administração comece a funcionar para verem «como as coisas vão correr».

Hoje está reunida em Lusaka (Zâmbia) uma comissão especial da OUA, a qual estudará os meios de auxiliar os países vizinhos da Rodésia a sanarem as dificuldades económicas com que se debatem em virtude do estado de guerra com o país racista. Outro tema da reunião: o reforço das sanções económicas contra a África do Sul.

Argélia e Líbia reforçam segurança mútua

A Argélia e a Líbia comprometeram-se ontem a reforçar a sua segurança mútua e a concretizar a proclamação assinada em 1975 e nos termos da qual «qualquer ataque contra uma das revoluções será considerado pela outra como um ataque contra si própria».

Este é o ponto principal do comunicado final ontem assinado em Argel no termo da visita de cinco dias que o dirigente líbio, Muammar Gadhafi, fez à Argélia. No mesmo comunicado, as duas nações reiteraram o seu apoio à Organização de Libertação da Palestina, à Frente Poli-

sário, e o seu repúdio à «política de capitulação» do presidente Sadat do Egipto.

Entretanto, chegou hoje a Argel o presidente Tito da Jugoslávia, o qual se deslocará também à Líbia e a Malta. Temas a debater por Tito com os dirigentes dos três países visitados: os problemas do Médio Oriente, da África e do Mediterrâneo. Mas o objectivo principal da viagem é a preparação das reuniões do Movimento dos Não-Alinhados, de que Tito foi um dos fundadores.

Angústia Desespero Solidão

44545
uma voz amiga estará contigo

NAS MERCES

Diário de Lisboa

VENDE-SE NA

CASA ARNALDO RUIVINHO

RUA NUNES GONÇALVES

MERCES

ASIA

A SAVAK colaborava com Israel numa rede de espionagem dos EUA

Um chefe religioso iraniano, o «ayatollah» Sadegh Khalkhali, acusou na 2.ª feira a SAVAK (antiga polícia política iraniana) de ter cooperado intimamente com Israel no assassinato de três importantes dirigentes palestinos, em 1973, em Beirute.

Khalkhali, que se encontra de visita aos Emiratos Árabes Unidos (EEAU), declarou, numa conferência de imprensa em Abu

Dhabi, que o assassinato, em Abril de 1973, em Beirute, de três dirigentes palestinos, «tinha sido preparado em Teerão por membros da SAVAK que trabalhavam em estreita colaboração com os serviços secretos israelitas».

Os três dirigentes da OLP — Kamal Nasser, Kamal Aduan e Abu Yussef — foram abatidos nos seus apartamentos por comandos israelitas que haviam che-

gado a Beirute por mar.

O «ayatollah» afirmou, por outro lado, que «oficiais da Força Aérea Iranina, revelaram, nos seus julgamentos, que 10000 conselheiros militares israelitas e 40000 africanos, instalados no Irão sob o regime do xá, tinham dado um apoio logístico ao Exército israelita, quando do conflito israelo-árabe de Outubro de 1973». Segundo disse, os EUA dispunham de uma rede de espionagem que operava contra o Golfo Pérsico.

O dirigente religioso afirmou que apenas a luta armada poderá resolver o problema palestino.

«O Irão pensa que o problema palestino não pode ser resolvido em conferências, ou resolu-

ções, mas sim através da verdadeira confrontação armada», declarou.

Enquanto isto, o ministro iraniano do Interior afirmou que os novos governantes do Irão decidiram não realizar eleições para uma Assembleia Constituinte, organizando antes um referendo nacional para aprovar uma nova constituição.

● O MINISTRO DA DEFESA DO VIETNAME

Von Nguyen Giap, acusou a China de preparar novas aventuras militares contra o Vietname, o Laos e o Kampuchea (Camboja), no discurso que proferiu na abertura de nova sessão da Assembleia Nacional vietnamita.

MÉDIO ORIENTE

SEGUNDO SADAT

Ligações aéreas com Israel poderão começar desde já

O Egipto não faz objecções a que sejam imediatamente organizadas ligações aéreas comerciais entre o Egipto e Israel por companhias estrangeiras, declarou na segunda-feira o presidente Sadat.

Durante uma conferência de imprensa dada a bordo do iate «El Horaya», que o transportava de El-Arics para Ismailia, no canal do Suez, o presidente egípcio precisou que as companhias israelita «El Al» e «Egip-tair» só assegurariam essa ligação depois da primeira retirada israelita do Sinai.

Por sua vez, Israel libertou ontem 16 presos, afirmando em comunicado oficial que a libertação resultou da reunião entre o primeiro-ministro, Menahem Begin e o presidente Anwar Sadat, na cidade de El Arish, no Sinai.

Enquanto isto, em entrevista ao jornal suíço «Tribune de Lausanne», o dirigente da OLP, Arafat afirma que o acordo

israelo-egípcio é um tratado de guerra» que abre a via um novo conflito no Médio Oriente, como prova «o recente ataque israelita de grande envergadura contra o Líbano».

Arafat diz ainda que é de esperar um ataque maciço de Israel contra o Líbano e a Síria, agora que a velha frente oeste de Israel está segura.

Entretanto, forças israelitas e milícias libanesas direitistas bombardeavam ontem quatro aldeias rurais do Sul do Líbano, anunciou a agência noticiosa palestina Wafa, segundo a qual o bombardeamento, que se iniciou às 10h05 da manhã (09h05 de Lisboa) continuava ainda duas horas depois, concentrando-se junto à cidade de Nabatiyeh.

Por último o ministro saudita da Defesa e Aviação afirmou que o seu país manteria a compra de 60 caças F-15 aos Estados Unidos, apesar do tratado de paz israelo-egípcio.

EUA

Pentágono prepara "força de intervenção"

A administração Carter duplicou a venda de armas ao estrangeiro, apesar das iniciais promessas de restrições neste campo, indicou hoje em Washington um relatório publicado por um organismo não oficial.

Intitulado «O mito da limitação de armamento», o documento foi publicado pelo «Centro de Política Internacional» — uma organização de pesquisa com fins não lucrativos.

O presidente Carter, durante a sua campanha eleitoral e primeiros meses no poder, prometeu diminuir as vendas de armas ao estrangeiro, mas segundo o documento, este programa, passado dois anos, é já quase considerado oficialmente como uma «iniciativa morta».

As exportações de armas norte-americanas, só para a Ásia, previstas para o ano fiscal de 1980, serão o dobro do ano fiscal de 1977, que foi o último plano elaborado pela administração Ford-Kissinger, — prossegue o relatório.

Paralelamente, e mesmo omitindo as vendas ao Irão, os envios de armas norte-americanas para o Médio-Oriente e Sudoeste Asiático deverão aumentar

166 por cento, comparando com o ano fiscal de 1977.

O relatório revela que um ponto pouco conhecido das exportações de armas são «os milhões de dólares que isso custa aos contribuintes norte-americanos, devido a má administração».

A lei obriga o Pentágono a recuperar os custos, através das vendas de armas ou de treino militar a fornecer a estrangeiros.

Mas, afirma o relatório, nos dois últimos anos 25 inspeções realizadas pelo Congresso demonstraram que a contabilidade do Pentágono mostra pontos fracos, que totalizam centenas de milhões de dólares de subsídios não recuperados.

De futuro, as despesas poderão aumentar porque o armamento dos regimes aliados será possivelmente acompanhado pela intervenção directa, dos EUA nas áreas estratégicas de produção de petróleo no Médio-Oriente.

Neste contexto da «intervenção directa» o Pentágono está a preparar uma força de 100 mil homens, incluindo 40 mil soldados de combate, para intervenções rápidas no Médio-Oriente, sublinha o relatório.

AMÉRICA LATINA

Religiosos chilenos em greve da fome

Um grupo indeterminado de sacerdotes e religiosos iniciou na Igreja de São Francisco, no centro de Santiago do Chile, uma greve de fome e oração pelas pessoas que permanecem detidas e processadas pela Justiça Militar.

As portas do templo encontram-se encerradas e foi assinalado que a manifestação é pelas doze pessoas que foram detidas no passado 1 de Maio e pela expulsão e suspensão de mais de uma centena de estudantes da Faculdade de Teologia da Universidade Católica. Estes últimos também realizaram uma greve de fome e oração pelos presos.

Os presos negam as acusações formuladas pela Polícia e dizem que a sua detenção é arbitrária.

Revisão geral dos DC-10

A maioria das companhias aéreas norte americanas completaram verificações compulsórias aos seus jactos DC-10 e devolveram-nos hoje ao serviço, após terem procurado defeitos num parafuso vital dos reactores — um factor possível para o desastre de sexta-feira passada, que matou 273 pessoas.

A administração da Aviação Federal (FAA) ordenou também, inesperadamente, ao fim do dia de ontem, que as companhias aéreas dos Estados Unidos examinassem um resguardo traseiro do reactor do DC-10, após ter sido descoberta uma rosca partida, na montagem dos reactores do avião destruído.

A noite passada, numa Conferência de Imprensa, o vice presidente da Comissão Nacional de Segurança nos Transportes, Elwood Driver, afirmou que uma cuidadosa investigação ao registro de voo mostrou que a tripu-

lação tinha feito tudo o que era possível para corrigir a posição do aparelho, quando este se inclinou quase 90 graus para a direita, antes do impacto.

Um informador da McDonnell Douglas, fabricantes do avião, afirmou que existiam 274 DC-10 em serviço, em todo o mundo, efectuando cerca de 750 voos diariamente e transportando mais de 135 mil passageiros.

Companhias aéreas estrangeiras, incluindo a Laker Airways, da Grã-Bretanha, as Linhas Japonesas, a Lufthansa, da

RFA, a Companhia Aérea Ibérica, de Espanha, a Wordair, do Canadá e a Aeroméxico anunciaram que também elas estavam a proceder a vistorias a partes dos reactores. As decisões da FAA são apenas consultivas, para o estrangeiro.

Investigadores disseram que não tinham ainda a certeza de como teria o parafuso partido do reactor contribuído para o desastre, estando ainda a ser feitos ensaios de fadiga de metal, em laboratório.

Pacto andino contra Somoza

Os presidentes dos cinco países membros do Pacto Andino pediram, em Cartagena na Colômbia, no final da sua cimeira, que sejam tomadas medidas contra a Nicarágua, qualificada de «ameaça para a paz na América».

Os presidentes da Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela lançaram também um apelo à solidariedade internacional a favor do povo nicaraguense e manifestaram a sua preocupação face à «dramática realidade» da Nicarágua.

participação de:

JOSÉ VIANA,
DORA LEAL,
CARLOS MENDES,
CARLOS MONIZ,
MARIA DO AMPARO,
MANUELA BRAVO,
JOSÉ BARATA MOURA,
ARY DOS SANTOS,
FERNANDO TORDO,
IO APOLONI

CARLOS PAULO, JOSÉ JORGE LETRIA,
JÚLIA BABO, PROFESSOR MINHOÇA (Pa-
lhaço Pedagogo), MADALENA LEAL, CAR-
LOS IVO, CARLOS PAREDES, FERNANDO
ALVARO, GRUPOS "ENIGMA" E "CANTO
CLARO", CONJUNTO JORGE NASCIMENT-
TO.

GRANDE
ESPECTÁCULO
DA
PRIMAVERA

SETUBAL
CLUBE NAVAL
1 DE JUNHO

(Iniciativa do "jornal setúbal" e trabalhadores da Barreiros, com o apoio da União dos Sindicatos de Setúbal e Cintura Industrial de Setúbal.

Artistas

para o 10 de Junho

Carlos Paredes, Adriano Correia de Oliveira, Raul Solnado, Carlos Morais, Maria do Amparo, Tonicha e Nicolau Breyner são alguns dos artistas portugueses que se deslocarão às comunidades portuguesas para aí realizarem espectáculos no próximo dia 10 de Junho.

A comissão organizadora das comemorações, a que preside o tenente coronel Vítor Alves, procura levar a todas as comunidades portuguesas «do Luxemburgo à Suécia, da Guiné-Bissau a Angola, do Canadá ao Brasil» o maior número de artistas que satisfaçam o desejo dos portugueses de «manter viva a tradição musical da sua terra».

Peça portuguesa em Toronto

TORONTO — Intitula-se «A Formosa Florinda», a peça de teatro escrita pelos alunos portugueses do «Harbord Collegiate Institute», em Toronto, que vai ser levada à cena no próximo dia 1, naquela escola.

A peça, escrita pelos finalistas de português para o público infantil, é representada com o objectivo de comemorar o Ano Internacional da Criança.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O SARGENTO NEGRO" de John Ford

FICHA:

Título original: Sergeant Rutledge

Realização: John Ford (USA-1959)

Argumento: Jas. Warner Bellah e Willis Goldbeck

Fotografia: Bert Glennon

Direcção artística: Eddie Imazu

Montagem: Jack Murray

Música: Howard Jackson (canção «Captain Buffalo» de Mack David e Jerry Livingston)

Interpretação: Jafrey Hunter (Ten. Cantrell), Constance Towers (Mary Beecher), Billie Burke (Mrs. Fosgate), Woody Strode (Braxton Rutledge), Juano Hernandez (Skidmore), Willis Bouchey (Major Fosgate), etc.

Distribuição em Portugal:

Talma Filmes

Cinema: Avis

Classificação: Grupo B — maiores de 10 anos

Duração: 111 minutos

Uma das características mais interessantes do universo conservador de John Ford é a forma desarmante como o seu cinema reflectiu as contradições da sociedade americana, essa sociedade que nele teve um dos pilares da construção do seu imaginário, essa sociedade na qual se identificava de forma total.

O *Sargento Negro*, um western já tardio na obra de John Ford, é, para além de tecnicamente um modelo de cinema



Constance Towers numa das cenas fulcrais deste filme

clássico, uma película onde são legíveis algumas das questões que (no virar dos anos 50/60) invadiram o cinema americano. Questões respeitantes, sobretudo, à posição histórica, social e ficcional do negro, essa turbulência que, durante os anos 60, iria agitar significativamente a

América e que, então, o sistema e os seus aparelhos ideológicos (em particular, o cinema) se esforçavam por integrar. Não esqueçamos que é por essa altura que o «bom negro civilizado, pacífico e limpo» simbolizado por Sidney Poitier atinge cumes de promoção e popularidade.

Mas não só a situação do negro se encontra reflectida na textura deste filme; também, de algum modo, a história da hegemonia yankee no seio da América, os próprios valores de liberdade e igualdade, estão, com bastante ironia, sublinhados no retrato moral dos personagens. Daí a afirmar que este filme notável (um enorme e brilhante tratado de cinema escrever-se-ia sobre ele) é, de certa maneira, contestatário da ideologia americana, vai um passo que, resolutamente, não darei. De facto, apesar das múltiplas falhas que Ford sublinha, o fundamental

das instituições e dos homens que as servem (neste caso, o Exército e a sua máquina judiciária) é, não só ressaltado, como amplamente glorificado.

É claro que John Ford não faz essa eficaz defesa dos valores americanos de um modo evidentemente monolítico ou descaradamente propagandístico; pelo contrário: há nele a sábia proliferação do humor e da tensão, alternando com o romantismo ou as épicas cavalgadas, tudo filmado com uma expressividade, uma «manha» de velha raposa, um sentido da luz, da cor e do movimento, só possível num autor de indiscutível génio.

Resta, talvez, congratularmo-nos com esta reposição, embora lamentando que ela seja feita no Avis, uma sala poluída de «indianadas» serôdias e cujo público, decerto, vai passar ao lado deste memorável western.

CHECOSLOVÁQUIA

VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS

partidas a 19 Jul-16 Ago-13 Set.

PRAGA e outras cidades

TUDO INCLUIDO

Informações e inscrições

das 14 às 20 h na

ASSOCIAÇÃO

PORTUGAL-

CHECOSLOVÁQUIA

R. ARTILHARIA UM 105-4 LISBOA

TELEF 68 85 87 • ORGANIZAÇÃO DA

MUNDICAMA

"Vivam os Palhaços" em cena há um ano e quatro meses

O T.I.L. — Teatro Infantil de Lisboa, continua a apresentar espectáculos para as crianças com a peça «VIVAM OS PALHAÇOS», de Agostinho Macedo, Helena Moedas e Ruy de Matos, em cena há um ano e quatro meses, o que constitui êxito deveras invulgar no panorama do teatro para crianças em Portugal.

Assim, o T.I.L., no âmbito das

comemorações do Ano Internacional da Criança, desloca-se a Sesimbra no próximo dia 2 de Junho, às 10.30 horas, com o apoio da Junta de Freguesia de Santiago de Sesimbra. No mesmo dia, em Lisboa, no Jardim do Alto de Santo Amaro, às 17.00 horas, o T.I.L. apresentar-se-á com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa.

No dia 3 de Junho, às 16.00 horas «VIVAM OS PALHAÇOS» estará em Lisboa num espectáculo para a Comissão de Trabalhadores da Caixa de Previdência da Indústria, e nesse mesmo dia, às 18.00 horas o espectáculo será em S. Domingos de

Rana, com o apoio da respectiva Junta de Freguesia.

No próximo dia 9 de Junho o T.I.L. e «VIVAM OS PALHAÇOS» irá até Lamego, desta vez com o apoio da Comissão do A.I.C. de Lamego.

O T.I.L., que é subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura, prepara-se para estreiar muito em breve um novo espectáculo infantil, «ERA UMA VEZ...» original de Agostinho Macedo e Ruy de Matos, com poemas de Fausto Correia Leite e música de Filipe Trigo.

A encenação estará a cargo de Ruy de Matos.

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa - T. 661515/669205

teatro
do bairro
alto



teatro da Cornucópia

E não se pode
exterminá-lo?

cenas de
Karel Valentin

ÚLTIMA SEMANA
SÓ ATÉ DOMINGO

«Genial». Carlos Porto, «D.L.»

3.ª a Sáb. às 21.30

ATENÇÃO: Domingo, último dia

«Matinée» às 17 e noite às 21.30

Sub. SEC. e INST. ALEMÃO

TEATRO
ABERTO

p. de espanha (palhava)

telef. 7709 69

grupo 4

apresenta

CORPO-
DELITO
na sala
de espelhos

de JOSÉ CARDOSO PIRES

encenação
de FERNANDO GUSMÃO

COM: MÁRIO JACQUES, LIA GAMA, RUI MENDES, ANTONIO MONTEZ, LINDA SILVA, CARLOS GONÇALVES, HELENA ISABEL, MORAIS E CASTRO, VASCONCELOS VIANA, ANTONIO RAMA, ANTONIO ANJOS, CARLOS SANTOS, ADELAIDE FERREIRA, ALEXANDRE MELO, MANUEL MENDONÇA

TODAS AS NOITES ÀS 21.30

SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM ÀS 16 h

DESCANSO À 2.ª FEIRA

TALMA FILMES

JONAS

FILME
DE
QUALIDADE

QUE TERÁ
25 ANOS
NO ANO
2000

JEAN-LUC BIDEAU
RUFUS
MIQU-MIU
JACQUES DENIS
e JONAS



um filme de ALAIN TANNER

Jonas é o portador das nossas esperanças... para o ano 2000, pois terá nessa época a idade da Razão

ALAIN TANNER



3.ª SEMANA

Canal da Crítica

Fascismo? Não, parece que não houve.

Desculpe, sim?

MÁRIO CASTRIM

Há dois períodos da História de Portugal particularmente obscuros para a quase totalidade dos estudantes (para já não falar dos simples cidadãos) portugueses do nosso tempo: o o liberalismo e o que vai de 1910 a 1926. Não é por acaso. Em ambos foi intensa a luta de classes e o fascismo (desculpe lá o Saraiva) não estava nada interessado em trazer essa dinâmica às escolas: é uma brasa que queima nas mãos.

Daqui a vantagem de se intensificar a avaliação, o estudo e a discussão dos elementos que levaram Salazar ao poder e o mantiveram lá quase meio século. A conversa de ontem na RTP/2, qualquer que seja a sua motivação imediata, não deverá ser entendida senão como simples elo de uma cadeia que não deve interromper-se.

Não se pode dizer que foram totalmente inúteis os monólogos agrupados de João Medina, de Freire Antunes e de José António Saraiva. Cada qual à sua ma-

neira, em maior ou menor grau, carrou elementos para a compreensão dos fenómenos sociais desencadeados a partir de 1926 e arredores. Mas temo que a confusão resultante dê amplo saldo negativo à sessão.

Repare-se que apenas esporadicamente o suporte social da banca e do agrário veio à baila. Repare-se que só de raspão (e por intermédio de João Medina que, globalmente, se deixou levar pelos seus companheiros) veio a sugestão da missão histórica de Salazar: reprimir as forças produtivas, cortar cedo a influência «do então incipiente Partido Comunista».

Uma análise histórica, para estar correcta, não pode prescindir da análise da correlação de forças das classes sociais em determinado momento. Fora disso pode haver brilhantismo literário, pode haver congeminacões de ordem filosófica ou psicológica, pode haver interminável rol de acontecimentos e datas — em suma, pode haver

ficção histórica ou erudição histórica. Mas História, não.

A própria referência aos homens deve entender-se como elemento de simplificação e nada mais. O essencial são as forças que movimentam esses homens no tabuleiro. Se não entendermos isso, nada entenderemos da História.

O exemplo mais cabal de como não se faz História foi-nos dado por José António Saraiva no seu afã de demonstrar que em Portugal não houve fascismo, mas salazarismo. Vejamos as diferenças encontradas por Saraiva:

«O fascismo é romântico, é apaixonado; o salazarismo é frio, é um regime calculado, não tem paixão; o fascismo é arrogante, o salazarismo é tímido, é cauteloso; o fascismo é revolucionário, o salazarismo é conservador; o fascismo desenvolve a mística do chefe, o salazarismo desenvolve uma mística completamente diferente, o salazarismo aparece pouco em público e não gosta de aparecer em público, o salazarismo desenvolve a imagem de um pai distante, que não é nunca o ídolo das massas. Salazar nunca cunha moeda, nem nunca cunha selos com a sua figura, ele desenvolve a imagem do dr. Salazar que nada tem a ver com o chefe fascista.»

Parece uma caricatura. Não é. Isto foi dito tal qual. E com o ar mais sério deste mundo. Dona História deve ter estremecido. De gargalhadas ou de cólicas. Ainda por cima, Medina esteve de acordo. Ainda por cima, Freire Antunes silenciou. Mas então como é? Trata-se de História ou brinca-se às cinco pedrinhas?

São falsas (ou não são significativas) as «diferenças» laboriosamente procuradas por Saraiva. Ele, na tarefa de pescar

nas águas psicológicas, pesca os sargaços e despreza as tainhas.

Pela mesma ordem de ideias, se ele usa barbas e eu não; se eu tenho olhos verdes e ele castanhos; se ele não usa bengala e eu sim; se ele usa cabelo farto e eu vou pela escovinha — então — isso quer dizer que ele é Saraiva e eu sou Castrim, mas não pertencemos à mesma espécie zoológica...

Claro que a caracterização há-de procurar-se, pelo fundamental, nos objectivos históricos a que os regimes se propõem e na natureza das forças que os suportam. Tudo o mais depende dos circunstancialismos regionais.

Assim, não se pode dizer que o fascismo alemão era sangüinário e o nosso era pacífico, como às vezes se ouve. Não. Cada um, simplesmente, usava a violência necessária, e nada mais. A mística do «chefe» e a mística do «prof. Salazar», não eram de natureza diferente — eram apenas táticas aplicadas em circunstâncias diferentes.

Aliás, quem conhece a imprensa da época, o cinema, a rádio, as escolas, as repartições, os SNI's, a televisão, etc, etc, sabe bem como tudo estava organizado para criar a mística do chefe. Quem não se lembra do «Portugueses, quem vive? Salazar! Salazar! Salazar!», de triste memória, grito, ai de nós, que ainda se vai ouvindo por aí?

Na sua ânsia de historicismo infantil, Saraiva chega a avançar informações falsas. Como, para exemplo, aquela de dizer que não se emitiram selos com a frota de Salazar. Emitiram, sim senhor. Tenho aqui dois que lhe posso mostrar, se duvida.

Não. A análise do fascismo em Portugal ainda não foi desta que ficou servida em termos convincentes. Aguardemos novas possibilidades.

Hoje



O programa Palavras Herdadas de hoje é dedicado a Ernesto Sabatto que vimos na foto acompanhado por O. Wolf

I PROGRAMA

- 18.30 Sumário — resumo de notícias nacionais e internacionais.
- 18.35 «Rei Artur»
- 19.05 País, País — a actualidade regional.
- 19.25 Ciência a Cada Passo... a Cada Passo a Ciência — magazine de divulgação e informação dos aspectos mais curiosos da ciência.
- 19.55 Manuel e Beatriz
- 20.00 Jornal RTP/1
- 20.35 «O Astro» — mais um episódio.
- 21.10 O Tempo
- 21.15 Zoom — os grandes problemas da actualidade internacional.
- 21.45 Jogos Sem Fronteiras — transmissão directa via Eurovisão, de Ascona (Suíça) da 1.ª jornada dos jogos de 1979.
- 23.10 24 Horas — último serviço noticioso do dia.
- 23.25 Fecho

II PROGRAMA

- 18.45 Ano Propedéutico
- 20.30 Palavras Herdadas — dedicada a Ernesto Sabatto.
- 21.00 Espaço Audiovisual — Balla e o Futurismo.
- 22.00 Informação/2
- 22.30 8.ª Sinfonia de Dvorak
- 23.10 Fecho

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO

Professora Catedrática de Língua e Literatura Portuguesa
na Universidade de Roma
estará na
LIVRARIA SÁ DA COSTA

(quarta-feira, 30, às 18 h)
e na

FEIRA DO LIVRO — PAVILHÃO DA
A.P.E.L.

(sexta-feira, 1, às 18 h)
para autografar o seu livro
A LIÇÃO DO TEXTO
publicado por
EDIÇÕES 70

MÁRIO VENTURA ÚLTIMAS REEDIÇÕES



OBRA DE UMA FRESCURA,
DE UMA PAIXÃO MUITO JUVENIS,
«A NOITE DA VERGONHA» É BEM O
LIVRO DA DÚVIDA DA ANGUSTIA,
MAS TAMBÉM DA RIQUEZA DO
AMOR E DA ESPERANÇA

Republica



«SOB A CAPA DA FICÇÃO,
E BEM UM INCISIVO RETRATO DA
REALIDADE PORTUGUESA
DO ANTES 25 DE ABRIL»

Diário Popular



LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 — 2701 AMADORA CODEX

Estreia amanhã

às 15.30 h

ROMA

O VÍCIO DE FAMÍLIA

blusa despida... chapa batida!
mais uma recordação de família!

EDWIGE
FENECH

um filme de
Mariano Laurent



GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA

Jogos Sem Fronteiras (21.45)

II PROGRAMA

Balla e o Futurismo (21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedéutico; 13.25: Ciclo Preparatório TV; 18.30: Sumário; 18.35: Imagem a Galope; 19.00: ABC da Culinária; 19.25: Manuel e Beatriz; 19.30: Jornal RTP/1; 20.10: Eurovisão — final da Taça dos Campeões Europeus em Futebol entre as equipas do Nottingham Forest e do Malmoe; 22.00: Boletim Meteorológico; 22.10: «O Astro» — episódio n.º 160; 22.50: Vida e Memória de Alberto de Serpa; 22.45: 24 Horas; 22.50: Fecho.

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedéutico; 20.32: Ecologia; 21.00: Directissimo — 1.ª parte; 22.00: Informação/2; 22.30: Directissimo — 2.ª parte; 23.20: Fecho.

PEUGEOT 404 DIESEL

Bom estado geral

Vende-se pela melhor oferta

R. Castilho, 185-1.º

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL •

BOAVISTA RECORRE

O Boavista vai recorrer para o Conselho Superior de Justiça da decisão do Conselho Jurisdicional da Federação respeitante ao jogo Académico de Coimbra-Boavista, dos quartos-de-final da Taça de Portugal — afirmou hoje ao trissemanário «Record» o presidente do clube, Valentim Loureiro. Como se sabe, o Conselho Jurisdicional da FPF decidiu anular o resultado do jogo em que o Boavista eliminou o Académico. A decisão, porém, só foi anunciada na semana passada depois de entretanto se terem disputado já as meias-finais da Taça, em que o Boavista eliminou o Sp. de Braga, ganhando assim direito à final.

O JOGO MAIS CURTO

A greve dos árbitros mexicanos de futebol esteve indirectamente na origem daquilo que se considera ter sido o desafio de futebol mais curto da história.

Os árbitros decidiram encetar uma paralisação como forma de apoio ao regresso de Guilherme Aguiar, presidente da Federação Mexicana de Futebol, ao cargo de que foi demitido.

Apesar da greve, as equipas da Universidade de Guadalajara e do Veracruz apresentaram-se

no relvado do Estádio «Jalisco» em mero pró-forma, já que sabiam antecipadamente que o jogo não se poderia realizar.

Para surpresa dos jogadores e dos poucos espectadores presentes, saltou para o meio do campo um «espontâneo» decidido a apitar o encontro.

TAÇA DA JUGOSLÁVIA

O Rijeka conquistou a «Taça da Jugoslávia» ao empatar (0-0) na segunda «mão» da final disputada com o Partisan, de Belgrado. Na primeira «mão» disputada em Rijeka, há duas semanas, Rijeka vencera por 2-1.

Foi a segunda vez consecutiva que o Rijeka conquistou a «Taça da Jugoslávia».

TAÇA DA SUÉCIA

O IFK Goteborg dominou o Atvidaberg (6-1) e ganhou a Taça da Suécia, pela primeira vez na sua história.

CAMPEONATO DA GUINÉ-BISSAU

BISSAU — O Sporting igualou a pontuação do Benfica no topo da classificação do Campeonato de Futebol da Guiné-Bissau, que

está agora a três jornadas do fim.

As duas equipas estavam separadas apenas por um ponto (com vantagem para o Benfica), mas na última jornada o Benfica empatou em casa com os balantas e o Sporting venceu o Bolama.

Na última jornada do campeonato, Benfica e Sporting, que têm agora 38 pontos cada um, vão defrontar-se.

Os Balantas e as Farnp, com 36 pontos cada, são as duas outras equipas que ainda estão na corrida para o título. — Anop.

TAÇA DA ESCÓCIA

O Glasgow Rangers sagrou-se vencedor da Taça da Escócia, em futebol, ao vencer na final, disputada ontem à noite em Glasgow, por 3 bolas a 2, o Hibernian, após prolongamento.

SELECÇÃO BRASILEIRA

O treinador da selecção brasileira de futebol, Claudio Coutinho, convocou 17 jogadores para o jogo particular com o Uruguai, a 31 de Junho, no Maracanã.

Salvo qualquer imprevisto de última hora, a selecção brasileira deve apresentar a seguinte formação: Leão, Toninho, Amaral, Edinho, Junior, Cerezo, Zico, Falcão, Nilton Batata, Sócrates e

Joãozinho. No banco dos suplentes ficam Carlos, Nelinho, Abel, Guina, Serginho e Eder.

FLAMENGO: RECORDE

Ao vencer ontem a equipa de futebol do Campo Grande, por 2-1, o Flamengo do Rio de Janeiro igualou o recorde brasileiro de 52 jogos sem perder, que pertencia ao Botafogo.

O conjunto dirigido por Cláudio Coutinho defronta no próximo domingo, no Maracanã, o Botafogo, e basta-lhe um empate para arrebatar o recorde da também equipa carioca.

ZICO: FABULOSO CONTRATO

O «internacional» Zico renovou por um ano com o Flamengo, através de um contrato que o torna no futebolista mais bem pago no Brasil.

Zico, de seu nome verdadeiro Artur Antunes Coimbra, receberá dois milhões de cruzeiros de «luvas» cerca de 4 milhões de escudos) e um ordenado mensal de 200 mil cruzeiros (perto de quatrocentos milhares de escudos).

No total, calcula-se em 750 milhares de escudos o rendimento mensal do futebolista, um dos melhores «artilheiros» do Brasil.

PANORAMA

CICLISMO: VOLTA À ITÁLIA

Bernt Johansson, da Suécia, venceu hoje a 11.ª etapa da Volta à Itália em bicicleta, disputada entre La Spezia e Voghera, na distância de 212 quilómetros.

Giuseppe Saronni, da Itália, mantém o primeiro lugar da classificação geral.

VOLTA À ALEMANHA

A Volta à Alemanha Federal em Bicicleta disputa-se este ano de 6 a 11 de Agosto, depois de um interregno de 17 anos.

A corrida tem uma extensão de 900 quilómetros e começa em Munique e termina em Dortmund.

Entre outros profissionais do ciclismo participam na competição a equipa do ex-campeão do Mundo, Francesco Moser, de Itália, e a do campeão do Mundo, Gerrie Knetmann, da Holanda, assim como os corredores Jan Raas, Dietrich Thurau e Klaus Peter Thaler, e possivelmente, o campeão olímpico Gregor Braun, todos da Alemanha Federal.

A volta, depois da partida em Munique, passa pelas cidades de Ausburgo, Ulm, Stuttgart, Karlsruhe, Heilbronn, Bad Homburg e Colonia para depois ir a Essen e concluir em Dortmund.

ATLETISMO TRIPLO SALTO — RECORDE MUNDIAL

O recordista mundial do triplo salto, o brasileiro João Carlos de Oliveira, conseguiu a sua melhor marca do ano ao fazer 17,24 m.

O recorde do Mundo, estabelecido por Carlos de Oliveira em 1975, é de 17,89 m.

HALTEROFILIA: RECORDES MUNDIAIS

VARNA — Nikolai Kolesnikov, da União Soviética, estabeleceu dois novos recordes mundiais e conquistou as três medalhas de ouro na categoria de 60 quilos dos campeonatos europeus de halterofilia, que estão a disputar-se em Varna.

Kolesnikov, campeão olímpico, europeu e mundial levantou 127,5 quilos no arranque e 165 quilos no movimento dois tempos para um total de 292,5 quilos, mais 2,5 quilos que o seu antigo recorde do mundo e mais 20 do que o segundo classificado.

Já com a medalha de ouro garantida, e em tentativa extra, Kolesnikov levantou 166 quilos no movimento dois tempos melhorando também em 0,5 quilos o anterior máximo, que já lhe pertencia desde 1978.

Para a medalha de prata, Georgi Todorov, da Bulgária, bateu Marian Grigoras, da Roménia. Todorov levantou um total de 272,5 quilos contra 270 de Grigoras. — ANOP.

TIRO COM ARCO: NOVOS RECORDES

Quatro recordes nacionais de tiro com arco na categoria de juvenis foram batidos por atletas

do Benfica no decorrer do campeonato regional do sul para juvenis e iniciados, disputado no domingo no Estádio Nacional.

Pedro Dinis, vencedor da prova, totalizou 832 pontos, marca que constituiu novo recorde da categoria. Pedro Dinis bateu também o máximo da categoria na distância de 30 metros, obtendo 277 pontos.

João Vaz, segundo classificado, com 739 pontos, melhorou o recorde nacional de juvenis da distância de 50 metros, ao obter 189 pontos.

Miguel Pedro, também do Benfica, foi o terceiro classificado, com 691 pontos, contribuindo para que a sua equipa melhorasse o recorde nacional da categoria com um total de 2262 pontos.

Em iniciados, o primeiro foi Ricardo Avelar, do Sporting, com 811 pontos, seguido de António Campos e José Aniceto, ambos do Clube de Futebol do Vasco da Gama, com 367 e 361 pontos, respectivamente.

BASQUETEBOL

A equipa de basquetebol da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia classificou-se em 2.º lugar no torneio promovido pela Associação Desportiva da Escola Superior das Ciências Económicas e Comerciais, de Cergy (França). Participaram na competição além do ISE e da Escola de Cergy, uma equipa de Amiens, uma de Lausanne (Suíça), Barcelona, Tillburg (Holanda) e Gottiegen (RFA).

A equipa do Instituto Superior de Economia ganhou a sua série, depois de vencer as equipas de Amiens e de Cergy, perdendo, na final, com a de Gottiegen (RFA), vencedora da outra série, por 59-84.

TOTOBOLA

Foram apuradas 263 apostas com 13 resultados certos, 10 das quais são de Moçambique, no concurso de ontem no Totobola, cabendo a cada uma o prémio de 45.548 escudos.

Com 12 resultados certos foram escrutinadas 7.284 apostas, sendo 7.038 de Portugal e as restantes 246 de Moçambique. Corresponde a cada uma o prémio de 1.644 escudos e 50 centavos.

TOTO BOLA jogue connosco

1 BARREIRENSE - A. VISEU	1	2
2 PORTO - BEIRA-MAR	1	2
3 BENFICA - FAMILIÃO	1	2
4 BRAGA - ESTORIL	1	2
5 BELENENSES - GUIMARÃES	1	2
6 MARÍTIMO - SPORTING	1	2
7 ACADÉMICO - BOAVISTA	1	2
8 VARZIM - SETÚBAL	1	2
9 TADIM - GIL VICENTE	1	2
10 PENAFIEL - ESPINHO	1	2
11 O. DO BARRO - PENICHE	1	2
12 ALBA - U. LAMAS	1	2
13 SARILHENSE - JUVENTUDE	1	2

CURSOS

MECANOGRAFIA

Conseguir uma profissão que lhe dê a independência económica, está agora ao seu alcance com um dos cursos de PERFURAÇÃO, VERIFICAÇÃO ou GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO DISKETTES.

Sistemas: IBM E UNIVAC
Início dos cursos: 1. JUNHO

DACTILOGRAFIA
Início todos os dias

Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL

Telf. 325652 — R. do Arsenal, 100 — 1.º

Férias no ALGARVE

VIVENDAS E APARTAMENTOS
PREÇOS DESDE 250\$00

Informações e reservas:
MUNDIRAMA

R. DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 / TELEFOS
323633 / 324296
328856 / 363294

Estab. 1948



RENAULT 5 O MELHOR DA CLASSE

Na cidade e na estrada. No dia a dia de trabalho ou nos tempos de descontração e alegria, o RENAULT 5 é mesmo o melhor da classe! Com um RENAULT 5, a evasão é segurança, conforto, prazer de condução. E há espaço à vontade. Para as pessoas e para tudo o que é preciso transportar. O

RENAULT 5 é um carro jovem, que junta à sua economia de consumo e manutenção, a simpatia e a versatilidade do seu temperamento.

Tracção à frente, suspensão independente às 4 rodas, de barras de torsão, amortecedores hidráulicos e barra estabilizadora, travões de

disco à frente de tambor atrás e repartidor de pressão em função da carga. Motor: 956 cm³ — 44 cv DIN.

ALÉM DO MAIS É UM CARRO SIMPÁTICO!



RENAULT
GARANTIA DE FUTURO



Cerca de 440 atletas representando 12 clubes campeões nacionais estarão nos dias 2 e 3 de Junho no Estádio Alvalade disputando a Taça dos Campeões Europeus em Atletismo. Entretanto, estão praticamente prontos os trabalhos de instalação da nova pista de «tartan», uma melhoria técnica propositadamente para as provas que é a primeira vez que se realizam em Portugal

ATLETISMO

Taça dos Campeões Europeus em Alvalade

Um recordista mundial e um recordista europeu estarão presentes em 2 e 3 de Junho no Estádio José Alvalade em Lisboa, na disputa da quinta edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Atletismo.

Karl-Hans Riehm, da Alemanha Federal, detentor do máximo mundial do lançamento do martelo (80,32 metros) e Nenad Stekic, da Jugoslávia, recordista europeu do salto em comprimento (8,45 metros) são dos

mais destacados atletas presentes na prova.

A competição, organizada pelo Sporting Clube de Portugal, contará com a presença de equipas de mais 11 países, constituindo a mais importante competição desportiva jamais organizada em Portugal, movendo 440 atletas estrangeiros.

A prova marca também a inauguração da pista de tartan do Estádio de Alvalade, a única

pista verde existente na Europa.

Além do Sporting Clube de Portugal, participam na prova as equipas do Racing (França), Royal Karlshof (Suécia), Barcelona (Espanha), Wolverhampton (Inglaterra), Liegeois (Bélgica), Wattenscheid (Alemanha Federal), Turnerschaft Innsbruck (Áustria), Estrela Vermelha (Jugoslávia), Amsterdam (Holanda), Iveco Torino (Itália) e Crusaders (Irlanda).

CICLISMO, "DAUPHINE-LIBÉRÉ"

Agostinho terminou em 6.ª

• Vitória final de Hinault

Joaquim Agostinho ficou em 6.º lugar na classificação geral da clássica «Dauphine-Libéré» que ontem terminou em Annecy, França. A prova foi ganha pelo francês Bernard Hinault.

Hinault fez uma corrida brilhante, ganhando cerca de metade das etapas, designadamente as decisivas para a vitória final, tornando-se assim desde já uma das principais vedetas do ciclismo europeu neste princípio

de época. Hinault venceu também a última etapa, em sistema de contra-relógio, na distância de 37,850 quilómetros, com o tempo de 49 minutos, 6 segundos e 8 décimos. Em segundo lugar classificou-se o holandês Zootmelk, em terceiro o francês Jean Marie Michel, e, em quarto, o português Joaquim Agostinho, que fez mais 48 segundos e nove décimos.

Na classificação geral, o se-

gundo lugar ficou para o holandês Heink Lubberding, a 10 minutos e 27 segundos do vencedor; em terceiro, o espanhol Francisco Galdós, a 11 e 56, e em quarto e quinto, e antes de Agostinho, respectivamente o italiano Baroncheli e o holandês Maas.

Depois de Agostinho, em sexto, ficaram nomes de topo como, entre outros, o holandês Zootmelk.

PRECISAM-SE 5 PESSOAS — «PART-TIME» 11 200\$00

Com entrada imediata, companhia Inglesa admite 5 pessoas com mais de 18 anos e 5.º ano liceal como mínimo, para trabalhar apenas em «part-time». Contactar pessoalmente, amanhã (4.ª feira) às 19 horas, na Rua Duque de Palmela, 30, 5.º-B.



Caminhos de Ferro
Portugueses

Informação

LISBOA — PORTO

A partir de 27.5.79, novas circulações directas com 1.ª e 2.ª classe

LISBOA P 15h 25m C 19h 50m

PORTO C 19h 50m P 15h 25m

Consulte os cartazes afixados nas estações
ou as Secções de Informações

Pub

SINDICATO OPERÁRIO DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO NORTE COMENDADOR MANUEL GONÇALVES AGRACIADO PELO MIT SECRETÁRIO DE ESTADO ATRAÍDO TRABALHADORES

Há muito que se arrasta um conflito na Fábrica de Plásticos em Camelos, Guimarães, do «Comendador Manuel Gonçalves» que com o apoio descarado do MIT pretende transformar aquilo que sempre foi plástico numa matéria têxtil.

UM PARECER INJUSTO, UMA TOMADA DE POSIÇÃO ESCANDALOSA

No sentido de clarificar a situação, o Sindicato dos Químicos apresentou ao MIT e MT uma exposição fundamentada com inclusão dos produtos fabricados, os quais não oferecem dúvidas aos menos entendidos que são materiais plásticos, apenas ao MIT lhe pareceu serem têxteis, porque tinha que ser assim.

Se o parecer dá origem a uma situação escandalosa, o escândalo torna-se maior por surgir o parecer de enquadramento do MIT, o que é ilegal porque a definição destes casos é da área de actuação do MT. Alguém no MIT tinha pressa em emitir o parecer, e por isso ultrapassa-se tudo e todos.

QUE VIRAM OS TÉCNICOS DO MIT NA FÁBRICA? TERÃO LÁ CHEGADO? OU NÃO INTERESSAVA LÁ IR?

Sabemos que se deslocou à fábrica em Camelos, uma equipa técnica do MIT, para verificar com os próprios olhos a realidade. MAS SERÁ QUE VIRAM? ALGUÉM OS IMPEDIU? PORQUE NÃO FALARAM COM OS TRABALHADORES? OU SERÁ QUE NÃO QUISERAM MESMO VER, PARA NÃO TEREM QUE CONFIRMAR QUE CAMPELOS É DE FACTO UMA FÁBRICA DE PLÁSTICOS?

COMO SURTIU ESTE PARECER? QUEM FOI O SEU AUTOR?

As informações obtidas não são muito claras. No MT pouco se sabe. No MIT também não se sabe muito. Mas a realidade é que surgiu o parecer assinado pelo secretário de Estado. COMO ACONTECEU ISTO? QUAIS OS ARGUMENTOS?

Pelo que se diz, apenas o «Comendador Manuel Gonçalves» conhece a situação por dentro. DE ESCÂNDALO FM ESCÂNDALO.

TAL GOVERNO — TAL MIT — TAL SECRETÁRIO DE ESTADO

A política do Governo Mota Pinto tem vindo sistematicamente a agravar as condições de vida dos trabalhadores, mas o absurdo é que o MIT com um parecer escandaloso permite que o patronato recuse a aplicação do CCIV e PRT da Indústria Química, impossibilitando a actualização dos salários definidos pela PRT de Fevereiro de 1979.

MIT RETIROU DA BOCA DOS TRABALHADORES O SEU PÃO

Os trabalhadores e o sindicato repudiam este parecer, verdadeiro presente que o MIT ofereceu ao «Comendador Manuel Gonçalves», engrossando-lhe os lucros à custa do pão retirado à boca dos trabalhadores.

CONTINUAREMOS A LUTAR PARA QUE A LEGALIDADE SEJA REPOSTA

Não abdicaremos dos direitos legítimos que assistem aos trabalhadores, continuaremos a lutar para que se faça justiça. PLÁSTICOS SÃO PLÁSTICOS, NUNCA FORAM TÊXTEIS. OS TRABALHADORES DE CAMPELOS SEMPRE FORAM DO SECTOR DE PLÁSTICO.

CONTRA AS DECISÕES ARBITRÁRIAS!
PELA JUSTIÇA E LEGALIDADE!
A LUTA CONTINUA!

Porto, 28 de Maio de 1979

A DIRECÇÃO

**A COMPANHIA
DE SEGUROS OURIQUE**
*tem o prazer de comunicar
que, devido à sua constante
expansão, mudou os seus
escritórios para novas e
amplas instalações na
Av. Defensores de Chaves
n.º 6 a 8, T. 1.º 634.5717,
em Lisboa,
onde espera continuar
a receber ainda melhor
os seus Clientes.*



SEGUROS
OURIQUE

ROTEIRO CULTURAL

Antes de mai., um aviso: a estreia da peça «A Noite», de José Saramago, que tínhamos anunciado para hoje, foi adiada por ter adoecido um dos intérpretes. Em princípio, a estreia terá lugar no dia 5 de Junho, embora esteja prevista uma antestreia destinada a gente de teatro. Como é sabido, a acção desta peça gira em torno dos acontecimentos que tiveram lugar na redacção de um jornal na noite de 24 para 25 de Abril de 1974. Trata-se da primeira peça de José Saramago e o espectáculo que agora sobe à cena em Almada, é encenado por Joaquim Benite.

Entretanto, subiu à cena, na Casa da Comédia, a peça «Faz-tudo, faz-tudo, faz-tudo», cuja estreia fora várias vezes adiada por motivos de ordem técnica. A estreia foi acidentada, já que uma das cenas da peça provocou manifestações ruidosas por parte do público que estabeleceu diálogo com os actores em cena obrigando o encenador — Filipe Faria — a intervir.

Os leitores deste Roteiro que quiserem ver esta peça deverão chegar a tempo e horas, porque a casa é pequena e porque é profundamente injusto (para ficarmos por aqui) os retardatários incomodarem toda a gente unicamente porque estiveram mais tempo

à mesa. Este comentário aplica-se a todas as casas de espectáculos, mas nas casas mais pequenas, o incómodo causado pelos retardatários é mais notório.

No Teatro Aberto, «Corpo-delito na sala de espelhos» continua a atrair um público numeroso e entusiástico. A peça é a segunda de José Cardoso Pires e foi escrita já depois da Revolução de 25 de Abril, que, aliás, está na base dos acontecimentos focados: a perseguição policial, o sadismo dos interrogatórios levados a cabo pela polícia política e as relações de um chefe da polícia com a sua amante. A encenação é de Fernando Gusmão e os intérpretes fazem parte de um «Grupo 4» acrescido para o efeito.

Os nossos leitores de Évora que ainda não viram «15 rolos de moedas de prata», poderão ver esta peça, hoje, no Teatro Garcia de Resende dessa cidade. Prosseguem os ensaios do primeiro espectáculo da nova companhia «Vem cá ver» que, ao contrário do que dissemos, não é uma cooperativa. A peça intitula-se «Que grande Bronca» e deverá subir brevemente à cena no Laura Alves.

No sector das Belas-Artes, o acontecimento do dia é a inauguração, na SNBA, de uma exposição dos alunos do curso de pintura 1978-1979. Este curso, subsidiado pela Gulbenkian, foi frequentado por mais de 100 alunos, mul-

tos dos quais — senão a maioria — nunca tinham pegado numa tela. O resultado está à vista: perto de 200 trabalhos que certamente atestarão qualidades e tendências radicalmente diferentes, mas que provam até que ponto o «mestre» Joaquim Rodrigo conseguiu apaixonar os seus alunos pela pintura. Estamos em crer — ainda não visitamos esta exposição por ela só hoje abrir as suas portas ao público — que vão surgir alguns «ingénuos» talentosos. É claro que é discutível se a designação de

«ingénuo» se pode legitimamente aplicar a indivíduos que frequentaram um «curso» de pintura mas, lá por isso, também se pode discutir a legitimidade da aplicação desta designação a artistas que, durante as suas exposições, entraram em contacto com pintores não ingénuos e leram o que os críticos disseram das suas obras. Pode bem acontecer que um «professor» desenvolva as qualidades de um «ingénuo» sem lhe retirar a sua «ingenuidade» original. De qualquer forma, uma coisa

é certa: os alunos de Joaquim Rodrigo enriqueceram consideravelmente as suas vidas e os leitores deste Roteiro têm tudo a ganhar em visitar esta exposição.

Continuam patentes ao público várias exposições que ninguém deverá perder. Estão neste caso as exposições de aguarelas de Júlio e de Jaime Isidoro, respectivamente na S. Mamede e na Galeria de «O País». O êxito obtido por estes dois artistas pode avaliar-se tanto pelo número dos visitantes que tem ido as estas duas exposições, como pela velocidade a que as peças expostas têm sido vendidas. Devemos dizer que isto só poderá espantar a quem ainda não viu as aguarelas destes artistas. Dizia-nos alguém, perante uma aguarela de Jaime Isidoro, que ele deve ter nascido no Atlântico porque só dessa forma se explica que ela entenda tão bem o mar e a sua vida íntima. Rimo-nos da expressão mas, passados minutos, demos connosco, em frente de uma das aguarelas de Jaime Isidoro a pensar que ele descobriu, senão a «vida íntima» do mar, pelo menos, a relação íntima que nos liga ao mar. Até vemos as aguarelas de Jaime Isidoro, julgávamos que essa relação era secreta e, ao vê-las, sentimos-nos, de certa forma, «violados». O que vale é que a sensação passou depressa — perante as aguarelas de Jaime Isidoro, o visitante que tem o mar dentro de si recupera rapidamente a sua maravilhosa solidão de homem que está na posse de um segredo que ninguém

mais pode entender da mesma forma.

Já que estamos a falar de Jaime Isidoro e que este artista associa à sua actividade de pintor, a de «marchand», informamos os nossos leitores de que é inaugurada no dia 1 de Junho, na Tempo, uma exposição de Artur Boal. A esta exposição voltaremos brevemente. Para já, um conselho: estamos no princípio do mês e, como os ordenados ainda não foram inteiramente consumidos na compra de capapaus, há que fazer umas economias porque vai ser posta à venda, no dia 1, uma serigrafia expressamente feita para esta exposição. Outra exposição que vai ser inaugurada no dia 1, esta no Porto, é de Isabelino (José Isabelino Martins Coelho) na galeria Árvore. Trata-se de uma iniciativa do Teatro Universitário do Porto que conta com a colaboração de Engénio de Andrade, Armando Alves e José Rodrigues.

Voltamos a chamar a atenção dos leitores deste Roteiro para as exposições de Calvet (Dinastia), que ninguém, deverá perder e, ainda, para as de Victor Corte (Opinião) e de H. Mourato e Silva Palmeira (S. Francisco).

Outra exposição que ninguém deverá perder é a de «Escultura Polaca Contemporânea», na Gulbenkian, que dará motivos de sobra para uma longa meditação sobre a arte de um país milenário que sempre contribuiu, activamente, para a cultura europeia.



Um quadro de Lourdes de Castro, presentemente em exposição no Casino Estoril. No dia 1 de Junho é inaugurada uma grande exposição desta pintora na Galeria 111

PSIQUIATRIA INFANTIL

Faltam condições nas clínicas da especialidade

PORTO, 29 — Um dos problemas que mais afecta o tratamento de crianças em Portugal é a falta de condições nas clínicas da especialidade psiquiátrica — afirmou João dos Santos no decurso do I Encontro Nacional de Saúde Mental Infantil, efectuado nesta cidade.

Reportando-se à multiplicidade de questões que se colocam ao tratamento das crianças que sofrem de perturbações psíquicas, aquele médico manifestou a opinião de que «enquanto o problema dos grandes deficientes mentais profundos não for resolvido, não há a possibilidade de se fazer saúde mental», denunciando noutro passo a precária situação das clínicas da especialidade, como acima referimos.

Essas clínicas, ainda segundo João dos Santos, «acumulam em poucos anos uma quantidade de pessoas deficientes que, a dada altura, bloqueiam totalmente o seu funcionamento». Em face dessa situação, acrescentou, «as crianças e os adultos que não se curaram passam a ser adolescentes incuráveis e adultos», sendo muitas vezes transferidos para asilos «onde vão morrer sem testemunhas da insuficiência da protecção social do grande deficiente».

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

O céu estava encoberto a Norte do Tejo e muito nublado a Sul deste rio. O vento era moderado de Sul e chovia ou chuviscava especialmente nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	13°
VILA REAL	15°
PORTO	16°
P. DOURADAS	9°
COIMBRA	16°
CABO CARVOEIRO	—
PORTALEGRE	14°
LISBOA	17°
ÉVORA	16°
SINES	17°
BEJA	18°
SAGRES	17°
FARO	18°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.11 3,7 m 10.31 1,1 m	
17.27 3,8 m 23.01 1,2 m	
Dia 30	
5.50 3,5 m 11.09 1,3 m	
18.06 3,6 m 23.42 1,3 m	
Dia 31	
6.32 3,4 m 11.52 1,5 m	
18.48 3,5 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Nas regiões a Norte do Tejo céu muito nublado ou encoberto. Vento moderado de Sul, rodando para o quadrante oeste a partir da madrugada e períodos de chuva ou chuveio, nas regiões a sul do referido rio. Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sudoeste e períodos de chuva ou chuveio

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.14
OCASO ÀS 20.54

DIA 2 DIA 10 DIA 17 DIA 24

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; 19.00: Música portuguesa; 19.30: Jornal da noite; 20.00: Retrospectiva; 20.30: Eternamente saber; 20.45: 15 minutos com; 21.00: 14.º episódio do folhetim «O Apóstolo da Juventude»; 23.00: Poemas e poemas; 24.00: Último jornal; 00.10: Vida na noite (RDP/Centro).

2.º Programa

17.25: Música de piano; 18.00: Música sinfónica; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Música portuguesa; 20.00: Ciclo Haydn; 21.00: Obras de Mozart e Bruckner; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical; 00.05: Música sinfónica; 00.35: Um quarteto de Mozart; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; 17.40: Contacto com a música; 18.45: O mundo da Fórmula 1; 19.45: Teatro trágico; 20.00: Quando o telefone toca; 20.33: Cariz; 21.00: Novas de alegria; 21.33: Quando o telefone toca; 22.33: O tema é; 23.00: Projectão.

Emissão Estereotónica

15.03: Rock em stock; 18.03: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 21.03: Fórum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.06: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Espaço musical; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Dicionário de economia; 23.55: Fecho.

44545

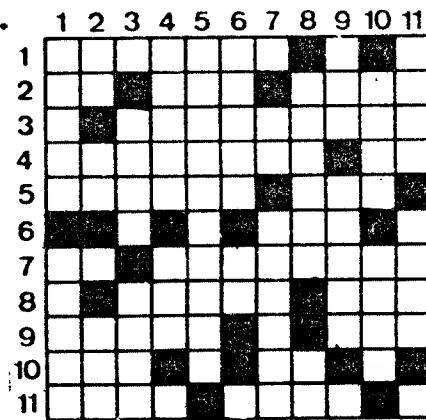
centro S.O.S. voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 347

HORIZONTAIS:

- Verdejantes. Artigo definido.
- Ouro (s.q.). Preposição e artigo (pl). Educu.
- Matamos com armas de fogo.
- Returquias. Oferece.
- Cidade de Espanha. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- Grande.
- Fies. Gritaram.
- Facto. Distrito da ex-Índia Portuguesa.
- Adicionar. Ecoo.
- Apelido. Utensílio doméstico.
- Tempo do verbo ser. Falta.



VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Santana (Madera). Níveis.
- Estrépto de desmornamento. Cobre (s.q.). Rezo.
- Tempo do verbo ser. Nome científico do sargão. Novecentos e dois em romano.
- Cumprimento. Bondosa.
- Aquela cozinha.
- Agarrar. Res.
- Nota musical. Unha.
- Unira por casamento. Antes do meio dia.
- Amaria. Venábulo.
- Escudeiros. Cubro de iodo.
- Custure. Patrões.

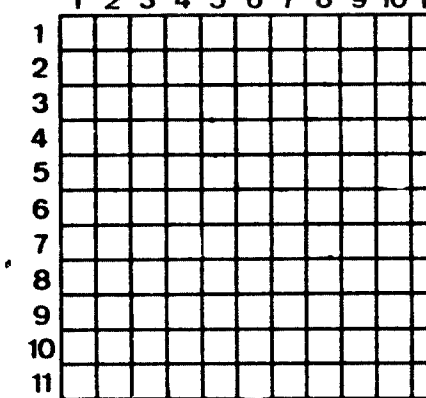
Resolheu completamente este problema?

Procure agora, em segundo posatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 407

HORIZONTAIS:

- Recluso.
- Naípe das cartas de jogar. Verbaíse.
- Rataram. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
- Homem que enriqueceu na índia. O sono das crianças.
- Preposição. Prender com elos.
- Senhor. Plural. Liga de cobre e zinco.
- Acrescentei. Criança francesa célebre pelo seu heróismo.
- Combinava. Rio da Suíça.
- Reclamo. Rádio (s.q.).
- Caudas. Preposição e artigo. Campeão.
- Sufixo que designa abundância (PL). Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda.



VERTICAIS:

- Entradas. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional na Costa do Ouro.
- Curso de água natural e abundante. Bagaagem pobre.
- Moço espartano de 20 a 30 anos. Satanás.
- Bebida usada no Peru. Falso-mo.
- Rainha de Portugal esposa de D. Dinis. Navio.
- Desgraça. Botéquim.
- Em o. Fardo de fazendas. Tempo do verbo ir.
- Erbio (s.q.). Rezar. Forma 4e-duzida de Jardim Zoológico.
- Seguias. Ave perneta do Brasil.
- Galhola. Lavras.
- Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Acções.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 346

HORIZONTAIS:

- DE. Gás. Capa.
- Arpa. Ecaras.
- Soera. Al. Pá.
- Ob. Tocaís.
- Ou. Osa.
- Rue. Sr. Rios.
- Am. Caia.
- Iris. Elaras.
- Anão. Amar.
- Pho. Dom. Sra.
- Es. Se. Oo. As.

VERTICAIS:

- Dasseraí. Pe.
- Ero. Urrais.
- PEQUENINO.
- Garbo. Asa.
- Ode.
- SE. TORCE. O.
- Caos. Alamo.
- Calcanam.
- Ar. Iaras.
10. PEPINO. Arrá.
11. Asas. Sós. As.

Provérbio: DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 406

HORIZONTAIS:

- Cardo. Ued.
- Am. Mói. Trío.
- Au. Eva. Asi.
- Colondas.
- Asir. Dor. Aa.
- Sacarias.
- Cã. Asa.
- Amestrar. Ar.
- Russa. Ea.
10. Ar. Animaram.
11. Sam. Ato. Ara.

VERTICAIS:

- Ba. Cá. Caras.
- Mãos. Amura.
- Ulisses.
- Ora. SS.
- Roer. Catana.
- Divida. It.
- Adoria. Mo.
- An. Rea.
- Uras. Aa. Ara.
10. Eis. Assa. Ar.
11. Doira. Aroma.

Lisboa

Permanente

LÍBIA, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891581); **SANTOS SILVA**, P. das Águas Livres, 8-D (T. 681515); **LAVINHA**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **AFRICANA**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **SACRAMENTO**, R. Atriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); **S. JORGE**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONFIANÇA**, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653); **PAIVA DA COSTA**, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); **BOTÂNICA**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **SALTER**, R. Xabregas, 63-65 (T. 381185); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662).

Reforço

MOURA, T. da Memória, 55 (T. 630944); **GARANTIA**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); **S. MIGUEL**, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469); **LINAIDA**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **SALUTAR**, R. B. 75-A-B, B. Liberdade (T. 683694); **MORSA**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **ALLEGRIA**, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); **DOURO**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **BRITES MOITA**, P. da Alegria, 33-34; **DALVA**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 910305); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Falcão, 3-A; **MATOS**, R. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2750076); **COVA DA PIEDADE**: Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO**: A. Araújo, Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA**: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO**: Santa Maria, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141); **SEIXAL**: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **AMORA**: Julieta Campos, R. Ribeiro, 2, Cruz de Pau (T. 2211131); **MONTUJO**: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS**: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ: Carvalho, Até às 21 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, Até às 21 horas; **OEIRAS**: Mourão Vaz, Ld., Até às 24 e das 0 às 9

horas; **NOVA OEIRAS**: Leal, Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Central, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **VILAR**: Até às 24 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085), Até às 21 horas; **PARADE**: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054), Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**: Até às 21 horas; **AMOREIRA**: Amoreira (T. 262313/267314), Até às 22 horas; **MONTA ESTORIL**: Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391), Até às 21 horas; **CASCAIS**: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214), Até às 21 horas; **Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170), Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933303); **Permanente**: Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589), Até às 22 horas; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121); **QUELUZ**: Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841); **CAMARATE**: Nova, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM**: Araújo, E. de Paço de Arcos, lote B (T. 2940781); **MEM MARTINS**: Quilma, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012); **Permanente**: **AGUALVA-CACÉM**: Mira Sintra, P. N. Torre, 310, Até às 20.30; **MERCÊS**: Claro Russo, Até às 21 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194), Até às 23 horas; **SINTRA**: Gomes da Silva, Portela, Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

GONDARÉM — Rua de Gondarém, 360 Foz; **NOVA AVENIDA** — Av. Fernão de Magalhães, 692 Telef. 52250; **PNHEIRO MANSO** — Rua São João de Brito, 26-29 Telef. 60692; **SANTA TERESA** — Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100 Telef. 31571; **ALVES** — Praça do Exército Libertador, 62 Telef. 60002; **BARROS** — Rua do Loureiro, 104 Telef. 31507; **CAMEIRA** — Rua do Heroísmo, 90, Telef. 52583; **TERREIRO** — Rua da Reboleira, 21 Telef. 23576.

(De dia e toda a noite)

BOA HORA — Rua da Boa Hora, 80 Telef. 28783; **CORREIA DE ARAUJO** — Rua de Santa Catarina, 259, Telef. 25644; **SILVA PEREIRA** — Rua de Costa Cabral, 293 Telef. 480761.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
VILAÇA — Rua Ferreira Borges, 32, Telef. 22043.

abCINE

803055

Centro Comercial do Alvalade

Sala A: às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45 — N. ac. men. 13 a.
AS 4 PENAS BRANCAS
c/ Robert Powell
Sala B: às 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
N. ac. men. 13 a.
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 15.15, 18.15 e 21.15
N. ac. men. 13 a.
O HOMEM DA RUA
c/ Shatrughan Sinha, Zaherra, Vikram, Deven Varma e Sujit Kumar

APOLO

763319

Av. João Dias, 10-A

As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Warren Beatty, Julie Christie e James Mason em
O CÉU PODE ESPERAR
Hoje e todos os dias
às 23.30 horas
N. ac. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Grupo B — 10 anos
A sua vida dependia das únicas palavras que não queria pronunciar!
O SARGENTO NEGRO
Um filme de John Ford, com Jeffrey Hunter, Constance Towers e Woody Strode

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
John Travolta e Olivia Newton-John em
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colôndo

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
John Travolta e Olivia Newton-John
GREASE (Brilhantina)
2.ª semana

CASTIL

530194

Rua Castilho

Todos os dias às 15.30, 18.30 e 21.30
Com Charles Bronson e Alain Delon
SOL VERMELHO
O filme de Terence Young
Um vendaval feito cinema!

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 18 a.
Pomográfico
BOCAS GULOSAS
As 24 h
Int. men. 18 anos
O BOMBISTA LOUCO

CINE CAMÕES

324194

Rua de Laredo, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
TEQUILA
c/ Anthony Steffen
Um filme de Tullio de Micheli

CITY CINE

549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
AS DUAS JUSTIÇAS
De André Cayatte
Com Annie Girardot e Bibi Andersson
As 23.45 h
DUELO NA ILHA

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 a.
A aventura dos nossos dias! O furacão que derruba países chama-se...
GOLPE DE ESTADO
c/ Peter O'Toole, David Hemmings e Donald Pleasent

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges

As 15.30, 18 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
OPERAÇÃO ÁGUAS NEGRAS

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damaia

As 21.15 horas
Int. men. de 13 anos
ADEUS
DRAMA INDIANO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
Reginaldo Farias, Ana Maria Magalhães e Milton Gonçalves em
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Um filme de Hector Babenco — colorido
Interdito men. 13 anos

ESTUDIO

555134/5

Av. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
Catherine Deneuve em
REPULSA
O filme de Roman Polanski
2.ª Semana

ESTUDIO 444

779095

Av. Desferrades de Chaves, 83

As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 18 anos
Um filme de Arthur Penn
Pela 1.ª vez versão integral
PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA
Com Marlon Brando, Jane Fonda e Robert Redford
A espera acabou — a caça ao homem começou!

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 21.30 horas
Não acons. menores de 18 anos
Eles lutaram, morreram e mataram desesperadamente... para sobreviver!
OS RAPAZES DA COMPANHIA C
As 15.15 h Última
A AMANTE MUITO LOUCA
(Não acons. m/18 aos)

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Nem o amor de uma mulher o salvou do suplício!
O REBELDE
(GIORDANO BRUNO)
c/ Gian Maria Volonté e Charlotte Rampling

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O AMOR VIOLADO
Colôndo
4.ª semana

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 a.
ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
Bruce Lee e Karim Abdulil Jahhar
ATENÇÃO
Hoje às 21.30 horas
No palco: Artes marciais ao vivo demonstração de «Taekwondo» pela Associação Portuguesa de «Taekwondo»

MONTECARLO

Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
O filme que exprime de forma explosiva um dos maiores dramas do Brasil. Um filme de Hector Babenco, com Reginaldo Farias e Ana Maria

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE (Hardcore)
Com George C. Scott, Peter Boyle e Season Hubley
O drama de um pai a procura da filha na «Zona Quente»

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 a.
BÚFALO BILL E OS INDIOS
Um filme de Robert Altman
c/ Paul Newman, Burt Lancaster e Geraldine Chaplin

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

Hoje às 15.15 e 21.30 h.
Int. men. 18 aos
Segundo o êxito de «O Último Mundo Cambal» — Uma aventura terrível e fascinante
A MONTANHA DO DEUS CANIBAL
Com Ursula Andress e Stacy Keach

ODEON

326283/4

R. Condes, 12 e 20

15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
ROCK 'N' ROLL
c/ Rodolfo Banchelli e Rosaria Bricca
2.ª Semana

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men. 18 anos
Força, astúcia e destreza numa acção escaladante
OS 3 PANTERAS NEGRAS
Jim Brown-Fred Williamson-Jim Kelley

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º António

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h
Estreia — Interdito men. 18 anos
O CHALET DA POUCA VERGONHA
Um filme pornográfico da «qualidade parisiense», com Claudine Beccane e Sylvia Boudon

QUARTETO

771378

R. Flores de Lima, 18

SALA 1
As 15, 17, 19, 21 e 23 h
Não acons. men. 13 anos
UM HOMEM E TRÊS MULHERES
SALA 2
As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 anos
JONAS
SALA 3
As 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
UM DIA DE PRAIA
Realiz. Sergio Citti
SALA 4
As 15, 17, 19, 21.23
Int. men. 13 anos
DUAS MULHERES EM NEW YORK
Realiz. Claude Weil

RESTELO

510375

Av. Torre de Beldem

As 15.30 e 21.30
Não acons. men. 18 a.
AMOR E BALAS
c/ Charles Bronson, Jill Ireland e Rod Steiger
Um filme de acção!
3.ª Semana

ROMA

778

Av. de Roma, Lote J08

15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um regalo para os apreciadores de filmes de acção escaladante
OS 3 PANTERAS NEGRAS

ROXY

538560

Av. Almirante Reis, 28

Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h — Int. men. 13 anos
Reginaldo Farias, Ana Maria Magalhães e Milton Gonçalves em
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
Um filme de Hector Babenco, Colôndo

SÃO JORGE

579144 - 5344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
Nunca tanto foi roubado por tão poucos
Sean Connery e Donald Sutherland em
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO D'OURO

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 15, 17, 19 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
Uma transparência de problemas dos delinquentes juvenis!
OS DEMONIOS DO COLEGIO
2.ª Semana
Nastardes projecção do filme 5 minutos após o início das sessões

STAR

214210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

14.30, 16.45, 19 e 21.45
Um filme notável
NUNCA TE PROMETI UM JARDIM DE ROSAS
com Bibi Andersson Kathleen Quinlan

TERMINAL

371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h — Não acons. men. 13 anos
O MISTÉRIO DE AGATHA
Com Dustin Hoffman e Vanessa Redgrave
5.ª semana

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
GREASE (BRILHANTINA)
Um filme de Randal Kleiser
Colôndo
3.ª Semana

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Coimbra, Lote 879

As 15, 18.15 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
DUAS JUSTIÇAS
Duas grandes vedetas: Annie Girardot e Bibi Andersson
Um filme de André Cayatte

ZODIACO

R. Conde Redondo, 5

As 15.30, 18.30 e 21.30 h
Int. men. 13 anos
LÚCIO FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA
O filme que exprime de forma explosiva um dos maiores dramas do Brasil

PALÁCIO FOZ

367831

P. Restauradores

Ciclo MADE IN U.S.A.
51 — O filme percurso
Filme
O ESPANTALHO
Classificação: Interdito a men. 18 anos
Sessões 15.15-18.15-21.15 horas
Iniciativa da Direcção-Geral de Acção Cultural

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 • ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 105-1 •
 TELEFONES 211.040/1 • 220.711/2 • 220.724 • 371.81/2
 PUBLICIDADE: 200.748
 • REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
 RUA LUIZ DOMINGOS, 84
 TELEFONES 211.040/1 • 220.711/2 • 220.724 • 371.81/2
 PUBLICIDADE: 200.748
 • SERVIÇO NOTAS (DEPOIS DAS 21)
 PORTUGAL 221.154
 MENSAGENS GRAVADAS 220.724
 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIDA TELER 12363
 LISBOA PORTUGAL
 • DELICAÇÃO DO PORTO
 RUA DO ALMADA, 30-2 • TELEFONES 209.615

VIGÉSIMA FIL Moçambique e Albânia estreiam-se no certame

Dirigentes da Associação Industrial Portuguesa (AIP) expuseram esta manhã aos representantes da Comunicação Social as linhas mestras da 20.ª Feira Internacional de Lisboa, que decorrerá na Junqueira entre 1 e 10 do próximo mês. Esta FIL, conforme foi sublinhado, abarca 714 expositores de cerca de 30 países e terá como principais objectivos a dinamização da actividade económica portuguesa através do alargamento do parque industrial do comércio interno e externo, do desenvolvimento do «know-how» e das transferências de tecnologia.

«A economia portuguesa face às comunidades» é um dos temas do quadro de conferências, que na sua larga maioria abrange questões de carácter técnico-profissional. Em conexão com aquela conferência refira-se o facto, apontado pelos dirigentes da AIP, do certame visar a aproximação entre Portugal e as organizações internacionais, nomeadamente a CEE.

O vasto programa de manifestações paralelas desta FIL inclui visitas de embaixadores, adidos comerciais, conselheiros económicos e outras entidades oficiais, bem como representantes de câmaras de comércio e indústria estrangeiras, de estabelecimentos de ensino e de grupos de estudo. Simultaneamente estão programados seminários, jornadas técnicas, colóquios, projecções de filmes e diaporamas, encontros com os jornalistas e conferências, de que «A economia portuguesa face às comunidades», é por ventura, o tema mais relevante.

Nesta sua vigésima edição a FIL dedica importante área à produção nacional, sendo de destacar, por sectores, a presença nela da construção civil, electrotécnica e electromecânica, mobiliário e equipamento de escritório, serviços, química industrial, construção naval e óptica e fotografia. As participações oficiais com maior dimensão são, depois de Portugal, a RFA, Itália, Grã-Bretanha, Espanha, França, Holanda, Japão, Suíça e Dinamarca. A Albânia e Moçambique estreiam-se no que respeita a participação na FIL.

MOBÍLIAS USADAS

Vendo em conta, c. jantar e quartos, modernas, século XVII, Q. Anne, etc.

LUÍS PINTO MOITINHO, N.º 7, R/C. ESQ.
(Defronte Igreja dos Anjos)

Organizações de mulheres defendem Antónia Palla

Acusada de «incitamento ao crime e ofensa à moral» a jornalista Maria Antónia Palla senta-se no banco dos réus do 3.º Juízo Correccional da Boa Hora do Tribunal da Boa Hora onde, ontem, decorreu mais uma sessão (a quarta) do seu julgamento.

O processo instaurado com base na sua participação num programa televisivo, realizado pelo cineasta João Matos Silva, em que foi tratada de uma forma considerada polémica a questão do aborto, é revelador da forma como a hipocrisia burguesa (desculpem o chavão) encara uma realidade que conhece perfeitamente mas finge que desconhece...

Na sessão de ontem foram ouvidos na qualidade de testemunhas os médicos Orlando Lindim Ramos, cardiologista, Luísa Costa Teixeira, do Hospital de Santa Maria e Maria da Purificação Araújo, consultora de obstetria da Direcção-Geral de Saúde, tendo as suas intervenções incidido no facto de se praticar o aborto clandestino — causa da morte de 2000 mulheres por ano, entre as 180 mil que a ele recorrem.

Defenderam os médicos que, no ponto de vista de saúde, há que pôr à disposição de todas as mulheres os meios de informação e de contracção através de consultas de planeamento familiar, embora este método não resolva, de um momento para o outro o problema do aborto.

Ouvimos Luísa Teixeira que declarou haver duas questões em aberto:

As falhas dos métodos e o tempo que leva a educar uma população para a saúde, sobretudo quando existem condições materiais deficientes que obrigam muitas mulheres a recorrer ao aborto.

A propósito dos partidos políticos de esquerda não ousarem abordar a questão claramente, Maria Luísa Teixeira, em nome do Movimento de Libertação das Mulheres de que faz parte, sublinhou que **os problemas das mulheres são sempre considerados secundários, embora em altura de eleições contem com o seu voto...**

Referiu, ainda, que o aborto, terceira causa da morte materna no nosso País, deveria ser tema de um debate alargado, a nível nacional, com vista à sua legalização.

— E o Serviço Nacional de Saúde? — perguntámos.

Penso que poderia vir a generalizar as consultas de planeamento familiar que são, aliás, muito poucas. Paralela-

mente deveria prever interrupções de gravidez nas próprias estruturas de saúde contra o aborto clandestino e os seus riscos.

Por outro lado, Cristina, da UMAR, organização que se tem pronunciado contra o «escandaloso» processo levantado contra Maria Antónia Palla afirmou que esta não estava a ser julgada pela matéria tratada no filme da televisão mas sim pelas posições que assumiu em defesa das mulheres. O processo insere-se, portanto, na volta que se está a verificar na situação política. E com base na experiência que a UMAR tem de falar com as mulheres das classes sociais mais desfavorecidas, acrescentou que da parte delas sempre houve uma adesão ao problema. Nada de choques, como se pretende fazer crer. Elas, como ininteressadas, gostariam de ver a situação alterada.

Claro que a UMAR não faz do aborto um ponto central da sua luta mas enquadra-a, sim, em problemas mais gerais... — salientou Cristina.

Atestam as posições defendidas pela UMAR, as opiniões que recolhemos, um pouco à laia de teste, de duas mulheres (Emelinda e Virgínia: domésticas) que, por engano, foram parar à sala onde decorria o julgamento de Maria Antónia Palla. Mulheres do povo, uma delas é casada com um operário (lubrificador de automóveis), quando informadas sobre o tema do julgamento, mostraram-se tão revoltadas que até decidiram ir assistir ao desenrolar do pleito.

Quem se enche de dinheiro são as parteiras que levam cinco contos por fazer um desmancho. Chocada? Qual coisa... toda a gente sabe disso. Não é por mim que agora já sou velha... mas tenho filhas. — diz Emelinda, bem alto, para quem a quiser ouvir, enquanto convida a sua companheira (Virgínia) para entrar na sala.

Testemunharam, ainda, na sessão de ontem, além do cineasta Matos Silva, a dr. Eugénia Moura, da Associação de Planeamento Familiar que considerou o processo como um atentado à liberdade de expressão e ainda Maria Rosa Gomes, ex-deputada na Constituinte e membro da Comissão Nacional do Partido Socialista que, em 1976, fez uma intervenção na Assembleia da República sobre a situação da mulher, referindo precisamente o programa em que participou Maria Antónia Palla.

Referi-me à atitude histórica da direita e ao facto da RTP,

servilmente, ter acabado com o programa, dois anos depois da Revolução de Abril. Lamentei ainda o desinteresse dos Governos pelos problemas da mulher. Quanto a mim a questão do aborto deveria já ter sido despenalizada, assegurando-se condições para que as mulheres pudessem recorrer a ele quando necessitassem, embora como último recurso...

O julgamento da jornalista que tem levantado veementes protestos de alguns sectores progressistas prossegue na próxima quinta-feira.

LOURDES FÉRIA

“ATLAS TITAN”: RESCALDO PREVISTO PARA ESTA TARDE Identificados os quatro mortos (corpos de três ainda não apareceram)

Um morto, três desaparecidos, 17 feridos, dois dos quais ainda hospitalizados: é este o trágico balanço final da explosão, seguida de incêndio, no petroleiro liberiano «Atlas Titan», ocorrida a meio da tarde de domingo no cais da Gaslup, esteleiros da Setenave, na península de Mitrena. De acordo com informações recolhidas pelo «DL» junto das Relações Públicas da Setenave, o navio-tanque de 212 mil toneladas, orçado em um milhão de contos, já não arde, devendo ainda hoje ser iniciada a operação de rescaldo.

Embora as RP's daquela empresa nos tenham confirmado reticamente as identificações do morto e dos desaparecidos, tudo leva a crer tratem-se de Custódio Jacinto Concórdia Anes, de 27 anos, natural de Montemor; Francisco Nunes Amante, de 28 anos, natural de Grândola; e Cecílio Augustus Costa Gomes, de 30 anos, natural de Lisboa, operário da «segurança» da empresa além de um grego. Os dois primeiros, segundo ainda os nossos informa-

Continuam as entregas de reservas no Alentejo e no Ribatejo. Na «Margem Esquerda», Unidade Colectiva de Serpa, foram entregues duas aos herdeiros de Domingos Polido Garcia e a Luís António Feio Quintino. A primeira, na herdade da Capela, tinha 230 hectares e 70 mil pontos e a segunda 55 hectares. O Secretariado Distrital de Beja das UCP's afirma que com a entrega da reserva da Herdade da Capela estão postos em causa 12 postos de trabalho e que os reservatários só têm direito a 35 mil pontos, uma vez que nunca exploraram a terra directamente. Entretanto no Ribatejo a UCP a «Luta é de Todos» perdeu para Maria Henriques da Silva uma

reserva com 175 hectares situada na Herdade Castelhana. Segundo o Secretariado de Évora das UCP's está prevista a entrega de mais uma reserva naquela cooperativa. Espera-se, no entanto, que esta nova reserva situada nas herdades do Pincaro e Guerrilheira possa ser arrendada à Misericórdia.

No distrito de Portalegre foi também entregue, por técnicos dos Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária, uma reserva, na Herdade do Baldio do Conde, que estava integrada na UCP «16 de Janeiro» com sede em Elvas. Todas as reservas foram entregues na presença de forças da GNR.

dores, são operários não especializados e encontravam-se ao serviço da Setenave há menos de um ano. Nenhum dos corpos terá ainda aparecido, pelo que se presume que o cadáver catapultado, após a explosão, a uma distância de cerca de mil metros do local do sinistro, seja o de um tripulante grego, provavelmente o 3.º oficial de máquinas Kapeleris Vasiliou, de 43 anos, natural de Atenas. Os seus companheiros, contudo, confrontados com o corpo, parcialmente calcinado, não confirmaram essa hipótese. Por outro lado, há quem admita que o cadáver seja malogrado as esperanças de encontrar qualquer dos últimos ainda vivo.

O «Atlas Titan» está praticamente perdido, embora ninguém, pelo menos até esta manhã (quando ainda continuava fumegante, mas já sem as alterações labaredas que consumiram, presume-se, todo o interior da carcassa) tenha penetrado nos seus negros e desalinhados compartimentos. Só a

peritagem conluirá, após consulta, da sua inoperacionalidade, de que quase se não duvida e do destino a dar-lhe: provavelmente a sucata. Ontem mesmo, aliás, um tripulante do petroleiro, e não um elemento da Prevenção da Setenave, nos assegurou a sua convicção de que o barco não deveria ser recuperável. Entretanto, os 32 elementos da tripulação (gregos, indianos e chilenos) alojados no Hotel Esperança, em Setúbal, preparam-se para regressar aos seus países, depois de alguns dos 43 terem vivido momentos de pânico e dramatismo a bordo do «Atlas Titan» aquando da explosão, nomeadamente o chefe de máquinas Mhanee e o companheiro Mavrikis.

Livres de perigo, continuam, porém ainda internados, o trabalhador da Setenave Pedro Moreira Mendes, de 32 anos, no Hospital da CUF, em Lisboa, e o tripulante indiano Nirmal Singh, de 26 anos, moço de cabina, no Hospital de Setúbal. O «Atlas Titan» continua «encalhado» no sítio da Caldeira, a norte de Tróia, ao largo das instalações da «Eurominas», vigiado por uma lancha da Marinha que partiu de Sines apetrechada com meios para combater a poluição. Parece remota a explosão dos depósitos de nafta do barco, aguardando-se agora o relatório do comandante, de nacionalidade grega, que se pronunciará sobre a amplitude do sinistro depois de voltar ao «Atlas Titan».

(Hoje 32 páginas)

APU de Lisboa

Continuação da pág. 1

Banco Mundial tinham já cá estado em Dezembro de 1978, e que a referida proposta «há meses que estava a ser cozinhada nos bastidores».

«Não podemos admitir procedimentos semelhantes» — acentuou.

O presidente do Município, ao dar explicações, afirmou que o responsável pelo pelouro não tinha sido afastado por razões políticas. Silva Graça não teria sido ouvido pelo simples facto de as obras ainda não terem sido feitas.

«Mas — afirma Silva Graça — qual o meu papel então na planificação e no financiamento das obras a executar em Lisboa?...

CONTRA AUMENTO DE TENSÃO Suarez anuncia plano anti-terrorista

MADRID (do nosso correspondente Fernando Jauregui) — O Governo democrático espanhol vive as suas horas mais difíceis desde a morte de Franco. Vários jornais espanhóis referem esta manhã rumores de uma iminente crise de Governo, podendo abandonar o Gabinete o vice-presidente militar, tenente-general Gutierrez Mellado, e o responsável dos assuntos económicos, Avril Moxorell.

Fala-se inclusivamente em meios políticos espanhóis da eventualidade de rei procurar um substituto para o presidente Suarez, cuja figura está cada dia mais gasta.

Novo acordo com o FMI
Continuação da pág. 1

às consequências da aplicação do imposto extraordinário.

O Orçamento do sector público administrativo registará, por sua vez, um agravamento no seu saldo corrente de 6,8 milhões de contos.

O debate em torno da nova proposta do OGE prossegue esta tarde e amanhã, após o que haverá uma interrupção para recomençar na próxima semana.

O certo é que Adolfo Suarez vai realizar nas próximas horas um esforço desesperado para recuperar a sua imagem política ante a opinião pública, parte da qual o acusa de permanecer inactivo frente a um terrorismo crescente, que ceifou 17 vidas só no último fim-de-semana.

Hoje de manhã a opinião pública espanhola voltou a agitar-se perante a notícia de que a conhecida escritora Natalia Figueiroa, aristocrata e esposa do cantor Rafael, tinha sido sequestrada. A senhora Figueiroa apareceu poucas horas depois posta em liberdade pelos seus raptadores. Mas o facto não diminuiu a sensação de insegurança em que vive a sociedade espanhola.

A Polícia continua sem ter indícios de quem pode ter sido os autores dos assassinatos de quatro militares na passada sexta-feira, e da colocação de uma bomba num café madrilenho, no sábado. Por tudo isto é acusada, em diversos sectores, a ineficácia da acção policial e a actuação do Governo.

O presidente Suarez falará, possivelmente hoje, ao país, através da TV para apresentar um plano antiterrorista de urgência.

Doença súbita e avaria eléctrica

atrasaram comboios da linha do Estoril

Um dos utentes da linha do Estoril que tomou o comboio que sai do Cais do Sodré às 7.29 h, chegou a Cascais às 8.10 h, foi esta manhã acometido de doença súbita durante o trajecto. A composição em que seguia parou na estação de S. Pedro aguardando a chegada de uma ambulância que o transportaria ao Hospital de Cascais (ignoramos em que estado, pois que daquele estabelecimento ninguém nos atendeu via telefone), provocando um atraso de cerca de 20 minutos na circulação.

Como um mal nunca vem só, para transtorno, neste caso, de milhares de utentes da linha, um outro comboio, em sentido contrário (de S. Pedro do Estoril para o Cais do Sodré), que partiria daquela estação às 8.12 h, com o n.º 116, teve uma avaria eléctrica entre Caxias e a Cruz Quebrada,

atrasando automaticamente a marcha dos que se lhe seguiam na mesma direcção. A composição imediatamente atrás com o n.º 738, que deveria chegar a Lisboa às 8.44 h, por via disso «atracou» ao Cais do Sodré à mesma hora do 116, isto é, às 9.20 h, com um atraso de mais de meia hora. O primeiro, por seu turno, perderá 1.08 h com o percalço, com todas as consequências, para os passageiros que viajam entre o Estoril e Lisboa àquela hora de ponta.

Depois, e no seguimento deste segundo azar, foram várias as composições que se amontoaram entre as estações de Santos e do Cais do Sodré, enquanto muitas pessoas chegavam atrasadas aos seus postos de trabalho.

VENEZUELA: Problemas de infância

BRASIL: Por que vive a Nação?

AFRICA AUSTRAL: Federação racista em movimento

URSS: O problema da liberdade religiosa

ESPAÑHA

CONGRESSO DO PSOE TRAVADA A VIRAGEM À DIREITA



Gonzalez: derrota de uma linha aliada à social-democracia alemã.

etiqueta «marxista». E certo que o debate, primeiro em comissão, depois em sessão plenária, se cristalizou num problema que à primeira vista pode parecer desusado e sem grande importância prática, dada a evolução da sociedade espanhola desde a morte de Franco e as novas condições de luta. Gonzalez contribuiu, de resto, largamente, para a sua própria derrota tomando claramente posição, desde Maio de 1978, pelo abandono do termo «marxista». Voltou à carga em vésperas do vigésimo oitavo congresso e tentou, na comissão e à porta fechada, impor as suas teses. Era não ter em conta a verdadeira relação de forças na base do partido, ignorar a profunda sensibilidade de uma formação que, apesar de tudo, não quer renegar o seu passado e que fez numerosas concessões para facilitar a política de consenso com o partido governamental de Adolfo Suarez.

Na realidade, o debate sobre o marxismo é a parte visível de um «iceberg». A própria ambiguidade da controvérsia ideológica e a embaraçada surpresa dos adversários de Felipe Gonzalez mostram que a queda, talvez precipitada, do secretário-geral, não se deveu a uma simples questão de vocabulário.

O vigésimo oitavo congresso do PSOE marcou o fim de uma luta pelo poder que durava há vários meses. O congresso trouxe a lume a vontade de deter uma nítida viragem à direita do partido, vontade esta mostrada por uma ampla maioria de socialistas. E

também confirmou o fim da política de consenso, já muito maltratada, entre os socialistas e os centristas de Suarez.

Derrota de um homem. Eleito em 1974, reeleito em 1975, Felipe Gonzalez era, à partida, um dirigente de compromisso entre as federações rivais de Madrid e do País Basco. A ascensão de um andaluz ao lugar de secretário-geral era uma surpresa. É certo que Gonzalez contribuiu largamente para o aumento espectacular de um partido, grupúsculo em vésperas da morte de Franco, hoje primeira força de esquerda, que trata de igual para igual o partido governamental. Mas o êxito reanimou as rivalidades externas.

Derrota de uma linha que, aos olhos de numerosos socialistas, está aliada à social-democracia alemã, inspiradora e protectora de outras formações socialistas, a começar pela de Portugal. Ao criticar abertamente a gestão da direcção do partido, a sua ambiguidade sobre o problema-chave dos nacionalistas e as suas complacências para com Suarez, os maioritários também quiseram mostrar a sua independência e a sua clarividência.

Derrota também de uma opção que visava alargar a base do partido socialista em detrimento da doutrina e dos princípios de base. **A Espanha não é a Suécia**, disse um adversário de Felipe Gonzalez. Não é possível resumir melhor um certo regresso às realidades, e anunciar que o fim do consenso marca o regresso dos confrontos políticos e sociais. ●

Le Monde

Felipe Gonzalez, primeiro dirigente, desde o Congresso de Suresnes de 1974, de um partido socialista operário espanhol renovado, mas também empolado um tanto artificialmente, teve, pelo menos, a coragem e o mérito de ser lógico consigo próprio e com as suas posições publicamente defendidas. Extraindo uma lição dos sucessos fracassos da corrente social-democrata que representa, preferiu renunciar ao seu lugar de secretário-geral no fim do vigésimo oitavo congresso do PSOE, que teve lugar no dia 20 de Maio.

A primeira vista Felipe Gonzalez teria caído devido à questão de princípio do abandono ou não abandono da

REVOLUÇÃO EM GRENADA — 1

Um novo amanhecer nas Caraíbas

Texto de JORGE LUNA

Um exclusivo de
PRENSA LATINA

(Págs. centrais)



A infância na Venezuela

■ Estrella Gutierrez

□ IPS

Os «Lares de Cuidados Diários» são uma solução interessante do Conselho Venezuelano da Infância, e que se destinam a receber crianças de idade pré-escolar pertencentes aos sectores marginais da população.

Pequenos grupos de cinco a sete crianças são recebidas por uma mulher do bairro, na sua própria casa. Estes «lares» funcionam com a supervisão do conselho, que paga àquela «mãe», controla os cuidados sanitários dados às crianças e fornece os elementos necessários para que nada falte no «lar» sempre dirigido por uma «mãe» afectuosa.

Há já cinco anos que estes «lares» funcionam com êxito. Actualmente há dois mil e trezentos à espera de umas 16000 crianças das populações urbanas do país. O secretariado das Nações Unidas para a infância (UNICEF) organizou lares para cuidados diários noutros países, inspirando-se no modelo venezuelano, que deu provas excelentes.

Na Venezuela, o problema da infância pode ser considerado «muito dramático». Assim o qualificam as autoridades do Instituto Nacional da Criança (organismo centralizador das acções a favor da criança venezuelana) e a Comissão para o Ano Internacional da Criança.

Carmen Teresa Rodriguez, presidente desta comissão, está de acordo com a declaração de Teresa Albanez Bernaola, ex-presidente do Instituto Nacional da Criança e futura directora regional da UNICEF para a América Latina: «A Venezuela não tem motivos para festejar este Ano Internacional da Criança».

Os problemas podem ser eloquentemente ilustrados com números: dos 13 milhões e 460 mil habitantes da Venezuela, 49,6 por cento são menores de 18 anos, e 22 por cento têm idades entre os 0 e os 6 anos.

60 por cento dos lares venezuelanos têm, por grupo familiar, menos de 465 dólares anuais, e 20 por cento dos menores desses lares têm menos de 6 anos.

20 por cento das famílias venezuelanas têm por único chefe e sustentáculo uma mulher. As mulheres incorporaram-se em massa no processo da produção. Entre 1974 e 1977, 35 por cento da população feminina trabalhava como

assalariada.

25 por cento da população vive em «ranchos», e 27,9 por cento dos menores de 6 anos vivem nesses ranchos.

Sob o ponto de vista jurídico, a situação ainda é mais grave. 52,3 por cento das crianças venezuelanas são filhos ilegítimos. 19,1 por cento foram reconhecidos; 15 por cento, porém, não o foram. Calcula-se que, mais de 300 000 crianças nem sequer foram registadas e carecem de toda e qualquer identidade jurídica.

É esta a realidade e nela trabalham os organismos nacionais e internacionais, vencendo grandes dificuldades e conseguindo vencer modestas mas importantes batalhas cívicas. Uma dessas batalhas foi a que se deu à mortalidade infantil, que actualmente coloca a Venezuela no terceiro lugar entre os países americanos de menor taxa de mortalidade. O primeiro é Cuba e o segundo o Uruguai.

Foi criado um instituto que se dedica exclusivamente à nutrição da criança. As crianças vão sendo lentamente reconhecidas, a atenção sanitária aumenta, a escolaridade chegou já aos 14 anos.

A Comissão do Ano Internacional da Criança inicia as suas actividades em 1978. O seu programa original centra-se em actividades permanentes (criação de consciência nacional sobre o problema da infância, institucionalização de financiamentos para a atenção dada à infância pelo sector público e privado, reforma do registo civil e aprovação de uma lei de assistência ao menor), juntamente com as actividades comemorativas normais.

O ano de 1979 deve ser o ponto de partida para uma acção que consiga retirar a infância da sua situação marginal, disse Teresa Albanez, presidente da comissão, na sua primeira etapa. Para Domingo Rivas Vasquez, director de planificação do Instituto Nacional da Criança, a problemática infantil é mais difícil de encarar devido à falta de consciência do adulto, a nível social e individual. Só leis coercivas expressas poderão diminuir e controlar a paternidade irresponsável. Os escassos recursos do Instituto limitam a sua acção visto dispor unicamente de 70 milhões de dólares anuais.

Para Teresa Albanez o ano da criança seria um êxito na Venezuela se se reformasse o sistema de inscrição civil e se se conseguisse criar na população a consciência da necessidade de registar as crianças. No país há mais venezuelanos por registar do que estrangeiros indocumentados. A comissão propõe um projecto para que em todos os hospitais onde nasçam diariamente mais de cinco crianças, funcione uma secção de registo civil.

Outro projecto já apresentado no congresso nacional é uma lei que obrigue o sector público e privado a dar 2 por cento do total dos seus salários e ordenados ao Instituto da Criança. O Instituto teria assim um rendimento anual de 230 milhões de dólares, e a sua actividade seria muito mais eficaz.

Segundo Teresa Albanez não basta defender os direitos humanos dos adultos. «Não esqueçamos as continuas violações dos direitos da criança, que deve ser ajudada e protegida na sua etapa mais vulnerável».

Depois da queda de Idi Amin do Uganda, parece iminente agora o termo da carreira de um outro ditador sanguinário e ridículo do continente africano: o «Imperador» Bokassa I, do «Império» Centro Africano. Protegido pelos franceses, Bokassa encheu o mundo de estupefacção quando se fez coroar Imperador e ressuscitou em forma caricatural as pompas napoleónicas num país, onde campeia a miséria. Agora a «Aministia Internacional» acusou-o de ter matado cem crianças. Primeiro o «Imperador» desmentiu. Mas, depois, admitiu que a acusação era parcialmente verdadeira. Só que os mortos «já não eram crianças» pois «tinham mais de 14 anos». Mas a confirmação cabal do massacre seria dada pelo embaixador centro-africano em Paris, general Sylvestre Bangui, o qual comunicou o que sabia à imprensa, demitindo-se a seguir. As revelações do embaixador causaram enorme escândalo e levaram o governo francês a suspender o auxílio militar a Bokassa, enquanto uma comissão de inquérito não tornar públicos os resultados das investigações. Em cima: o embaixador Sylvestre Bangui, no momento em que denunciava os massacres e anunciava a criação de uma Frente Nacional de Libertação para o seu país. Em baixo: O «Imperador» Bokassa com alguns dos seus trinta filhos. Repare-se que nas T-shirts, figuram as imagens de Bokassa e do seu grande protector, Ciscard D'Estaing.



Denúncia de um massacre



Guerrilhas anti-Cabul

Uma aventura ocorrida com agentes de narcóticos paquistaneses revelou a «conexão chinesa» com a agitação que reina entre elementos muçulmanos no Afeganistão.

Um dia, quando faziam investigações de rotina procurando eventuais contrabandistas de droga, agentes paquistaneses descobriram alguns chineses, nas regiões fronteiriças com a China. Convencidos de que tinham deitado a mão a agentes do mundo da droga de Hong-Kong, os polícias paquistaneses prenderam os chineses e pediram ordens para o governo central. A resposta não tardou: libertação imediata dos chine-

ses, que nada tinham a ver com a droga e que deviam ser autorizados a circular livremente. Mais tarde veio-se a saber que os chineses tinham sido enviados por Pequim para o Paquistão, a fim de treinarem rebeldes muçulmanos contra o governo do Afeganistão.

Segundo revela a revista «The Economist», esta descoberta veio pôr a nu um facto que o governo paquistanês tem vindo a desmentir veementemente — o seu auxílio (directo ou indirecto) aos inimigos do regime de Cabul.

A interpretação que se dá a esta complicidade sino-paquistanesa é a de que o regime do general Zia terá em paga destes «serviços» fei-

tos a Pequim o auxílio chinês para fabricar a «primeira bomba atómica do mundo muçulmano».

Outro aspecto muito curioso desta «conexão chinesa» prende-se aos meios de financiamento a que a guerrilha muçulmana recorre: a droga. Segundo tudo indica, os grandes agrários do Afeganistão estão a introduzir no Paquistão as suas colheitas de papoila, e a fazer um florescente negócio de droga com o qual se abastecem de armas na cidade de Dakra. Segundo «The Economist», nesse entreposto comercial tudo se compra desde que o dinheiro esteja à vista: espingardas, metralhadoras, explosivos e até canhões.

O BRASIL DE HOJE — 4

Por que vive a Nação?

■ Felipe Alencastro*

O Estado brasileiro atingiu a maturidade mas o Brasil atrofia-se. Ao longo da história do país teceram-se relações complexas entre a sociedade e o aparelho de Estado. No século XIX o poder central mantinha unidas regiões muito diversas.

O Estado repousava então no bom entendimento entre diferentes oligarquias regionais, interessadas em dispor de um negociador capaz de concluir acordos comerciais com as nações consumidoras de produtos agrícolas brasileiros, e encaminhar para as plantações os escravos africanos, e, mais tarde os proletários europeus e asiáticos.

A «intelligentia», consciente da inércia dos poderes locais, procurava entretanto utilizar o Estado como instrumento de modernização da sociedade. A fragmentação da pressão popular engendrava um vazio político que favorecia o aparecimento dos defensores da modernização autoritária no seio do aparelho de Estado.

Depois da crise de 1930, a industrialização tornou-se o grande objectivo nacional, o projecto que unifica o exército, a burocracia e os intelectuais. A corrente nacional amplifica este projecto.

Os Negros são aceites como parte integrante da sociedade. O conjunto da população é «brasili-nizada». Mas uma clivagem muito nítida separa as noções de «nacionalidade» e de «cidadania». As mulheres alfabetizadas terão direito de voto em 1933. Mas os iletrados, homens e mulheres, negros e brancos, são, até hoje, excluídos das eleições.

Até 1955, o Estado utiliza as divisas fornecidas pelas exportações agrícolas para assegurar o desen-

volvimento das indústrias nacionais. Depois dessa data as multinacionais começam a instalar as suas filiais no Brasil, beneficiando de uma situação de monopólio em certos sectores.

A intervenção do Estado toma uma nova dimensão após o golpe de Estado de 1964. As empresas públicas alargam as suas actividades, e em certos casos, sob a forma de «joint-ventures», associam-se às multinacionais. Essa situação fez rebentar a frente política composta que, desde 1930 lutava pela industrialização do país.

Com efeito, o alargamento do papel do Estado foi tornado possível graças à criação de mecanismos de poupança forçada, penalizando a massa dos assalariados, e, graças à extensão da competência fiscal do Estado federal, em detrimento dos Estados federados e das comunas. Este processo acentua fortemente as desigualdades sociais e as diferenças regionais corroendo assim o tecido nacional brasileiro.

O regime militar que há quinze anos se mantém, não difere radicalmente dos sistemas que o país conheceu anteriormente. A falar verdade é o período constitucional entre 1946 e 1964 que surge como excepção na história recente do Brasil. A tendência para o autoritarismo das classes dominantes inscreve-se num movimento de longa duração que nunca diminuiu seriamente. É certo que a paisagem política se modificou consideravelmente nestes últimos anos. O aparecimento de um movimento sindical independente em São Paulo apaga um dos traços da «miséria histórica brasileira». A intransigência governamental poderia levar este movimento a amplificar a sua acção; seria então criada na evolução democrática do país uma situação de não regresso.

Mas não é de pôr de parte a hipótese de que a médio prazo uma parte da aristocracia operária seja atraída pelo regime, à custa da massa dos trabalhadores.

As liberdades cívicas conquistadas no centro-sul poderiam coexistir com uma repressão maior nas zonas rurais e no resto do país. Se o Governo conseguisse acentuar tal fenómeno, ficaria decerto reforçado.

As consequências imprevisíveis de uma série de explosões sociais escurecem o horizonte político. Quase 8 milhões de trabalhadores rurais, completamente pobres, encontram-se amontoados ao longo das diferentes frentes agrícolas. Paralelamente, os pequenos cultivadores são empurrados para as cidades. É na periferia dos grandes centros urbanos que se joga o último acto deste drama surdo e doloroso: as famílias pobres abandonam os filhos. Há, no Brasil, quase 13 milhões de crianças a quem não são dados os cuidados mais elementares. Um terço da população de menos de dezasseis anos.

Este fenómeno não é transitório porque estes deserdados não se tornam proletários: essa mutação social não se inscreve, evidentemente, na forma de industrialização actualmente em curso nos países periféricos do Terceiro Mundo. Estas crianças vão pois continuar a crescer num meio ambiente em que o roubo constitui o seu único meio de sobreviver. No imediato, a única «resposta» constitucional previsível para tal situação, é um aumento da repressão. Uma tal tragédia não compromete somente o futuro destes milhões de brasileiros. Ela hipoteca o destino do país inteiro. ●

(*) Assistente associado de civilização brasileira na universidade de Rouen.

FOTO

EXCLUSIVO

Chama-se Yvonne Choquet-Bruhat e o seu nome ficará na história de França por ter sido a primeira mulher a ser admitida na Academia Francesa das Ciências. Física de certo renome, filha do célebre físico Georges Bruhat, Yvonne conseguiu aquilo que Marie Curie não obteve: a entrada nessa Academia até hoje ciosamente reservada aos homens. Há vários anos que Yvonne era sócia correspondente da Academia,



mas só há dias se tornou sócia de pleno direito. (Foto Keystone).



Um pintor espanhol, de sua graça Juan Ramirez, discípulo de Salvador Dali, e já célebre pelos seus meios desacomodados de pintar as telas (um florete e gema de ovo) decidiu homenagear Leonardo da Vinci, pintando um retrato do pintor renascentista, para o integrar na Exposição Da Vinci, que foi inaugurada numa galeria parisiense. Na foto da Keystone: o pintor Ramirez, a sua obra, e o seu ar inconfundível.



A rainha Isabel II da Inglaterra visitou oficialmente a Dinamarca, onde outra rainha a recebeu: Margarida I. Na foto: as duas rainhas, acompanhadas dos maridos, saúdam a multidão que as aclama, em frente do castelo de Amalienborg, em Copenhague.

AFRICA AUSTRAL

Federação racista em movimento

Segundo informações de agências noticiosas, David Smith, vice-primeiro-ministro racista rodesiano, efectuou recentemente uma visita à África do Sul. Não valeria a pena deter a atenção nesta viagem (todos sabemos que os encontros entre os racistas rodesianos e sul-africanos são um fenómeno vulgar), se não fosse a circunstância de ao intervir num banquete na cidade do Cabo, o homólogo do ministro rodesiano ter insinuado que a África do Sul e a Rodésia poderiam dar corpo à ideia de criar uma federação na África Austral, federação em que os actuais governantes rodesianos e sul-africanos iriam desempenhar o papel principal.

Para essa federação, os racistas procuram aliciar os seus fantoches africanos de Salisbúria e Windhoek, assim como certos dirigentes «leais» dos países da África Central. Segundo declaração de D. Smith, trata-se do estabelecimento de uma «aliança económica e política entre a África Central e Austral». Em resultado do «diálogo político confidencial», a Rodésia — segundo afirmações de D. Smith — já recebeu algumas garantias de que o governo fantoche, que se formar após as recentes «eleições», «ganhará o reconhecimento de certos Estados africanos». Em África, prosseguiu — estão em

curso contactos diplomáticos com perspectivas favoráveis para o reconhecimento do Zimbabwe-Rodésia. Os laços comerciais existentes levarão aos contactos políticos mais estreitos».

A declaração acima referida de D. Smith faz um eco bastante eloquente a declarações análogas do bispo Abel Muzorewa (candidato a «leader» no governo fantoche rodesiano). Ao intervir antes das eleições, o bispo sublinhou que no domínio da economia externa ele seguiria uma «linha económica pragmática, mantendo assim estreitos contactos com a RSA» e acrescentou que defende a ideia da criação, na parte sul do continente africano, de um bloco político-económico fechado.

Não restam dúvidas de que por detrás dos planos de criação de uma federação racista na parte sul do continente africano se encontram as multinacionais e as forças políticas influentes do Ocidente que procuram evitar o desmoronamento dos bastiões racistas — fiéis defensores dos interesses monopolistas do imperialismo internacional.

Revelando certos planos dos círculos monopolistas dos EUA e de outros países do Ocidente, o «Rand Daily Mail» de Joanesburgo escreveu que as potências da NATO procuram, desde há três

anos, as vias para o alargamento da infiltração económica na Rodésia e Namíbia. Não se trata de simples investimentos de capital, mas sim de expansão económica empreendida com o designio de atrair ainda mais a economia da Rodésia e Namíbia à África do Sul, e consequentemente, aos círculos imperialistas, quando estes dois territórios vierem a adquirir a independência.

Com este mesmo objectivo foram procurados os elementos — seguros do ponto de vista dos monopolistas — entre os africanos locais, que salvaguardassem os interesses das multinacionais na Rodésia e na Namíbia. Sabe-se ainda que companhias multinacionais como a «Lonrho» ou «Anglo-American Corporation» há já muito que começaram a namorar intensamente os políticos africanos «moderados».

Por outras palavras, aquelas corporações multinacionais que ao longo de muitos anos envidaram todos os seus esforços para anular as sanções internacionais contra os racistas, fazem todo o possível para assegurar sólidas posições económicas e políticas na Rodésia e Namíbia. Deste modo, as multinacionais procuram lançar a base económica da política neocolonialista dos EUA e de outros países ocidentais na África Austral. ●



Numa conferência de imprensa, depois do triunfo de 13 de Março, vêem-se ao centro Maurice Bishop, novo primeiro-ministro, à esquerda, Unison Whiteman e à direita Bernard Coard, todos membros da comissão política do Movimento Nueva Joya (NJM)

Jorge Luna

PRENSA LATINA

SAUBT GEORGES, GRENADA

A revolução de Março, chefiada por Maurice Bishop, na ilha caraíba de Grenada, converteu-se em mais um atractivo para milhares de turistas europeus e norte-americanos, veraneantes habituais deste território de 300 quilómetros quadrados.

Para o povo grenadense, que ultrapassa os cem mil habitantes, o derrube do regime de Eric Gairy, que manteve um poder repressivo durante quinze anos, constituiu motivo para celebrar «Um novo amanhecer».

Os grenadenses e os turistas presenciaram, em conjunto, no dia 13 de Março último, uma das revoluções mais surpreendentes, rápidas e pacíficas que já se viu. Todos se sentiram dominados pela excitação do momento. Ninguém chorou pelo ditador deposto.

O rosto do jovem advogado e actual Primeiro-Ministro do Governo Revolucionário Provisório de Grenada reflectia a tensão dos primeiros dias, mas simultaneamente mostrava a energia do revolucionário e patriota triunfante.

Em declarações exclusivas para a Prensa Latina, Bishop, cujo pai tinha sido assassinado pelo regime deposto e que sofreu na própria carne a prisão e torturas, manifestou a sua confiança e optimismo no futuro do país.

«OS MONGOOSE»

Declarou que o derrube de Gairy, amigo dos piores regimes do mundo, foi essencialmente pacífico, embora o povo tivesse de utilizar as armas para se defender do terrível agrupamento conhecido por «Mongoose» e do exército chamado «La Bestia Verde».

«Mongoose» (mangosta) é um roedor carnívoro conhecido em todo o mundo como um dos animais mais velozes e capaz de matar e devorar as serpentes mais perigosas.

Depois de destacar a coragem do povo grenadense, o seu apoio e participação massivos na Revolução, Bishop chamou a atenção para o facto de que o pequeno país

caraíba poderia ser vítima de uma agressão externa, dado que Gairy ainda conta com o apoio de certos Governos.

Disse que o «Exército Revolucionário do Povo» (ERP) terá de continuar a desempenhar um papel cada vez mais importante e permanente na defesa e desenvolvimento do país.

Bishop frisou que estava a tomar medidas no sentido de pedir a extradição de Gairy dos Estados Unidos a fim de ser julgado em S. Georges por assassinio, tentativa de assassinio, fraude, corrupção e violação dos direitos do povo.

Por não existir um acordo bilateral de extradição com os Estados Unidos, o jovem dirigente manifestou a sua intenção de trocar Gairy por vários chefes da Máfia residentes em Grenada e que são procurados pelo Departamento Federal de Investigações (FBI).

CAVALEIRO DE TOLEDO

Eric Gairy, que gostava de ostentar condecorações e exibir títulos nobiliárquicos, governava o país, independente da Grã-Bretanha desde 1974, apoiado por um grupo de rufiões do bando «Mongoose». Contava ainda com o apoio de determinados regimes, como o de Augusto Pinochet, do Chile.

«Sir Eric» e Pinochet, cujos países estavam isolados internacionalmente devido à sua própria política antipopular, estreitaram nos últimos anos a sua amizade e colaboração, especialmente no que se refere a armamento e preparação militar e policial.

O Governo de Gairy gozava também da amizade de regimes como os da África do Sul, Rodésia, Haiti, Coreia do Sul e Uganda.

Porém, talvez mais notório para os turistas e por certo também para os grenadenses, era o apoio incondicional que Gairy tinha da parte dos chefes da Máfia, com sede nos Estados Unidos.

Estes, juntamente com os colaboradores mais próximos de Gairy, eram os proprietários dos casinos de jogos, dos grandes hotéis, dos cabarés e dos principais restaurantes de Grenada, a chamada ilha «das espécies», que quiseram converter no seu refúgio eterno.

Além da brutalidade dos «mangostas», a corrupção do regime e a generalizada crise económica do país, o povo grenadense sofria uma asfixiante falta de democra-

cia, em virtude de todas as eleições serem fraudulentas e os seus direitos fundamentais serem cada vez menores.

Como se tudo isto não bastasse, acontece ainda que Gairy era também religioso, místico, praticante de yoga, vodu «medium» tendo tentado levar a debate nas Nações Unidas as suas estranhas teorias sobre «objectos voadores não identificados».

As excentricidades de Gairy transcendem o caraíba de língua inglesa, especialmente a sua declaração de que «Deus o declarou governante de Grenada».



O primeiro ponto atacado pelos revolucionários foi o quartel «True Blue», nos arredores de St. Georges. Os seus restos incendiados vêem-se na foto.

Entre os títulos reais que ostenta contam-se:

«Canciller Privy», «Caballero Bachiller», «Caballero Gran Cruz de la Orden de Jerusalén», «Gran Cruz de San Denis» e «Caballero de la Orden Militar Soberana de San Juan de Jerusalén e Malta».

Um dos títulos que faltava enumerar é o que um comerciante norte-americano lhe atribuiu por engano («Cavaleiro de Toledo»).

PLANO DE LIQUIDIAÇÃO

Este governante, que vivia sozinho em várias mansões, pretendia

REVOLUÇÃO EM GRENADA

Um amanhecer nas Caraíbas

justificar todas as suas acções contra a oposição e contra o povo com o pretexto do «anticomunismo», o que o levava a acusar os dirigentes progressistas de estar tramando «complots» contra o seu Governo.

Nas últimas semanas antes do 13 de Março, Gairy parecia estar decidido a reprimir e prender os dirigentes da oposição parlamentar, que era encabeçada por Bishop, além de ter elaborado um plano sinistro para «liquidação» destes.

«À terça-feira, dia 13, não te cases nem te arrisques», teria pensado o supersticioso Primeiro-Ministro Gairy ao chegar nessa data ao Aeroporto «John F. Kennedy» de Nova Iorque ao tomar conhecimento da sublevação popular no seu país, donde tinha saído na segunda-feira anterior.

Segundo foi possível confirmar-se aqui, logo a seguir ao triunfo, Gairy tinha dado instruções aos «mangostas» para que prendessem e assassinassem os dirigentes opositores, especialmente os do Movimento de Nueva Joya (NJM) de Bishop.

Noutras ocasiões, também Gairy tinha ordenado acções repressivas nas vésperas das suas frequentes

para denunciar irregularidades na lista eleitoral dos últimos comícios.

Programavam actos para mais treze localidades. A reunião política foi interrompida por uma chamada telefónica, segundo Bernard Coard, considerado o segundo homem do Governo Revolucionário, que explicou que efectivos do Exército estavam invadindo as suas casas «à procura de armas».

Nesse momento, disse, decidimos que teríamos de passar à clandestinidade e actuar revolucionariamente contra o regime, em defesa própria. Ou actuávamos ou nos matavam.

Outros companheiros distribuíram os nossos veículos por diversos locais da capital, enquanto nós éramos alojados em casas de famílias simpatisantes. Apesar disto, na segunda-feira seguinte efectuaram-se quase todos os actos programados. Foi detido o companheiro Vincent Noel, dirigente sindical e membro do executivo do NJM, continuou Coard.

Um carcereiro disse-lhe ao detê-lo que deveria tentar por todos meios escapar-se do cárcere antes da meia-noite (segunda-feira para terça-feira). De contrário morreria, informou Coard à Prensa Latina.

visitas ao estrangeiro. Desta vez, porém, teria de converter essa visita aos Estados Unidos num longo exílio.

Nesta terça-feira, no entanto, os revolucionários estavam de sobrevivo.

OS REVOLUCIONÁRIOS

Alguns patriotas incorporados nas fileiras do regime tinham-nos avisado do plano de «liquidação». O aviso não chegou aos ouvidos de Bishop até domingo dia 11 ao meio-dia, quando discutia com os dirigentes do NJM a coordenação de uma série de actos em massa

OS BARBUDOS

Hudson Austin, actual comandante-chefe do Exército Revolucionário do Povo (ERP), disse que o assalto aos quartéis só demorou trinta minutos, mas a planificação prévia tinha de ser precisa.

1 anhecer aíbas

O popular jovem Austin, de configuração forte, costumava usar barba, tal como Bishop, Coard e outros revolucionários granadenses; porém nesse dia teria de deslocar-se precisamente entre os efectivos inimigos, pelo que teve de barbear-se.

Num acto de massas para comemorar a primeira semana do triunfo, o novo chefe militar comentou o facto de muitos não o terem reconhecido sem barba, o que lhe permitiu coordenar melhor as acções do amanhecer de terça-feira.

Armados e uniformizados, os jovens rapazes e raparigas das então «Forças Armadas Revolucionárias» (actualmente ERP) dividiram-se em dois grupos: um atacou o quartel-general do exército, o de «True Blue», e o outro ocupou a única estação de rádio de Granada.

No «True Blue», que protege também as residências governamentais, houve combate e convocação ameaçadora à rendição por parte dos assaltantes. Um militar morreu quando opunha resistência. Todos os outros entregaram as armas e içaram as bandeiras brancas.

O outro grupo, que se identificava com braçadeiras vermelhas e brancas passou a dirigir a estação emissora de rádio, que foi tomada sem necessidade de dispararem as suas armas. Foi aí instalado o comando revolucionário, que a passou a chamar de «Rádio Granada Livre».

Os ministros e colaboradores de Gairy, incluindo o vice-primeiro-ministro Herbert Preuhdome e os chefes da Polícia e do Exército foram detidos enquanto dormiam. Não ofereceram resistência. Alguns inclusivamente utilizaram a rádio para apelar aos efectivos que evitassem qualquer forma de resistência.

Os jovens com uniformes indiferenciados e armas começaram a controlar St. Georges e outros pontos do país, incluindo o Aeroporto de «Pearls».

Na Rua

Nas primeiras horas da manhã, enquanto a rádio exortava a população a sair para a rua a fim de destruir qualquer foco de resistência inimiga, os postos da polícia no interior do país, que não tinham informação integral do levantamento, ofereciam resistência. Porém a superioridade numérica dos revolucionários impôs-lhes uma rápida derrota.

Segundo habitantes dos arredores da capital, o povo não podia acreditar que efectivamente Gairy pudesse ter sido derrubado. Só tinha conhecimento dos novos governantes através da voz do «Comandante», mais tarde identificado como Bishop.

A medida que o sol das Caraíbas se levantava, o povo também abandonou a passividade em que se encontrava para passar à acção; no fim do dia já havia milhares de granadenses nas ruas reclamando armas e uma tarefa para

executur, explicou um jornalista local.

Esta é uma revolução do povo. Sem o povo esta revolução não teria triunfado, insistiu Bernard Coard. Primeiramente tínhamos calculado que o povo lutaria e em segundo lugar que a polícia, o exército e os colaboradores de Gairy não o fariam. Porém só acertámos nos cálculos que fizemos em relação à participação do povo.

Em todos os edifícios do país ondulavam bandeiras vermelhas e brancas da revolução, juntamente com os panos brancos da rendição. O triunfo foi consolidado ao meio-dia.

O comando revolucionário apelou ao povo para que consolidasse as conquistas e ao ERP que controlasse os pontos nevralgicos do país.

Armas de Pinochet

Num assalto a um quartel, as Forças Armadas Revolucionárias encontraram grandes caixas com inúmeras armas automáticas e munições provenientes do Chile, disfarçadas sob um letreiro de «equipamento médico».

A relação entre Gairy e Pinochet não era novidade para os granadenses, nem mesmo a ameaça de penetração fascista nas Caraíbas para os governos da Comunidade das Caraíbas (CARICOM).

Em 1976, durante uma reunião em Santiago do Chile da Organização dos Estados Americanos (OEA), Gairy defendeu o regime chileno, o que Pinochet agradeceu enviando-lhe o barco de torturas «Esmeralda» para Granada.

Ambos os regimes tentavam romper o seu isolamento internacional, provocado pela constante violação dos direitos do povo, tanto no Chile como em Granada.

Em 1977 um avião da Força Aérea do Chile (FACH) aterrou em Granada, tendo desembarcado quinze militares chilenos e descarregado dez caixas grandes de «equipamentos médicos».

O segundo e terceiro homens do exército de Gairy foram enviados um ano para o Chile para efectuar cursos de comando. Mais tarde, à medida que eram aprofundadas as relações entre os dois países, mais vinte soldados e polícias granadenses efectuaram o mesmo curso.

Nas últimas semanas Gairy tinha solicitado aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha, assim como a outros regimes, armamento e equipamento para reprimir o povo.

Mercenários

Numa das suas primeiras conferências de Imprensa, o primeiro-ministro, Bishop revelou uma lista de modernos armamentos que o então chefe do exército, comandante Masanto, tinha solicitado aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha. O extraordinário pedido, especialmente se se tomar em consideração que Granada não estava em

guerra, incluía milhares de espingardas automáticas, granadas e dois milhões de projecteis, o equivalente a cerca de vinte balas por cada granadense.

Após o dia 13, embora já estivesse assegurado o triunfo da rebelião, existia ainda a ameaça real de que Gairy, refugiado nos Estados Unidos, preparasse uma invasão armada da ilha, para o que poderia por certo contar com os seus amigos do Chile, da Mafia e até de mercenários.

Ofensiva diplomática

Bishop, no entanto já tinha obtido um triunfo também no plano internacional, ao conseguir o imediato reconhecimento, primeiro dos vizinhos da CARICOM, Guiana, Jamaica, Barbados e Trinidad-Tobago e em seguida de países com interesses e influência na região, como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá.

O reconhecimento diplomático do novo governo permitiu na realidade ao povo granadense preservar difíceis batalhas para evitar cair em armadilhas e manobras constitucionais, preparadas por Gairy e

granadenses poderão então dedicar-se ao desenvolvimento dos seus programas, concebidos no sentido de beneficiar um povo altamente explorado.

No decurso do concorrido acto do aniversário, concentraram-se mais de vinte mil pessoas em Saint Georges, número sem precedentes no país. Na Ilha de Carracou (que juntamente com Petit Martinique e outras pequenas ilhas das «Granadinas» constituem o território de Granada) teve lugar um acto simultâneo e também massivo.

O Movimento de Nueva Joya (NJM) divulgou há alguns anos um manifesto em que apresentava os seus objectivos principais e que actualmente adquire uma importância vital, dado que o Governo Revolucionário Provisório é também formado por representantes de outras forças além do NJM.

O Movimento procura alcançar «uma nova vida e uma nova sociedade» para os granadenses, concentrando-se no relançamento da economia nacional, no incentivo à agricultura, na reorganização dos serviços sociais e saúde, assim como na execução de formas mais democráticas de expressão do povo.

De imediato, o governo de Bis-

rante o levantamento de 13 de Março, este falou ao país sugerindo ao povo que respeitasse o novo governo de Bishop. Bishop tem respeitado pelo seu lado estas tradições e não considera que isto torne menos revolucionário o seu governo, segundo disse a um correspondente britânico.

A formosa ilha, que tem três vulcões extintos, cujas crateras formam actualmente Bellos Lagos, é muito acidentada para a agricultura. Em duas ocasiões as colheitas foram arruinadas por furacões. No entanto nos últimos anos a agricultura tem aumentado a sua importância nacional.

A pesca (não existem quantidades de minerais para comercialização) é reduzida. Outros granadenses trabalham nos cais, numa fábrica de açúcar e várias refinarias de rum, assim como numa fábrica de extracção de óleo de coco.

Sorrisos e cortesia

Os milhares de turistas que têm encontrado nesta ilha um refúgio tropical ideal, constituíram uma preocupação prioritária do Governo Revolucionário Provisório, que anunciou eleições livres no futuro, garantindo o seu bem-estar e



Objectos de bruxaria e religiosos ocupavam o quarto de Gairy, na sua residência de Mount Royal, nos arredores de St. Georges.

seus aliados.

Bishop lançou uma ofensiva diplomática: o advogado Kenrick Radix, que dias antes tinha sido impedido de entrar em Antígua, onde ia defender um grupo de presos políticos, dirigiu-se às Nações Unidas, ocupou a Missão Granadense e começou a dialogar com representantes da Comunidade Internacional.

Outro dirigente, George Louison, viajou para os Barbados para uma Reunião de Chanceleres de Países Membros da CARICOM, que analisavam a situação em Granada. Unison Whiteman e Selwyn Stracham tiveram na Guiana uma entrevista com o primeiro-ministro Forbes Burnham.

Maurice Bishop reafirmou à Prensa Latina que Granada participará activamente no movimento de integração regional (CARICOM) e manterá relações diplomáticas com a maioria dos países.

Também frisou que no futuro desenvolverá relações diplomáticas com outras nações, tendo frisado que a sua política externa assentará nos princípios de respeito mútuo, na não-intervenção e na solidariedade com os povos oprimidos do mundo.

Programa NJM

Após conseguir estes objectivos, Bishop e os outros dirigentes

hop decidiu fazer o inventário do estado da economia herdada de Gairy para, a partir daí, lançar-se na sua recuperação. Logo nos primeiros discursos, o novo governo apelou ao povo para que trabalhasse mais, produzisse mais e fizesse sacrifícios em benefício das futuras gerações. Prometeu elevar o nível de vida de todos os granadenses, reduzindo radicalmente o desemprego e resolvendo outros problemas económicos.

História das Antilhas

Granada, como outros territórios das Antilhas, conta com um passado histórico atribulado, que a fizeram passar das mãos dos espanhóis, de quem herdaram o nome, para as mãos dos britânicos, no século XVIII. No decurso deste processo foram quase exterminados os índios das Caraíbas, habitantes indígenas.

Granada que produz principalmente bananas, cacau, noz moscada, cocos, açúcar e citrinos, passou a ser colónia britânica e consequentemente «Estado da Comunidade Britânica» até 1974, data da sua independência, embora até hoje mantenha formalmente a Rainha de Inglaterra como Chefe de Estado.

O representante da Rainha, o governador-geral, cumpre um papel cada vez mais formal. Du-

segurança.

Dezenas de luxuosos iates entram e saem constantemente da baía, juntamente com grandes transatlânticos que continuam a chegar ininterruptamente a Granada.

Alguns dos numerosos correspondentes estrangeiros que visitaram Granada para observar os acontecimentos de Março classificaram estes como «A Revolução dos Sorrisos» ou «da Cortesia», referindo-se ao seu carácter pacífico e benévolo.

Os turistas, enquanto repousavam nas brancas praias em frente dos enormes hotéis internacionais, mostravam a sua curiosidade e até simpatia perante a presença de jovens combatentes que discretamente patrulhavam as costas.

A tranquilidade tem reinado na ilha desde os primeiros momentos do triunfo, assim como a alegria popular e a confiança do povo num futuro melhor, sem Gairy.

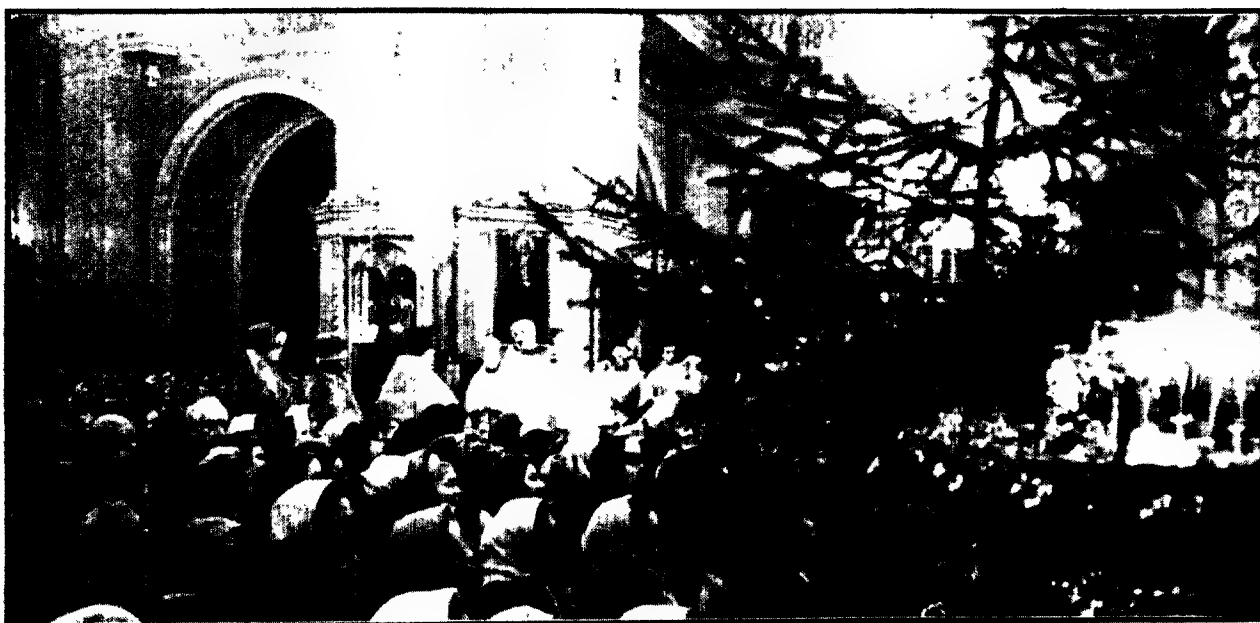
Um jovem sentinela, que tinha participado no 13 de Março no assalto a uma das residências de Gairy, onde foram encontrados altares pseudo-religiosos e outros objectos de bruxaria, disse à Prensa Latina que o povo granadense não se renderá.

«Tudo está tranquilo e o povo está contente», afirmou. «Porém, se houver alguma ameaça, resistiremos, lutaremos, se for necessário, porque isto é nosso. Terminamos com a Mangosta».

Manuel Alberto Valente

ESPECIAL «DL»

O problema da liberdade religiosa é um dos temas preferidos pelos observadores ocidentais quando abordam a controversa questão das liberdades na URSS. Para a maior parte deles, o Estado soviético proibiria de facto a prática de qualquer religião, perseguiria os crentes, adoptaria, com esse fundamento, uma política policial e discriminatória. A minha experiência atesta o não fundamento de tais asserções. Em Zagorsk, um dos centros da Igreja Ortodoxa Russa, a cerca de 70 quilómetros de Moscovo, na Lituânia, onde o catolicismo é a religião preponderante, ou no Uzbequistão, onde a prática muçulmana influencia ainda vivamente o quotidiano de uma cidade como Samarcanda, pude assistir a diversas cerimónias religiosas e constatar a liberdade efectiva dos crentes. Só que — e aí reside o fundamental da questão — o problema religioso não pode ser analisado, no contexto de um regime socialista, sem o devido enquadramento no plano mais vasto das transformações económicas e sociais já realizadas ou em curso.



URSS

O problema da liberdade religiosa

UMA PRÁTICA RESIDUAL

A célebre frase de Marx «A religião é o ópio do povo», inúmeras vezes retomada por Lênine nos seus escritos, constitui a pedra angular de toda a concepção marxista sobre a questão das religiões. Afirmá-lo não significa, porém, que os comunistas queiram destruir pela violência as convicções religiosas de cada cidadão. Ao explicar o mecanismo religioso como compensação histórica para as diferentes explorações sofridas à face da terra — e ao apontá-lo como instrumento complementar dessa mesma exploração — Marx logo deixou perceber que não seriam as prédicas ateístas, e muito menos as proibições estatais a desempenhar o papel fundamental na luta contra a alienação religiosa. Esse papel caberia, em última instância, às próprias transformações económicas do tecido social engendradas pela efectivação do futuro Estado socialista.

Assim, no Programa de Erfurt (1891), os marxistas declararam a religião **um assunto privado**. Tal conclusão viria, porém, a servir de pretexto para ilações oportunistas por parte de diversas correntes do socialismo europeu. Daí que Lênine tenha sentido várias vezes e necessidade de aclarar a posição dos comunistas face à religião, articulando-a num certo número de princípios que continuam hoje a reger, neste domínio, o Estado soviético e a política do seu Partido Comunista.

Quando se afirma que a religião é **um assunto privado** quer-se com isso significar que é um assunto privado **relativamente ao Estado**: a Igreja deve estar separada do Estado, este deve tomar uma posição neutral face ao problema religioso e como questões privadas de cada cidadão, a prática religiosa ou a convicção ateia devem ser **absolutamente livres** e não passíveis de qualquer atitude discriminatória.

Afirmar tais princípios não significa, porém, que os comunistas devam manter-se indiferentes perante o fenómeno religioso. Num texto publicado em 1905, Lênine escreveu: «A religião deve ser declarada um assunto privado: é costume expressar com estas palavras a atitude dos socialistas face à religião. Porém, há que determinar com rigor o significado destas palavras, para que não possam dar origem a qualquer confusão. Reclamamos que a religião seja um assunto privado relativamente ao

Estado, mas não podemos de qualquer modo considerar a religião como um assunto privado relativamente ao nosso próprio partido. (...) A religião não é um assunto privado relativamente ao partido do proletariado socialista. O nosso partido é uma união de lutadores conscientes e avançados pela emancipação da classe operária. Esta união não pode nem deve permanecer indiferente face à inconsciência, à ignorância ou ao obscurantismo sob a forma de crenças religiosas. Exigimos a completa separação entre a Igreja e o Estado para lutar contra a névoa religiosa com uma arma puramente ideológica e apenas ideo-

esquema que deixámos esboçado. Porém, a maioria dos observadores ocidentais, por ignorância dos postulados marxistas ou por manifesta ma-fé, tende a confundir os dois planos em que o problema se articula e a descrever como «perseguição aos crentes» o que é apenas um combate ideológico coerente com as premissas socialistas e dirigido contra cidadãos que, apesar disso, são livres de professarem a religião que quiserem. Vimo-lo com os nossos próprios olhos nas catedrais ortodoxas de Zagorsk, nas igrejas católicas de Vilnius, nos templos muçulmanos de Samarcanda; afirmaram-no, espantados com a

Quantos são é difícil dizê-lo, uma vez que nenhum documento oficial ou boletim estatístico contém perguntas respeitantes às convicções e crenças de cada um. Certo é, porém, que, sessenta anos depois da Revolução de Outubro, as grandiosas modificações operadas no país, o progresso geral que aí se verifica, o alto grau de escolaridade e de cultura da esmagadora maioria dos cidadãos, a segurança social de que desfrutam e a abolição de qualquer forma de exploração do homem pelo homem, transformaram em realidade as previsões formuladas por Marx há cem anos atrás: eliminada a raiz económica do fenómeno religioso, este transforma-se numa prática residual cada vez menos significativa e que toca quase exclusivamente as camadas mais idosas da população.

ORTODOXOS, MUÇULMANOS E CATÓLICOS

Setenta quilómetros ao norte de Moscovo, a cidade de Zagorsk está indissolavelmente ligada à história do Estado russo e à sua vida cultural e artística. Em meados do século XIV, foi aí construído o Mosteiro «Troitsé-Serguievskaya», verdadeira fortaleza que por diversas vezes resistiu ao assalto de invasores estrangeiros. A partir de então, diversos templos de impressionante beleza vieram completar o conjunto arquitectónico que hoje se nos oferece, nomeadamente a Catedral da Trindade (séc. XV), com os ícones de Andrei Rublev e da sua escola, e a Catedral da Assunção, com cinco cúpulas douradas mandada construir em 1559-1585 por Ivan o «Terrível».

Actualmente, funciona no mosteiro um Seminário da Igreja Ortodoxa Russa. Estivemos em Zagorsk numa tarde de sábado e tivemos ocasião de assistir, na última das catedrais citadas, a uma cerimónia litúrgica. O templo encontrava-se repleto. Na esmagadora maioria dos casos tratava-se de mulheres muito idosas (e o **muito** não é aqui mera figura de retórica), cujo aspecto denunciava uma origem e uma vivência camponesas. Ao contemplá-las — seres irreais num mundo que avançara já várias décadas em frente —, ao ver os seus corpos franzinos cobertos com antigas roupagens e apoiados por vezes a toscos cajados de madeira, o lenço branco envolvendo toda a cabeça, os olhos reluzindo com súbitos fulgores de um misticismo brando, era impossível não

recordar a grande literatura do século XIX, as personagens de Tolstoi, os contornos esfumados daquilo a que é uso chamar-se a «velha alma russa».

Sentadas pelo parque, à espera da hora do culto, formando grupos à porta dos templos, entoando cânticos antigos numa melopeia irreal, benzendo-se constantemente com o gesto largo e a respeitosa inclinação frontal da tradição ortodoxa — quem eram estas velhas mulheres soviéticas, nascidas quase todas no período czarista, testemunhas ainda vivas da Revolução e da Guerra Civil, quem sabe se activas defensoras da pátria durante a luta contra o invasor nazi?

«Chamo-me Pellagia e vou rezar por si», disse-me uma, na surdina de uma voz quase inaudível. Pellagia... Um nome antigo, como a mãe do romance de Gorki. Quantas delas terão tomado consciência do caminho percorrido pelos filhos?

Mergulhado no cheiro de velas e incenso, embalado pelos cânticos que se elevam, profundos e solenes, daqueles lábios ressequidos pelo tempo, contemplei as imagens preciosas de Rublev, para lá do deambular dos popes, certo de que será a arte a dar-me uma resposta. E de repente compreendo que tudo isto pertence ao passado, que tenho pela frente uma admirável reconstituição histórica, que Pellagia é um desses rostos dos séculos XIV ou XV que Rublev aproveitou para a humana transcendência dos seus frescos.

Mas onde estão os filhos? Os netos? Os bisnetos? Encontrei-os nas fábricas ou nos campos dos kolchozes, vi-os, garbosos, nas cabanas de supereónicos modernos, conversámos, iguais, nas tendas de um destacamento estudantil de construção.

Molho as faces com a água santa de Zagorsk, como fazem, respeitosamente, todos os que, comunistas e ateus, visitam estes templos de uma religião, que lentamente se apaga. Lá atrás, talvez Pellagia reze (livremente) por mim.

Tal como em Zagorsk, também em Samarcanda, no Uzbequistão, são pessoas idosas os fiéis muçulmanos que encontro pelos templos. Sobretudo homens. Pouco depois de descer no aeroporto, e ao dirigir-me de táxi para o centro da cidade, cruço-me com um interminável cortejo de velhos veneráveis, nos seus típicos trajes orientais. Ao que me informam, hoje é dia de festa litúrgica. Vindos de todos os cantos do país, atravessaram de camioneta o braseiro



lógica, com a nossa imprensa e a nossa palavra».

Ou seja, se o Estado socialista, enquanto Estado, tem o dever de respeitar as convicções religiosas de cada cidadão e de manter uma posição neutral e independente face às várias crenças, o Partido Comunista, porque comunista, e sob pena de atraiçoar os postulados fundamentais do seu corpo teórico, deve travar, no plano ideológico, uma luta constante contra a alienação de tipo religioso. Repare-se que sublinhámos **no plano ideológico**: quer isto dizer que se trata aqui de uma luta de ideias, e não da aplicação de medidas coercivas de qualquer tipo.

A realidade soviética dos nossos dias corresponde integralmente ao

pergunta, os crentes com quem conservámos nesses e noutros locais da URSS; declarou-o bem recentemente, em entrevista pública, o Patriarca Pimen, chefe da Igreja Ortodoxa Russa.

A nova Constituição da União Soviética estipula no seu Artigo 62.º: «Aos cidadãos da URSS é garantida a liberdade de consciência, quer dizer, o direito de professarem qualquer religião e de exercerem os cultos religiosos ou de não professarem religião nenhuma e fazerem propaganda ateísta. É proibido excitar a hostilidade e o ódio por motivos das crenças religiosas». É, pois, na realidade deste quadro legal que se inscreve a prática religiosa dos cidadãos crentes da URSS.

Açúcar moçambicano

Com a participação de responsáveis do sector agrónomo das diversas empresas açucareiras de Moçambique encerrou-se recentemente na Manhica, província do Maputo, a Reunião Nacional Preparatória da Campanha de Safrá da Cana de Açúcar, que vinha a decorrer nas instalações da Marra-cuene Agrícola Açucareira (MARAGRA). No decurso dos trabalhos daquele encontro foram estimativas daquela safra, cujo início está previsto para o corrente mês. No conjunto de todas as empresas, as metas perfazem a soma de 250 mil toneladas. A definição das referidas etapas foi feita com base na meta geral definida pelo III Congresso da FRELIMO, que preconiza o alcance de 325 mil toneladas para o ano de 1980.

Existem realmente muitas possibilidades de se alcançar aquela cifra, dado que a fábrica de Marro-

meu irá entrar em funcionamento ainda antes do início da campanha.

Recorde-se que aquela fábrica esteve paralisada durante muito tempo, em consequência de uma manobra de sabotagem perpetrada pela gerência da então empresa privada «Sena Sugar».

Para além da planificação da campanha, a reunião debruçou-se também sobre a uniformização dos métodos de trabalho a nível das açucareiras, bem como sobre a definição de uma estratégia de corte de cana que passa pela selecção e formação dos trabalhadores a serem envolvidos nesta tarefa. Por outro lado, constatou-se que a falta de quadros à altura das exigências da produção, naquele sector, está na base das principais dificuldades que se fizeram sentir a nível de quase todas as empresas açucareiras, durante as safras anteriores. ●



Comunistas da CEE

Perante uma multidão avaliada em 30 mil pessoas, os dirigentes do PCF, Georges Marchais, e do PCI, Enrico Berlinguer, apresentaram num estádio de Marselha (França) o «programa eleitoral» do grupo comunista que tomará assento no Parlamento Europeu. As eleições, que estão a mobilizar centenas de candidatos nos nove países da Europa Ocidental membros da CEE, realizam-se no dia 10 de Junho. (Foto AFP).

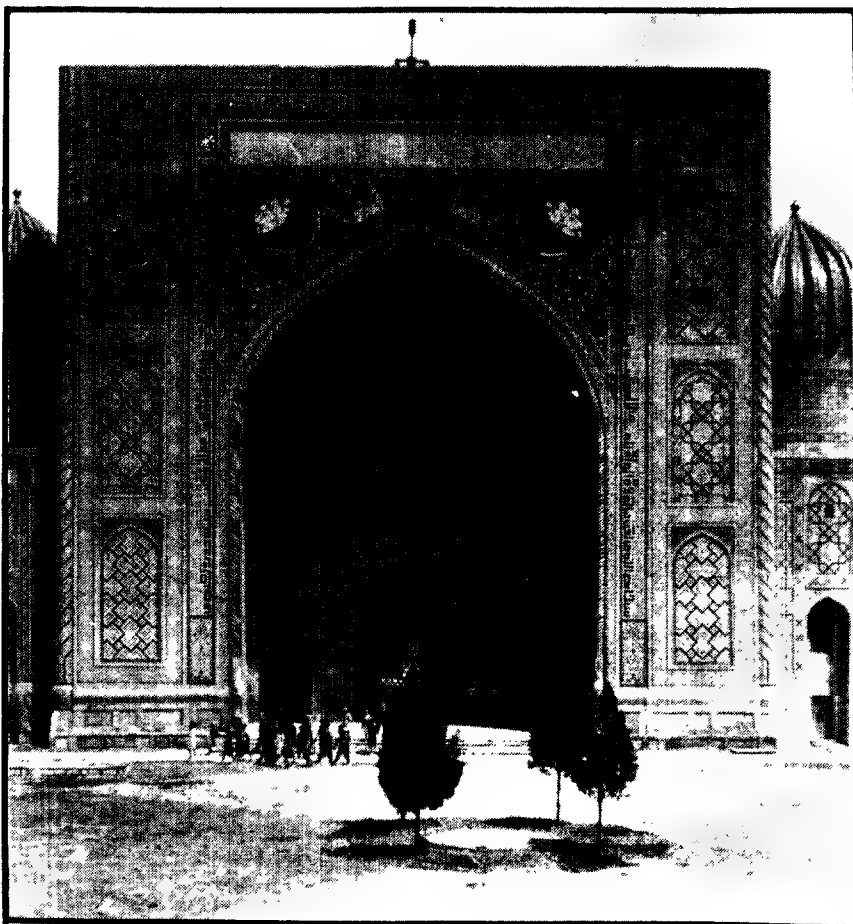
O problema da liberdade religiosa na URSS

do sol para se juntarem no solo sagrado de Samarcanda. São um exército pacífico, desfilando pelas ruas.

Descobrirei mais tarde que este cenário não repete o de Zagorsk, mesmo descontando o exotismo das lonjuras. Se lá, em Zagorsk, a arte de Rublev era o passado-vivo emoldurando as últimas aragens de um vento quase morto, aqui, nesta cidade arrancada às páginas das «Mil e Uma Noites», os tesouros arquitectónicos que o tempo conservou, ou que hábeis mãos depois reconstruíram, fundem-se misteriosamente com o olhar sábio e bondoso destes homens, quando, como agora, saudando

Deus e o Profeta, encostam à terra o rosto envelhecido. E, no entanto, faltam também os filhos, os netos, os bisnetos... Talvez sejam aqueles mesmos que, ao fim da tarde, estendidos em longos estrados, sob a copa acolhedora dos jardins, saboreiam lentamente, em pequenos tijelas de porcelana, o chá verde da sua cultura antiga.

Aqui, no Uzbequistão, a religião imprimiu traços profundos na vida quotidiana do povo. Há 60 anos atrás era a miséria e a fome. Hoje, parceiros iguais numa sociedade



sem crises, já quase todos esqueceram as crenças dos avós, embora delas conservem certos sinais exteriores que o progresso respeita e integra em si. E enquanto os velhos veneráveis se inclinam livremente em direcção a Meca, os outros abrem os braços ao presente e constroem de cabeça erguida o seu futuro.

Também em Vilnius, capital da Lituânia, os crentes se ajoelham livremente diante dos altares católicos. À hora da missa, na Igreja de Santa Teresa (séc. XVII), em pleno centro da cidade, reencontrei o clima habitual de qualquer igreja portuguesa. Mesmo ao lado, sobre a Porta «Medininkai», outrora uma das nove entradas do velho burgo, uma pequena capela abriga a imagem Renascentista de Nossa Senhora da Aurora, famosa em todo o mundo católico.

Ao contrário do que observei em Zagorsk ou Samarcanda, a população crente abrange aqui camadas mais jovens. Precisamente porque o Crenço respeita a liberdade de crença e o partido apenas combate com as armas da ideologia, trinta e sete anos de socialismo (o poder soviético foi restaurado no país em Junho de 1940) não apagaram ainda totalmente os vestígios de um passado em que o Além

compensava a escassez e os sofrimentos do dia a dia.

De regresso ao hotel, encontro pela frente o edifício do Museu de Ateísmo. Quando quero visitá-lo informam-me não ser possível, dado que a guia se encontra de momento ausente. Irónico, um dos meus companheiros de viagem, soviético e comunista, exclama: «Povavelmente foi à missa. Se quiser, esperamos...».

Ao recordar a frase, descubro nela os traços principais com que se desenha a vivência religiosa dos cidadãos crentes da URSS: iguais em direitos à maioria atea e livres de praticarem os seus cultos — os cultos de uma dezena de religiões que o progresso vai tornando inevitavelmente caducas. «Se quiser, esperamos...».

A chuva recomeça ao fim da tarde. Passo ainda pela Igreja de St.^a Ana (séc. XVI), pérola gótica da Lituânia, com a sua imponente e gracil fachada de tijolo. E é então que recordo a frase atribuída a Napoleão quando por cá passou, em 1812, na sua caminhada para a Rússia: «Se a pudesse meter na minha mão fechada, levá-la-ia comigo para Paris». Só que, se as religiões passam, as igrejas ficam — e nunca a arte coube na mão fechada de qualquer aventureiro. ●

Estados Unidos: lucros com o petróleo

■ Deodoro Roca

□ IPS

Enquanto a crise energética se agudiza e a inflação continua a sua ascensão tranquila, as companhias petrolíferas acabam de declarar aumentos fabulosos nos seus lucros do passado trimestre, aumentos que, ao que se espera, ainda serão maiores no presente.

O debate energético que, juntamente com a inflação, alimenta diariamente a úlcera do presidente Jimmy Carter e dos seus assessores, adquiriu matizes muito violentos devido ao projecto de levantamento de controlos à indústria petrolífera, enviado no dia 27 ao Congresso.

O governo atravessa uma fase em que recebe fogo cruzado de ambas as frentes. A oposição republicana por um lado, a ala liberal democrata por outro, e, por último, as companhias petrolíferas, que se felicitam pelo levantamento dos controlos mas aplicaram um im-

posto a esses ganhos exagerados ou uma taxa deduzível por investimento.

Quando o projecto de Carter pouco antes de surgir no Congresso, se tornou público, as grandes companhias gritaram contra o imposto. O seu argumento era que, para melhorar a extracção nacional, tornava-se necessário fazer o negócio ainda mais rentável a fim de facilitar o necessário investimento.

Mas quando chegou a altura de declarar os lucros, o argumento ruiu: a Continental Oil aumentou os seus lucros em 343 por cento no período entre Janeiro e Março, no que dizia respeito ao anterior trimestre; a Standard Oil of Ohio, em 302 por cento; a Mobil Oil, em 81 por cento; a Gulf Oil em 61; a Standard Oil of California, em 42,8; a Exxon, em 37.

Entretanto, a gasolina

aproxima-se do dólar por galão, uma meta pouco previsível.

O facto de o incremento menor nos gigantes petrolíferos deve-se ao facto das companhias locais terem estruturas menos elásticas, sobretudo no que diz respeito a preços, e uma maior diversificação das suas operações. Mas espera-se que, no segundo trimestre, os lucros das grandes companhias alcancem cifras astronómicas.

Carter tenciona libertar os preços do petróleo de extracção nacional, para que chegue aos níveis internacionais, promovendo assim a extracção local. Mas os efeitos desta atitude na produção dos Estados Unidos, serão a longo prazo, embora possam ser imediatos no que diz respeito à inflação.

O desafortunado secretário da energia, James Schlesinger, viu-se envolvido num árduo debate perante o comité senatorial da

energia, que é presidido pelo senador Edward Kennedy.

O senador Kennedy, aliado com os sectores sindicais, deu início a uma cruzada — cujos propósitos eleitoralistas ainda não estão confirmados — e insistiu no efeito inflacionista do corte dos controlos e considerou ineficaz o imposto aos superlucros.

Perante um Schlesinger demasiado nervoso durante a interpegação que foi transmitida pela televisão, o senador do Massachusetts disse: «Creio que só você pode pensar que a taxa aplicada aos superlucros vai influenciar o investimento, e a falta de controlo, a competência».

Schlesinger só pode responder com um «estou convencido disso» que não convenceu o senador.

Por sua vez, o «leader» da minoria senatorial republicana, Howard Baker, atacou duramente, o pro-

jecto na televisão, por este ter, segundo disse, um atraso de dois anos.

O certo é que os números dados a conhecer pelas companhias petrolíferas confirmam as afirmações da OPEP, segundo a qual os preços mais altos são rapidamente reciclados pelas companhias.

O mais curioso da situação é que, até agora o mais alto custo da energia havia sido absorvido com relativa facilidade nos Estados Unidos. Mas parece que os mecanismos compensatórios começaram a falhar, excepto para os gigantes da indústria petrolífera.

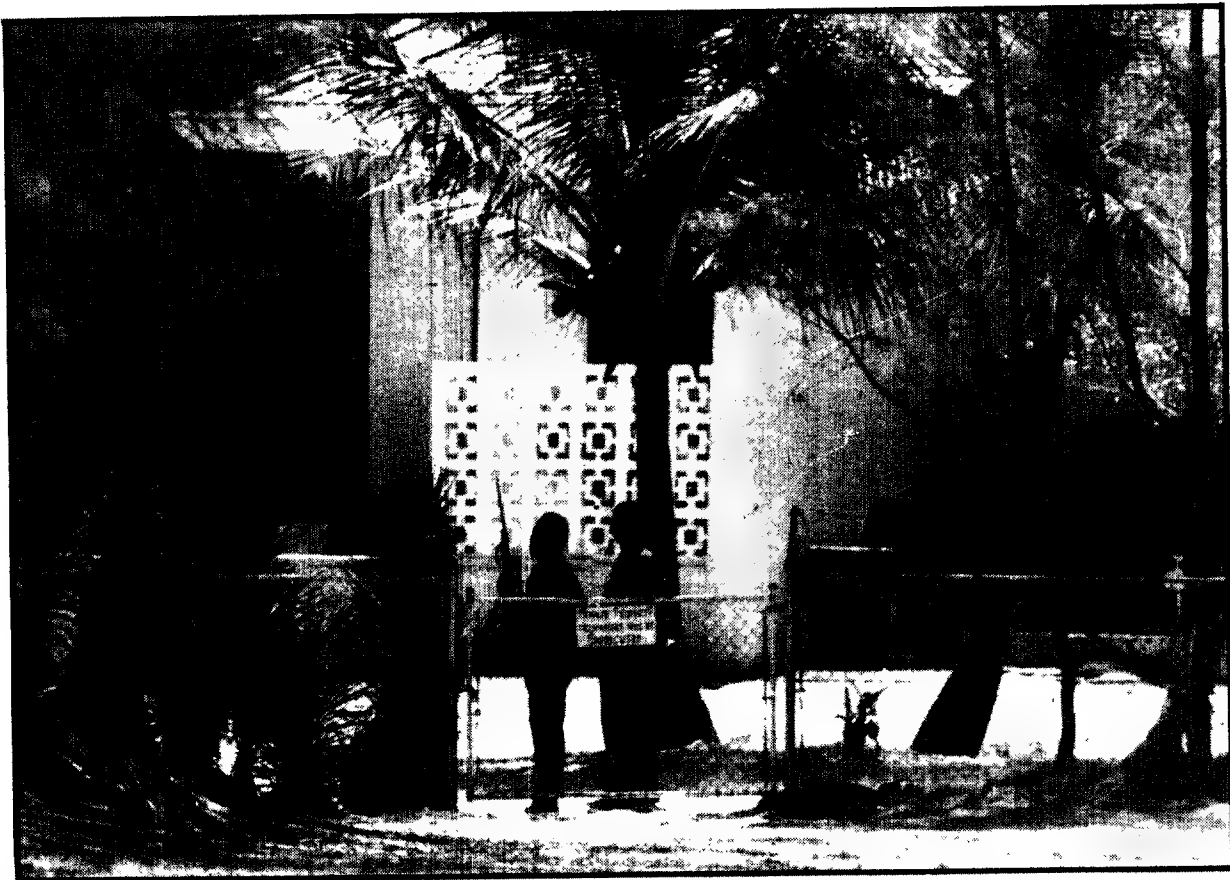
Mas o governo Carter não dispõe de muitas alternativas, já que tem de actuar com as leis de um sistema inalterável. Entretanto a espiral inflacionista continua a crescer em ritmo cada vez mais acelerado. ●

PELO MUNDO

Plano de uma pirâmide descoberto no Sudão

Mais de dois mil anos tem o plano de construção de uma pirâmide recentemente descoberto pelo arquitecto da RDA, Friedrich Hinkel, na maior pirâmide de Begrawiya (norte do Sudão) na região do velho centro cultural de Meroe (época da maior prosperidade no Egipto, vai desde o ano 300 aC até ao ano 300 dC). O desenho de 160 centímetros de altura gravada ligeiramente na pedra, foi descoberto durante os trabalhos de restauração que se estão a realizar no âmbito de um acordo concluído entre a Academia de Ciências da RDA e a Administração Sudanesa de Antiguidades. No desenho aparecem um diagrama de linhas de projecção verticais e horizontais, assim como a linha de inclinação. Também está desenhada a parte superior da plataforma da pirâmide. O ângulo de inclinação do desenho coincide quase exactamente com o da pirâmide.

Numa carta dirigida à Academia, o arquitecto da RDA escreve que foi uma incidência favorável da luz que possibilitou a descoberta do plano. Com a ajuda deste plano poderão tirar-se conclusões sobre proporções, ângulos de inclinação e unidades de medidas na construção de pirâmides. Tais planos são inteiramente desconhecidos no caso das pirâmides do Egipto.



UM FALSO PARAÍSO

«Bem-vindo ao Paraíso» — assim reza a inscrição na ilha das Bahamas onde o xá do Irão vive o seu exílio. Mas para a família imperial iraniana este refúgio está longe de ser um paraíso. Sobre todos pende uma sentença de morte e, apesar do seu poderio económico, os Pahlevi dificilmente encontrarão possibilidades de circular pelo mundo. Para além desse aspecto, as relações entre os diversos membros da família parecem estar bastante tensas. Ao que consta, a mulher do xá já não vive — com ele e tenciona divorciar-se do marido. As fotos mostram a indicação do «paraíso» prometido aos visitantes e a entrada da vivenda do milionário americano, James Crosby, onde os Pahlevi encontraram refúgio. (Fotos SIPA PRESS).



Automóvel a hidrogénio

Um carro quase isento de poluição, que anda inteiramente a hidrogénio, foi exibido recentemente no Instituto de Tecnologia Musashi, em Tóquio.

O «Musashi 3», um veículo de 550 cm3 convertido, desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Motores de Combustão interna na Universidade, percorreu calmamente o terreno circundante à velocidade de 40 e 50km/hora.

O chefe da equipa de pesquisa, prof. Shoichi Furuhashi, disse que o veículo accionado a hidrogénio pode atingir a velocidade de 120 km/h e normalmente só emite vapor do tubo de escape.

Só quando o acelerador é pisado a fundo é que poderá sair uma pequena porção de óxido nítrico.

O veículo funciona com um motor a dois tempos, accionado pelo pulverizar e combustão do hidrogénio líquido convertido em gás.

Os primeiros dois modelos desenvolvidos pelo laboratório tinham motores a 4 tempos, mas os cientistas descobriram que eles muitas vezes contra-explodiam e, a velocidades mais altas, libertavam grandes quantidades de óxido nítrico. Quando foi adoptado o motor a 2 tempos, descobriram que estes dois defeitos estavam quase completamente eliminados.

O carro a hidrogénio ainda não está pronto para as auto-estradas. O custo do depósito para o hidrogénio líquido é ainda proibitivo, e um depósito de 60 litros dará apenas para 300 km. Outro problema é que o hidrogénio líquido custa 7.000 ienes por cada 10.000 quilocalorias, 50 vezes mais o preço da gasolina.

Furuhashi disse que é possível aumentar a eficiência do combustível de 10 a 20% e aumentar o volume dos tanques.

Salientou que nos Estados Unidos o hidrogénio líquido é ligeiramente mais caro que a gasolina e que, considerando os seus atributos não-poluíntes, o veículo poderia tornar-se economicamente viável como produção em massa.



Manifestação de taxis

Ao apelo da CGT, a mais importante central sindical francesa, corresponderam milhares de motoristas de táxi, que se concentraram na Esplanada dos Inválidos em Paris, para exigirem uma isenção de taxa sobre o combustível. (Foto AFP).



A "ponte da amizade"

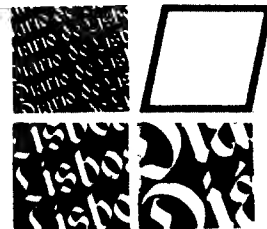
Frankfurt é a capital de distrito mais a leste da República democrática alemã. Está ligada à cidade polaca de Slubice pela «ponte da amizade» sobre o rio fronteiro Oder.

Com sete séculos de existência, a cidade foi destruída em 70% durante a Segunda Guerra Mundial. A foto mostra o seu centro, reconstruído. A câmara municipal barroca (no primeiro plano, à direita) foi reconstituída no estilo original, tal como a grande igreja. Na câmara municipal há actualmente uma galeria de artistas jovens.

As novas fábricas de Frankfurt empregam grande número de emigrantes da Polónia. Uma parte considerável do grande comércio existente entre a RDA e a Polónia, assim como entre a RDA e a União Soviética, faz-se através de Frankfurt, por estrada e por caminho-de-ferro. Navegam pelo Oder, até ao porto polaco de Szczecin, muitos barcos de recreio.

EXCLUSIVO

N.º 21/79



Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX. 1363

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 46 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



A expressão do rosto do cadáver identificado como sendo o de Ernesto «Che» Guevara. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

28 PÁGINAS

DA MULHER
E DA CRIANÇA

«Sou «Che» Guevara. Falhei» — últimas palavras do guerrilheiro segundo o comandante-chefe das Forças Armadas da Bolívia

Nota do dia

A FRUTA PROIBIDA

Pode afirmar-se sem receio de desmentido que, de um modo geral, a carestia dos transportes pesa em mais de vinte por cento na economia nacional. Semão vejamos este exemplo conclusivo: Um lavrador trasmontano pretende despachar para Lisboa um cesto de fruta das suas propriedades, fruta para a qual não consegue comprador e que tem de deixar apodrecer na arvore ou dá-la de

ração ao gado, enquanto o consumidor a paga por bom preço nos grandes centros. Descontado o peso da embalagem, pagou de transporte por 18 quilos cerca de 50 escudos, ou seja 2\$80 por quilo para consumir a sua própria fruta. Com a batata, acontece fenómeno idêntico. O custo de transporte, de Trás-os-Montes para Lisboa, regula por 1\$20 e quilo. Quer dizer: o transporte fica mais caro do que o preço que a Junta Nacional das Frutas arbitrou para o produtor. Claro que os preços correntes dos produtos agrícolas nos mercados citadinos não podem deixar de reflectir o custo exagerado dos transportes, que prejudica tanto o produtor como o consumidor. O problema põe-se do mesmo modo em relação a toda a produção agrícola que pretende alcançar os grandes centros consumidores. O caso de Trás-os-Montes e das Beiras, pelas características especiais que distinguem essas regiões, oferece especial acuidade. Os encargos são cada vez maiores. A rarefação da mão-de-obra é cada vez mais angustiante. A mecani-

zação, pela natureza especial do solo, não pode resolver inteiramente o problema. Mesmo que o lavrador conseguisse a justa cotação para os seus produtos, o que não é de esperar, dada a maneira pouco compreensiva como tem sido encarada essa legítima aspiração da lavoura, a instabilidade e o preço incomportável dos salários tornariam impraticável toda e qualquer exploração agrícola e representariam, pura e simplesmente, a ruína da lavoura, que há muito vive de esperanças, mas que acaba por ser vítima das mais amargas desilusões.

A GUERRA DO VIETNAM A ORGANIZAÇÃO DA EUROPA E A REVOLUÇÃO CULTURAL

São muitos os políticos militares e diplomatas que, por direito próprio ou por acaso, ocupam lugares eminentes na vida internacional. Acontece, porém, que é a volta de três que, transitória e se pola-

VALLE GRANDE, 11 — (F. P.) — «Sou «Che» Guevara. Falhei». Tais foram as últimas palavras de «Ramon», nome de guerra de Ernesto «Che» Guevara, pouco antes da sua morte, na madrugada de segunda-feira. O general Alfredo Ovando Candia, comandante-chefe das Forças Armadas bolivianas, repetiu esta frase a trinta jornalistas reunidos em Valle Grande.

«Não há qualquer dúvida quanto à identidade do cadáver de «Ramon». Trata-se de «Che» Guevara — prosseguiu o general Ovando, que convidou a imprensa a comparar as impressões digitais do cadáver com as de Guevara, enviadas para a Bolívia pelos Serviços de Informação argentinos.

Os jornalistas presentes em Valle

(Continua)

A ponte
vai ficar «silenciosa»
(Ler na página central)

(Continua)

Não posso fazer previsões sobre o fim da luta no ultramar português

— disse no Rio o dr. Franco Nogueira

RIO DE JANEIRO, 11 — (R.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, de visita ao Brasil, criticou a O. N. U. e o secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, durante uma conferência de imprensa, concedida na Embaixada de Portugal. O ministro português, foi interpellado sobre se previa um fim de luta em Africa e o regresso das tropas portuguesas. «Não posso fazer qualquer previsão — respondeu o dr. Franco Nogueira. — Essa pergunta deveria ser feita áqueles que motivaram a permanência de tropas portuguesas nas províncias ultramarinas de Portugal».

«Essas tropas — afirmou depois — não se encontram empenhadas em qualquer acção de opressão»

VISADO PELA CENSURA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VAI DAR-LHE UM AUTOMÓVEL

O «Concurso Personna» está preso por um fio. Publicamos hoje o décimo e último cupão, faltando somente aparecer o boletim identificador. Depois... boa sorte, nervos calmos, pé em riste (para pisar o acelerador do «N. S. U. Prinz 1000»).

Dentro de dias contar-lhe-emos, com o rigor que for possível, como é montado em Portugal o automóvel que an-

(Continua na página seguinte)



FACA-LHE
A BARBA...

...e veja quem é!

O último homem das barbas não é da Madeira, embora muita gente pense que sim. Na intimidade chamam-lhe Bé. Está agora no Teatro ABC, como primeira figura da revista «Mulheres à vela».

Quem é ele?

(Recorta pelo tracejado)



É O

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTR

As eleições em Espanha

MADRID, 11 — (R.) — Os resultados iniciais das primeiras eleições democráticas parlamentares em Espanha sob o regime do generalíssimo Franco reflectem uma grande afluência às urnas.

As eleições parlamentares são as primeiras que se realizam por sufrágio directo desde que o caudilho assumiu o Poder, após a guerra civil de 1936-39.

Numeros provisórios anunciados nesta capital revelam que Madrid e Barcelona registaram uma afluência às urnas de cerca de 50 por cento, San Sebastian, de 33 por cento e cidades provinciais, tais como Burgos e Lugo, mais de 80 por cento.

OS CANDIDATOS SÃO QUASE TODOS PARTIDARIOS DO REGIME

A tendência era geralmente mais entusiástica do que no referendo nacional de Dezembro passado, quando 88,5 por cento do eleitorado votaram quase por unanimidade a aprovação de alterações na Cons-

tituição, que incluíam a introdução do escrutínio de ontem.

Um total de 1641439 eleitores foram chamados às urnas para escolherem ligeiramente menos do que um quinto das Cortes (Parlamento) — 108 deputados para representar chefes de família e mulheres casadas nas 50 províncias de Espanha e nas suas possessões em África.

Os 313 candidatos são quase todos partidários do regime, de tendências diversas, por vezes opostas. Incluem membros de movimento Falangista, monárquicos de várias facções, advogados, comerciantes e funcionários locais.

AS ÚLTIMAS ELEIÇÕES POR SUFRÁGIO DIRECTO. TI NHAM-SE VERIFICADO EM 1936

As últimas eleições em Espanha por sufrágio directo, sob o regime republicano em Fevereiro de 1936, produziram uma mudança maciça para a esquerda e para a Frente Popular. Os actos de violência que se seguiram foram a causa da guerra civil, que rebentou cinco meses depois.

O Parlamento do generalíssimo Franco tem sido composto principalmente de deputados nomeados. Contudo, a «Lei Orgânica», aprovada em referendo nacional, em Dezembro passado, incluí disposições para tornar mais representativas as novas Cortes.

A principal inovação foi introduzir deputados de «representação familiar», por meio de sufrágio directo.

Concentrações de tropas israelitas

— anuncia um jornal de Damasco

DAMASCO, 11 — (F. P.) — «Novas concentrações de tropas israelitas na margem ocidental do Jordão e em frente da Síria» — anuncia, em título, o jornal damascano «Al Saura». No texto, garante que «de acordo com notícias provenientes da Palestina ocupada, está iminente nova agressão israelita ao povo árabe».

Israel teria convocado secretamente reservistas, e todas as viaturas, carros de turismo e camiões teriam sido requisitados para as necessidades de um estado de prevenção — conclui o «Al Saura».

Entretanto, o chefe do Estado sírio, Nureddine Al-Atassi, partiu hoje para Bagdad, em visita oficial. A notícia foi divulgada pela agência noticiosa local, que não deu explicações acerca desta visita inesperada.

Acompanham o presidente Al-Atassi, o vice-presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros e o titular da Cultura e da Orientação Nacional.

O actual Outono será um verdadeiro Verão?

BILBAU (Espanha), 11. — (A. N. I.) — O meteorologista amador Pablo Sagarna «El Pastor de Gorbear», conhecido em toda a província da Biscaia pelas suas previsões sobre o tempo, dá a conhecer nas páginas do diário «El Correo Español — El Pueblo Vasco», um curioso boletim meteorológico a longo prazo que contém as seguintes previsões: «Todo o Outono de 1967 será um verdadeiro Verão. Não haverá mais de vinte e cinco dias de chuva».

Os amigos de «El Pastor de Gorbear» asseguram que o segredo das suas previsões está na observação das estrelas.



O corpo identificado como sendo o de Guevara, exposto na morgue do hospital da localidade boliviana de Valle Grande (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Parece de um indivíduo mais novo o cadáver identificado como sendo o de «Che» Guevara

(Continuação da 1.ª página)

Grande recolheram as declarações do general Ovando e desfilaram perante o cadáver de «Ramon» e de dois outros guerrilheiros, na morgue do hospital da cidade. As declarações do comandante-chefe das Forças Armadas bolivianas são consideradas como o anúncio oficial da morte de Ernesto «Che» Guevara.

O cadáver de «Ramon», nome de guerra de «Che» Guevara — como se diz — estava, ontem, exposto na morgue do hospital desta cidade. A primeira vista, a fisionomia do morto correspondia a de Guevara. Trinta jornalistas foram convidados a identificar o corpo, que estava coberto com umas calças verdes.

A cara está coberta por uma barba como a do «Che». Os cabelos

castanhos chegam aos ombros. Os olhos grandes, abertos, estão vivos. Os lábios desenhavam um sorriso classificado de «ríctico» por um jornalista boliviano. «Vendo este sorriso» — disse — «não se duvida de que seja Guevara».

ATINGIDO POR UMA RAJADA DE METRALHADORA

O corpo tem nove feridas. O guerrilheiro foi apanhado por uma rajada de metralhadora. As pontas dos dedos estão cobertas de tinta, por se terem tirado as impressões digitais. Uma cicatriz na costa da mão esquerda dataria da época em que Guevara combateu na Sierra Maestra. Outros pontos comuns: as arcadas supraciliares são proeminentes, a cor do cabelo, a estatura e o desenho do nariz e do «buxo».

Todavia, a finura dos traços, na-

greza e uma aparência de grande juventude poderiam fazer duvidar da presumida identidade de «Ramon». Guevara tinha 39 anos, enquanto que o cadáver diante do qual os jornalistas desfilaram é o de um homem que mal parece ter ultrapassado os 30 anos.

A maior parte dos jornalistas não duvida de que se trata de Guevara, mas a sua reacção foi um misto de estupefacção e incredulidade.

OVANDO: «A GUERRILHA NA BOLÍVIA CHEGA AO FIM»

«A guerrilha na Bolívia chega ao fim» — declarou o comandante-chefe das Forças Armadas bolivianas. Segundo o general, só restava no Sueste do país um grupo de nove guerrilheiros, comandados por «Inti» Peredo.

Desde o início das hostilidades, foram mortos 33 guerrilheiros — entre os quais onze cubanos, dois argentinos (Guevara e Tania) e um peruano.

Ovando atribuiu o fracasso da guerrilha a dois factores — a falta de apoio popular e a aridez do terreno.

O PRESIDENTE BOLIVIANO CONFIRMA A MORTE DE «CHE» GUEVARA

LA PAZ, 11 — (F. P.) — «Tenho agora a prova absoluta de que «Che» Guevara morreu» — declarou o presidente da República, René Barrientos, aos jornalistas que o interrogavam sobre os últimos acontecimentos na zona das guerrilhas.

Tinha sido anunciado que o Governo publicaria um comunicado oficial confirmando a morte de Ernesto «Che» Guevara. No entanto, só foi publicado um comunicado das Forças Armadas, dizendo que Guevara se encontrava entre os guerrilheiros mortos.

O CORPO É SEPULTADO HOJE

VALLE GRANDE, 11 — (A. N. I.) — O corpo, crivado de balas, do chefe de guerrilheiros comunistas Ernesto «Che» Guevara é hoje sepultado na pequena localidade de Valle Grande na região sueste da Bolívia.

Guevara — o Exército boliviano afirma não restarem dúvidas de que é ele — terá um funeral discreto, segundo os preceitos normais da Igreja Católica Romana, e ficará em campa rasa.

Entretanto, os caçadores especiais do Exército boliviano que abatearam Guevara treinados por instrutores norte-americanos, continuam a perseguir outro grupo de guerrilheiros.

A GUERRA DO VIETNAM, A ORGANIZAÇÃO DA EUROPA E A REVOLUÇÃO CULTURAL

(Continuação da 1.ª página)

rizam as forças, vontades e aspirações de que dependem a sua evolução no presente e o futuro de grande parte do mundo. O presidente Johnson alimenta a guerra do Vietnam. O general de Gaulle paralisa a organização da Europa e destrói a aliança ocidental prolongando um estado de incerteza de imprevisíveis consequências. Mao Tse Tung deteve a revolução comunista na sua marcha, deu com a revolução cultural um exemplo de tremendas repercussões e fez regressar a China à guerra civil que foi, durante séculos, um obstáculo ao seu desenvolvimento e progresso.

Há entre eles traços comuns e patentes pontos de semelhança. Todos governam a prazo. A eleição presidencial de Novembro de 1968 para Johnson, a expiração do seu mandato para de Gaulle, a vida para Mao limitam a duração da sua actividade. Dentro de um ano, o Governo dos Estados Unidos pode ser confiado a uma personalidade com temperamento e objectivos diferentes dos do actual presidente. Em quatro anos expirará o mandato do general de Gaulle. O estado físico de Mao Tse Tung mais de uma vez tem causado alarme nos seus partidários e os seus intermitentes eclipses devem-se a razões

de ordem política, mas, sobretudo, a imperativos de ordem física.

Não há situações de alternativa na América, na França e na China

De momento, porém, nos Estados Unidos, na França, na China, não existem oposições organizadas e coerentes para substituir aqueles dirigentes de forma a dar aos seus povos soluções de alternativa para os males de que sofrem. Se em Novembro de 1968 o candidato republicano ganhar a eleição perdida por Johnson, nem por isso acabará a guerra do Vietnam e há motivos ponderosos para recear que se intensifique. Pompidou, Debré ou Giscard não substituirão de Gaulle e na oposição francesa os comunistas e a Frente das Esquerdas não comunista não chegaram ainda a acordo para o mesmo fim. Nenhum nome na constelação maoísta tem suficiente prestígio para ocupar o lugar de Mao. O seu delfim, o general Lin Biao, chefia nominalmente um exército dividido por antagonismos ideológicos. Quanto a Liu Shao Shi, ignora-se o seu paradeiro e não se conhece a sua sorte.

O eventual sucessor de Johnson continuará a fazer a guerra no Sueste asiático, o de de Gaulle opor-se-á à entrada da Grã-Breta-

nha no Mercado Comum, o de Mao procurará orientar em proveito próprio a revolução cultural que se ampliou desmedidamente. Por isso nos Estados Unidos se não pensa numa política para o período que se seguirá, inevitavelmente, ao fim da guerra do Vietnam; na França, as direitas e as esquerdas, para não falar do que foi o Centro, conservam-se perplexas e hesitantes, sem arriscar um programa nem um passo; na China não se vislumbra o fim da guerra civil nem se esboçam as linhas do regime que substituirá aquele que começou quando em Pequim desfilaram em Outubro de 1949, os exércitos vitoriosos de Mao.

Seria diferente o mundo sem Johnson, de Gaulle e Mao

O fim da guerra na Ásia, a organização da Europa e do Ocidente, o esclarecimento da situação no mundo comunista, são condições prévias para a solução dos mais instantes problemas internacionais. Enquanto essas condições não forem satisfeitas, o mundo continuará no estado de letargia em que mergulhou depois da crise cubana e da assinatura do tratado que proibiu a realização de experiências nucleares na atmosfera. Nesse clima são possíveis todas as surpresas e todos os desconcertos. Sem ele, a terceira guerra Israelo-árabe não teria lugar com as suas consequências em parte desconhecidas. Sem ele as negociações para o tratado

destinado a evitar a proliferação e a disseminação das armas nucleares teriam uma conclusão construtiva. Sem ele a União Soviética e os Estados Unidos não se abalancariam a construir sistemas de defesa antimissil ou que obriga a elaborar novos planos estratégicos a partir de zero, pois esses sistemas implicam o abandono da estratégia da dissuasão na qual assentava a paz precária em que o mundo viveu nos últimos quinze anos e lhe permitiu trabalhar e progredir.

Johnson, de Gaulle e Mao são personalidades simbólicas e transitórias que exprimem, com a sua vontade e intenções, uma fase de transição entre o pós-guerra e um futuro nebuloso e incerto. É possível que, sem a sua presença e sem a sua acção, as coisas se passassem de maneira diferente e se encamissem numa direcção oposta. Mas para os povos que governam e para os restantes povos é demasiado tarde para enveredarem por caminho diferente e para encontrarem soluções à margem daquelas que eles próprios previram e desejam realizar.

A política de Johnson, de Gaulle Mao Tsé Tung, tem produzido mais frustrações do que actos positivos nos Estados Unidos, na Europa e no mundo comunista que agitam com as suas improvisações e atitudes. Mas falta descobrir os seus sucessores e falta sobretudo, encontrar a linha de rumo para fazer sair os povos que governam e o mundo do atoleiro em que se en-

DO ESTRANGEIRO DO ESTRANGEIRO

Um irmão de «Che» Guevara partiu para a Bolívia a fim de identificar o corpo

SILÊNCIO EM CUBA

HAVANA, 12 — (F. P.) — Os dirigentes cubanos continuam a observar um mutismo total acerca da sorte de «Che» Guevara. Segundo os observadores, esperar-se-ia o restabelecimento das comunicações com os guerrilheiros bolivianos, aparentemente interrompidas, para obter pormenores.

MANTÉM-SE A DÚVIDA

LA PAZ, 12 — (Peio enviado especial da France Press, Irineu Guimarães) — A carreira do médico revolucionário Ernesto «Che» Guevara — Fernando Ramon — terminou onde tinha começado: na Bolívia. É certo que o mistério persiste. E, todavia, as autoridades bolivianas reuniram o maior número de provas. A fisionomia do cadáver do guerrilheiro caído, no dia 8, no sudeste boliviano, coincide em muitos pontos com a do legendário médico argentino. No entanto, duvida-se ainda. E, porventura, o conjunto de toda a história que parece não ter consistência.

Há, no entanto, o testemunho do principal réu do julgamento de Camiri, o escritor Regis Debray. Este teria vindo à Bolívia, no começo do ano, com o fito de entrevistar «Che» Guevara, que desaparecera há cerca de dois anos. Há muitas razões para crer que este encontro se realizou e que durou muito tempo. Mas nunca se ouviu falar da entrevista...

FOTOGRAFIAS DE SÓSIAS

Regis Debray está há cinco meses na prisão. As sucessivas derrotas dos guerrilheiros tem permitido

ao Exército boliviano apoderar-se de muitos documentos e fotografias. Mas antes da apresentação do cadáver, a presença do antigo ministro cubano nas guerrilhas tinha sido sempre objecto de discussão.

«Sim, Guevara estava conosco. Conheci-o numa noite em que não pude deixar de lhe dizer que sabia quem ele era. Sorriu e não respondeu uma palavra. Era o chefe do nosso grupo» — estas foram as declarações do guerrilheiro «El Camba», capturado em 29 de Setembro, perto de Higuera.

Outras circunstâncias parecem hoje bizarras. Nos últimos tempos, falou-se e mostraram-se fotografias de diversos sócios do antigo ministro cubano. Por toda a parte havia fotografias de «Che», após cada êxito do Exército boliviano.

Em contrapartida, parecem sólidos os argumentos que tendem a provar que o homem doente, que caminhava com uma muleta, através dos guerrilheiros, era Guevara.

Os habitantes de «Alto Seco», onde os guerrilheiros estiveram acampados durante 48 horas, reconheceram nas fotografias que os militares mostravam. Esta gente nunca tinha ouvido falar de Guevara. Por outro lado, as manobras de desistência levadas a cabo pelo grupo de guerrilheiros nas margens do rio Grande até aos Canyons de Higuera, devem ter sido obra de um chefe extremamente experiente neste género de guerra.

Na campã do guerrilheiro morto, o nome de Ernesto «Che» Guevara — Fernando Ramon — resume a carreira deste médico argentino, que, da Guatemala até aos confins do Chaco, terá semeado um vento de revolução nos campos da América Latina.

A MORTE DE GUEVARA

A anunciada morte em combate do médico argentino Ernesto «Che» Guevara, que foi um dos autores da revolução cubana elevada à condição de ministro e que, mais tarde, se revelou como um dos chefes da revolução comunista no mundo, não oferece grandes dúvidas. Tudo indica que o seu corpo foi encontrado em seguida a um encontro sangrento em Valle Grande. O comunicado do comando das forças armadas bolivianas, uma declaração do presidente Barrientos da Bolívia e o relatório dos peritos da C.I.A., que com delegados do Governo de La Paz se ocuparam do caso, são formais e categóricos as suas conclusões. Entrevistado em Buenos Aires, o pai do conhecido chefe guerrilheiro declarou que não acredita na morte do filho, sem aduzir, porém, argumentos convincentes para basear a sua convicção.

Logo que foi assinalada a sua presença na Bolívia, esse facto confirmado deu lugar a controvérsias. Que fora feito: Guevara ao local menos indicado para realizar os seus objectivos? Segundo uns, estava ele convencido de que a sua acção provocaria levantamentos dos mineiros de Potosí e Oruro e das organizações revolucionárias de La Paz e de Santa Cruz, o que provocaria a queda do regime do general Barrientos.

Essas esperanças, se existiram, não se confirmaram. Como o chefe revolucionário peruano Luis de La Puente, morto em Monte Pelado, nos Andes, Guevara quando travou o combate desesperado de Valle Grande procurou, na opinião de alguns jornalistas, um suicídio para não assistir ao malogro da concepção revolucionária exposta na sua obra «Guerra de guerrilhas». Criar focos insurreccionais para desencadear a reacção em cadeia dos levantamentos simultâneos era a essência da sua doutrina. Ele próprio tentou pô-la à prova num ambiente e em condições diferentes daquelas que lhe deram o triunfo na Serra Maestra. No continente americano será agora preciso esperar muito tempo até que se verifiquem, novamente, as condições que o levaram à Bolívia, terra imprópria para a sua experiência.

A POPULARIDADE DOS CONSERVADORES DIMINUI

LONDRES, 12 — (F. P.) — Uma sondagem «Gallup», publicada hoje no «Daily Telegraph», indica uma ligeira redução do avanço conservador, recentemente verificado através de uma consulta idêntica. A sondagem do «Daily Telegraph» confirma o empenho da opinião pública em que o Governo britânico se afasta da política americana no Vietnam: 45 por cento dos interrogados entendem que o Governo de Wilson faz mal em apoiar o presidente Johnson no Vietnam, contra 42 por cento, em Maio findo e 37 por cento, em Julho do ano passado.



Jorge Amado veio para abraçar amigos — designadamente Ferreira de Castro

JORGE AMADO de passagem em Lisboa —mas voltará brevemente para maior demora

Jorge Amado e Zélia, sua mulher, desembarcaram ontem em Lisboa, ao cair da tarde, sob um brando sol poente outonal. Vieram no «Monte Umbe» — sempre o mesmo: é o único transatlântico que faz escala na Baía, diz num riso aberto o grande escritor. Esperavam-no o dr. Otto Lara Resende, adido cultural à Embaixada do Brasil em Lisboa; o dr. Guilherme de Ayala Monteiro, em representação do dr. Azeredo Perdigão e da Fundação Calouste Gulbenkian, e alguns amigos pessoais: Ferreira de Castro, a esposa do editor Lyon de Castro, que se encontra ausente, Rogério de Freitas, Ruben Andersen Leitão, Alvaro Salema.

A chegada foi discreta. Jorge Amado vem apenas de passagem por Lisboa, no início de uma viagem que terá o patrocínio da Fundação Gulbenkian. Demora-se brevíssimos dias, para abraçar amigos (designadamente Beatriz Costa, que se encontra doente) e para assentar o projecto de estadia mais demorada em Portugal, a convite da Fundação. Vai viajar na Europa, com maior demora em Paris, e por meados de Dezembro estará em Lisboa, para permanência de algumas semanas, passando aqui o Natal.

Jorge Amado vem exuberante de vitalidade, mas sempre repousado de temperamento. Numa conversa breve, fala-nos da satisfação profunda com que retornará, uma vez mais, a Portugal, com o vagar que nunca havia tido anteriormente.

— Quero conhecer o País, o interior, as velhas cidades. Ficarei a dever a satisfação desse velho desejo ao convite amável da Fundação Gulbenkian. Por agora, numa

trajectória de viajante, quis somente abraçar alguns amigos e definir o projecto da próxima visita, em Dezembro e Janeiro.

— E a candidatura ao Prémio Nobel?

— Tenho-me mantido deliberadamente alheio a esse facto. É uma iniciativa, para mim muito honrosa, da União Brasileira de Escritores e do seu presidente, o meu querido camarada Peregrino Júnior Mas, pessoalmente, não tenho nem quero ter qualquer interferência no assunto.

— Mas a Imprensa europeia já fala na sua candidatura. Jorge Amado é um dos grandes favoritos neste ano...

— Ignoro.

— Teremos algum livro seu em breve?

— Trabalho sempre. É claro. Mas, nos últimos tempos, o que mais me absorveu foi a elaboração do anunciado álbum-documentário sobre a Baía, com texto meu, 230 fotografias espíndidas e uns trinta desenhos de Carybé. Acompanhei a obra em todos os seus passos. Vai resultar, graficamente, uma obra monumental.

Jorge Amado tem contadas as horas desta estadia breve em Lisboa. Talvez regressasse até nós com a glória mundial de um Prémio Nobel bem merecido — escritor admirável cujo génio criador tem difundido no mundo a fecundidade e a terária da língua portuguesa.

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

UM DEDO DE GUEVARA À DISPOSIÇÃO DOS ESPECIALISTAS

— ANUNCIA O PRESIDENTE DA BOLÍVIA

LA PAZ, 14 — (F. P.) — Um dedo tirado do cadáver de «Che» Guevara será posto à disposição dos especialistas para lhes permitir verificar se se trata do antigo lugartenente de Fidel Castro — diz o presidente René Barrientos, numa declaração oficial entregue à Imprensa.

Por outro lado, segundo notícias provenientes de Santa Cruz, o coronel Joaquín Zenteno Anaya, comandante da VIII Divisão, teria confirmado ao advogado Roberto Guevara a incineração do corpo de seu irmão, em Valle Grande.

DESCOBERTA UMA BOMBA NA EMBAIXADA DA BOLÍVIA NA CAPITAL MEXICANA

MÉXICO, 14 — (F. P.) — Foi descoberta uma bomba, hoje, de manhã, na Embaixada da Bolívia no México — anunciou o encarregado de Negócios da Bolívia, Reinado del Carpio.

O engenho foi desmontado a tempo. Esta tentativa de atentado foi obra de um grupo extremista — segundo se supõe — que quis protestar contra a morte de «Che» Guevara, e a prisão do jovem filósofo francês Regis Debray.

CRÍTICA CUBANA NAS NAÇÕES UNIDAS AOS E. U. A.

NOVA YORK, 14 — O ministro cubano dos Negócios Estrangeiros,

Raul Roa, atacou, a noite passada, os Estados Unidos, na Assembleia Geral da O. N. U. Não fez, porém, qualquer referência à alegação da Bolívia de que fora morto o revolucionário cubano Ernesto «Che» Guevara.

Raul Roa, o penúltimo orador do debate geral da Assembleia, dedicou todo o seu discurso, de 73 minutos, a um ataque contra o «imperialismo yankee» e às pretensas deficiências da Organização dos Estados Americanos.

O debate geral constitui o estudo anual de problemas mundiais, em que participam ministros dos Negócios Estrangeiros e outros delegados importantes. Um total de 111 Estados-membros se ocuparam da política governamental, durante o debate, o que representa um «record» relativamente a qualquer reunião anterior da Assembleia.

Segundo o ministro cubano, a recente sessão, em Washington, da O. E. A. — na qual a Bolívia apresentou provas fotográficas para apoiar a sua tese de que Guevara se empenhava na luta de guerrilhas naquele país — fora uma «farsa grotesca».

Referindo-se à base naval americana de Guantanamo, em território cubano, Raul Roa disse que era um «ninho de espíões, sabotadores e mercenários ao serviço do Pentágono».

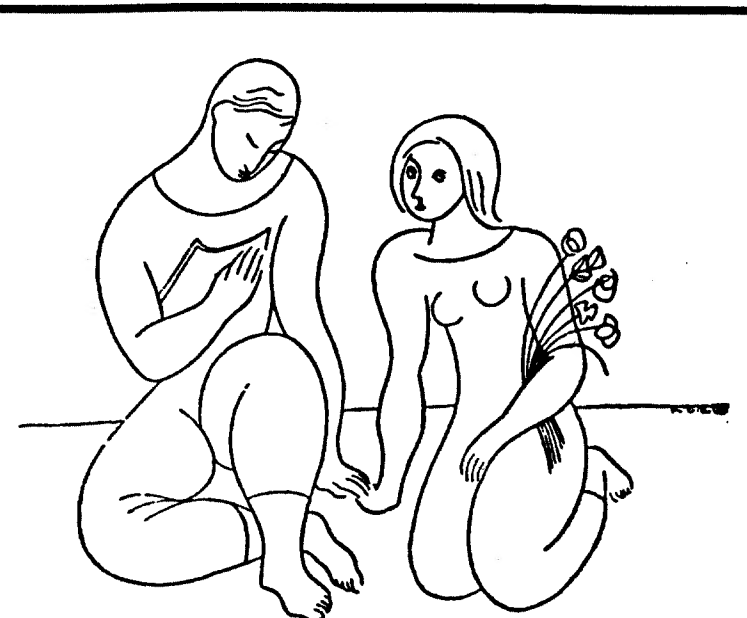


Ilustração de Dias Coelho, reproduzida postumamente no livro de poemas «Requiem por todos nós», de António Sousa Freitas

Ouvindo Carlos Paredes

—grande intérprete e compositor de guitarra,
que hoje, em Cannes, tem a sua estreia internacional

Esta noite, no Palácio dos Festivais de Cannes, entre grandes nomes mundiais do music-hall, estará presente um artista português. Um grande artista português: Carlos Paredes. Falámos com ele ontem, pouco antes da sua partida, e começámos por lhe perguntar em que tipo de certame ia participar:

— Trata-se da primeira Feira Internacional do Disco, que é uma iniciativa de M. I. D. E. M. (Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical), na qual se incluem diversas manifestações de música ligada, e algumas também de música erudita — entre elas a distribuição dos prêmios, no dia 4 de Fevereiro, aos intérpretes nacionais de que se venderam mais discos no seu respectivo país.

Como oportunamente noticiámos, em representação de Portugal estará presente Amália Rodrigues — a artista de que mais discos se venderam — que actuará no dia 4, assim como os outros galardoados, no decorrer da festa para distribuição dos prêmios. Outras vedetas presentes: Cigliola Cinquetti, Roberto Carlos, Françoise Hardy, Alain Barrière, Antoine, Les Compagnons de la Chanson, Sandy Shaw, Udo Jürgens, etc.

E Carlos Paredes foi especialmente convidado para participar num dos grandes espectáculos integrados na Feira — que é um verdadeiro festival. Por isso, e ainda por outras razões, esta nossa conversa se impunha.

● Um espantoso guitarrista e grande compositor

— Como encara o Carlos Paredes a experiência nova para si que, fora de dúvida, constitui esta ida a Cannes?

— Muito preocupado. Primeiro, ele surgiu-me de uma forma tão inesperada que fiquei verdadeiramente surpreendido. Depois, uma exibição destas já requer profissionalismo, pois exige uma perfeição que eu, como amador, não posso ter. Espero que o facto de a guitarra portuguesa ser pouco conhecida, ser mesmo, talvez, uma novidade para os espectadores, me ajude.

É claro que, neste particular, a discordância do entrevistador com o entrevistado era completa. Carlos Paredes, a muitas outras qualidades, junta a da modestia verdadeira (ou o contrário daquela com que, em certos casos, a vaidade se disfarça), misturada com uma timidez natural. De facto, se Carlos Paredes não atingiu a perfeição (na medida em que, em qualquer actividade ela pode ser atingida), não sabemos quem a logrará atingir. A primeira vez que o vimos e ouvimos, não foi só uma grande admiração, e emoção, que nos despertou — mas um autêntico espanto. Como era possível a um homem só, tirar da guitarra semelhantes sonoridades, tamanha riqueza e vibração de ritmo e melodia?

E nós, repare-se, estávamos habituados a ouvir os maiores guitarristas da Coimbra de então: um António Portugal, um Jorge Tuna, um Melo, etc. Pois quando, algum tempo depois nos aproximámos de Paredes, alhamos-lhe para as mãos: a ver se teria mais de cinco dedos em cada uma... E o Teatro Avenida de Coimbra — completamente repleto, com muito mais de mil pessoas, na sua quase totalidade estudantes pois se tratava do sarau das comemorações académicas da Tomada da Bastilha — em peso, em pé, longamente aplaudiu Carlos Paredes, no final da sua extraordinária actuação, com todo o calor e entusiasmo a que ele tinha feito jus...

De facto, Carlos Paredes é um espantoso — não encontramos outro adjectivo: espantoso, exactamente — guitarrista, e um grande compositor de música para esse instrumento, além de ser incansável estudioso.

— Um método e uma sistematização que não existem

Mas perguntamos-lhe:

— Acha que como profissional se poderia ainda aperfeiçoar mais?

— Com certeza. A guitarra portuguesa é um instrumento que não está estudado, que se toca bastante ao sabor da improvisação. Por isso seria muito útil se se criasse um método, uma sistematização, alguma coisa que racionalizasse o seu estudo. Sem isto, chega-se a um certo ponto e não se pode avançar mais.

— Mas porque não é o Carlos Paredes profissional?

— Não há condições para isso. O profissionalismo de quem acompanha ou dá espectáculos não é o que eu idealizo, nem me interessa. O que eu desejava era poder especializar-me, estudar o instrumento, até com intuitos pedagógicos. Isto é: desenvolver um trabalho de investigação, que está por fazer, no campo da técnica, tentando integrar a guitarra em bases que a

tornassem um instrumento capaz de permitir a qualquer compositor escrever para ele.

— Mas eu sei que já interpretou Bach á guitarra...

— Verdadeiramente não interpretei: tentei interpretar. Como sabe (não sabemos...), a guitarra apareceu, em toda a Europa Ocidental, com características muito semelhantes às que ainda hoje tem, no séc XVI: nessa altura chamava-se «cistro» e tinha como antepassado a «citola». Mas veio a ser abandonada em fins do séc XVIII, subsistindo apenas entre nós, por razões que apenas os sociólogos poderão explicar.

● Mais uma corda para a guitarra?

O nosso interlocutor faz uma longa e profunda divagação sobre a história da guitarra, lembrando que alguns construtores contribuíram ao mesmo tempo para dar forma definitiva ao violino (o próprio Stradivarius incluído) e á guitarra. E concluiu:

— Foi pensando nas semelhanças entre os dois instrumentos que tentei adaptar á guitarra as sonatas de violino (solo) de Bach. Mas a experiência não resultou, não ficou a meio, por terem surgido problemas técnicos que não consegui resolver.

— E sei que o Carlos Paredes também tentou acrescentar mais uma corda á guitarra...

— Sim, fiz tentativas nesse sentido — comecei-as há cerca de 5 anos, e de vez em quando ainda me entretenho com elas — para poder adaptar á guitarra música dos letistas — alguns dos quais, secundariamente, também executaram cistre, como Adrian de Roy, em França, e Anthony Holborne, em Inglaterra. Para conseguir uma afinação idêntica á do alaúde bastaria acrescentar á guitarra portuguesa mais uma corda grave. Simplesmente, acontece que essa corda desequilibraria o instrumento, que parece ter atingido a sua forma definitiva. E eu não tenho, de resto, muito tempo para estudar e trabalhar. Imagine que eu toco, em média, uma hora por dia (muitos dias nem pego na guitarra...), e um executante de guitarra clássica precisa, pelo menos, de seis horas diárias de treino...

Uma pergunta cada vez mais se nos impunha — mas essa não era para fazer a Carlos Paredes, mas sim para deixar aqui algumas entidades que subsistiam os músicos com qualidades e que não têm possibilidades de, sem eles, se anoverarem ou investigarem. Porque não se concede um desses subsídios ou uma bolsa, para Carlos Paredes se poder dedicar inteiramente á guitarra e prosseguir os seus estudos e investigações? Pensamos que seria de grande interesse e elementar justiça.

A novas interrogações que formulámos, o nosso interlocutor diz-nos que começou a tocar aos 8 anos acompanhando seu pai — e é claro, ensinado por ele —, e a apresentar-se sozinho por volta dos 12, começando desde logo, também, a compor. Aliás — disse-nos — não compondo se consegue descobrir todas as virtualidades da guitarra.

● Onde se fala do seu «mestre» Artur Paredes...

Falámos, de passagem, do pai do nosso entrevistado. Ele teve, de facto a sorte de ter nele o maior de todos os mestres: Artur Paredes. Não há ninguém — pelo menos que saiba alguma coisa de música, de fado, ou que tenha passado por Coimbra — que não conheça o maior guitarrista que a cidade do Mondego conheceu. De facto esse Artur Paredes que Regio evoca num dos seus poemas abriu caminhos novos ao fado de Coimbra e á guitarra em geral, afirmando-se como um compositor e intérprete de «variações» que o seu filho con-



Carlos Paredes conversa com o nosso redactor

sidera irreproduzível, tal como ele toca.

— Depois dele — confirmam-nos Carlos Paredes — é que se criou um estilo de guitarra de Coimbra. Aproveitei o caminho que ele percorreu, explorando o depois noutra sentença, ao qual não deve ser estranho o meu gosto pela música erudita.

E, após nos falar da vigorosa e inconfundível sonoridade dos acordes de seu pai, Carlos Paredes revela-nos:

— Ele, aliás, continua a tocar e a compor sempre com a mesma paixão. Tem, ali, evoluído. O que não quer é apresentar-se em público, nem gravar, apesar da insistência de muitas pessoas e da minha.

Fala-se mais ainda de Coimbra, do seu fado, das suas características e evolução. Mas a conversa ia muito longe, e tínhamos de terminar com três perguntas que se impunham:

— O que vai o Carlos Paredes interpretar em Cannes?

— Vou tocar apenas composições da minha autoria: uma selecção da música do filme «Verdes Anos» e duas composições que vão ser utilizadas num documentário de António Macedo e noutro de Pierre Kast.

— E o seu próximo disco?

— Além destas músicas, incluirei as utilizadas nas peças «Bodas de sangue», de Lorca, e «O render dos heróis», de J. C. Pires.

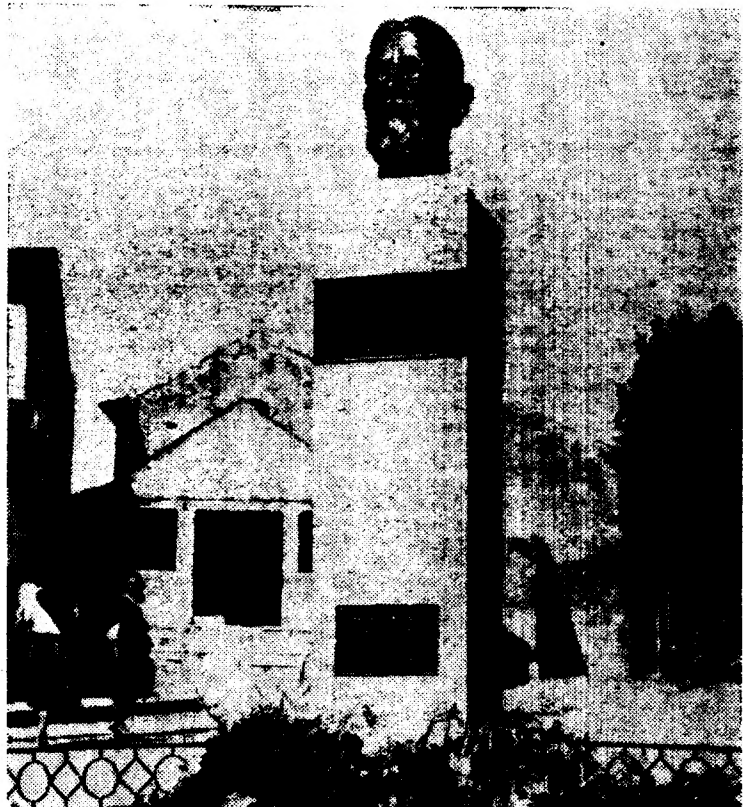
● Projectos: um novo tipo de canções

— Projectos mais próximos?

— Alguns são muito difíceis de realizar. Gostava muito de fazer um novo tipo de canções — para guitarra ou conjunto — musical — que obedecesse a uma necessidade colectiva e, por isso, provocasse uma colectiva participação, com letras de alguns dos nossos maiores poetas.

E deixamos Carlos Paredes. Esta noite, no Palácio dos Festivais de Cannes ele será o único instrumentista presente acompanhado — como sempre, pelo seu categorizado violão Fernando Alvim — entre algumas das mais famosas vedetas mundiais. E, estamos certos disso, este homem simples, este guitarrista espantoso que até agora tem tocado apenas, graciosamente, para aquela gente de que é amigo, entre a qual se sente bem e tanto o aprecia — estudantes, operários, pessoas que apreciam boa música — triunfará nesta sua primeira, e inesperada apresentação internacional. Depois, o disco que Carlos Paredes gravou — o long-plays a que nos referimos atrás — será lançado nos Estados Unidos; e será esta, estamos convictos, mais uma porta aberta para o êxito.

Portanto, felizmente, Portugal terá na Feira Internacional do Disco uma bela representação, com dois nomes de cumeira na sua especialidade: Amália Rodrigues e Carlos Paredes. E com o José Afonso (actualmente em Lourenço Marques) das admiráveis baladas, de que também é compositor e canta, teríamos uma notável «trindade» a representar o nosso país.



Monumento erigido em homenagem a Jaime Cortesão em Ançã, sua terra natal. (Fotografia que nos foi enviada pelo nosso dedicado amigo e leitor sr. José Abelaira Gomes)

Como nos chegava no noticiário das agências, íamos dando aos leitores informação da trágica morte do guerrilheiro «Ramon» em terras da Bolívia. Logo se soube que se tratava do desaparecido Che Guevara, grande figura da Revolução Cubana, militante internacionalista, que deu a vida na luta anti-imperialista de libertação da América Latina.

A sua carta de despedida a Fidel de Castro e o seu «Diário» correram mundo e mais que testemunhos de uma bela aventura são o retrato, em corpo inteiro, de um homem.

Neste Caderno, também, um desenho que recorda um revolucionário assassinado nas ruas de Lisboa. E a foto do monumento a Jaime Cortesão, na sua terra natal: Ançã. E o abraço de Ferreira de Castro a Jorge Amado. A entrevista com Carlos Paredes terá para os leitores indiscutível interesse.

Todo o CADERNO revela um propósito: o de, apesar da Censura vigilante, informar e valorizar os que representavam a cultura, o Progresso, a Liberdade.